UNE ✦ SACRA

Mitologia Nórdica

Saga dos Volsungos

✦ ✦ ✦

Anônimo (Islândia)

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Anônimo (Islândia)
Data	séc. XIII
Idioma original	Nórdico arcaico
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de William Morris e Eiríkr Magnússon (1888)
Fonte	Project Gutenberg — The Story of the Volsungs (William Morris e Eiríkr Magnússon, 1888), eBook 1152
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Saga dos Volsungos (Völsunga saga) foi escrita na Islândia no século XIII, por um autor desconhecido, a partir de poemas heroicos muito mais antigos — boa parte deles conservada na Edda Poética.

Conta a história de uma linhagem de heróis descendentes de Odin: Sigi, Rerir e Volsung; Sigmund e sua irmã Signy, e a vingança contra o rei Siggeir; e, principalmente, Sigurd, que com a espada Gram, refeita pelo ferreiro Regin, mata o dragão Fafnir e se apodera do tesouro amaldiçoado do anão Andvari.

Depois vêm o encontro com a valquíria Brynhild, o casamento de Sigurd com Gudrun por meio de uma poção de esquecimento, o ciúme que leva à morte dele, e a ruína dos Giukungos (os Nibelungos) na corte de Átila.

É a mesma matéria da Canção dos Nibelungos alemã, que inspirou o ciclo O Anel do Nibelungo, de Richard Wagner, e J. R. R. Tolkien.

A tradução inglesa é de Eiríkr Magnússon, bibliotecário islandês em Cambridge, e do poeta William Morris (1870; aqui na edição de 1888). As notas dos tradutores estão no

fim de cada capítulo.

O apêndice de Morris com poemas da Edda não entra: esses poemas já estão neste card, na tradução de Bellows.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/1152

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

I. De Sigi, o Filho de Odin

II. Do Nascimento de Volsung, Filho de Rerir, que era Filho de Sigi

III. Da Espada que Sigmund, Filho de Volsung, Tirou do Branstock

IV. Como o Rei Siggeir se Casou com Signy e Convidou o Rei Volsung e seu Filho para a Terra dos Godos

V. Da morte do rei Volsung

VI. De como Signy enviou os filhos dela e de Siggeir a Sigmund

VII. Do nascimento de Sinfjotli, filho de Sigmund

VIII. A Morte do Rei Siggeir e de Signy

IX. Como Helgi, filho de Sigmund, venceu o rei Hodbrod e conquistou seu reino, e se casou com Sigrun

X. O fim de Sinfjotli, filho de Sigmund

XI. Da última batalha do rei Sigmund e de como ele deve entregar sua espada outra vez

XII. Dos fragmentos da espada Gram e de como Hjordis foi até o rei Alf

XIII. Do nascimento e crescimento de Sigurd, o Matador de Fafnir

XIV. A história de Regin sobre seus irmãos e sobre o ouro chamado Tesouro de Andvari

XV. Da união dos fragmentos da espada Gram pela solda

XVI. A profecia de Grifir

XVII. Como Sigurd vingou Sigmund, seu pai

XVIII. Da morte da serpente Fafnir

XIX. Da morte de Regin, filho de Hreidmar

XX. Do encontro de Sigurd com Brynhild na montanha

XXI. Mais palavras sábias de Brynhild

XXII. Da aparência e dos trajes de Sigurd, matador de Fafnir

XXIII. Sigurd chega a Hlymdale

XXIV. Sigurd vê Brynhild em Hlymdale

XXV. Do sonho de Gudrun, filha de Giuki

XXVI. Sigurd chega aos giukingos e se casa com Gudrun

XXVII. O pedido de casamento a Brynhild

XXVIII. Como as rainhas trocaram palavras iradas durante o banho

XXIX. Da grande dor e do luto de Brynhild

XXX. Da morte de Sigurd, matador de Fafnir

XXXI. Do lamento de Gudrun por Sigurd morto, como se conta em antigos cantos

XXXII. Do fim de Brynhild

XXXIII. Gudrun se casa com Atli

XXXIV. Átli convida os Gjúkings

XXXV. Os sonhos das esposas dos Gjúkings

XXXVI. A viagem dos Gjúkings ao rei Átli

XXXVII. A batalha no salão do rei Átila

XXXVIII. Da morte dos Giukings

XXXIX. O fim de Atli, de seus parentes e de seu povo

XL. Como Gudrun se lançou ao mar, mas foi levada de volta à praia

XLI. Do casamento e da morte de Swanhild

XLII. Gudrun envia os filhos para vingar Swanhild

XLIII. O fim de toda a linhagem dos Giukings

I. DE SIGI, O FILHO DE ODIN

✦

1 Aqui começa a história, que conta de um homem chamado Sigi, a quem os homens chamavam filho de Odin; a história também fala de outro homem, chamado Skadi, homem importante e de grande força; mas Sigi era mais poderoso e de linhagem mais elevada, segundo diziam os homens daquele tempo. Ora, Skadi tinha um escravo de quem a história deve tratar um pouco, de nome Bredi, assim chamado por causa do trabalho que tinha de fazer; em valentia e força, ele se igualava a homens considerados mais dignos, e era até melhor que alguns deles.

2 Conta-se agora que, certa vez, Sigi saiu para caçar cervos, e o escravo foi com ele; caçaram cervos o dia inteiro, até o anoitecer; e, quando reuniram suas presas ao cair da noite, vejam, o que Bredi havia abatido era de longe maior e mais numeroso que a caça de Sigi; e isso lhe desagradou muito, e ele disse que era de causar grande espanto que um simples escravo o superasse na caça aos cervos: então o atacou e matou, e depois enterrou seu corpo numa acumulação de neve.

3 Então voltou para casa ao anoitecer e disse que Bredi havia se afastado dele a cavalo, entrando na mata selvagem. "Logo o perdi de vista", disse ele, "e nada mais sei dele."

4 Skadi desconfiou da história de Sigi e julgou que aquilo era uma mentira sua, e que ele teria matado Bredi. Então mandou homens procurá-lo, e a busca terminou quando o encontraram numa certa acumulação de neve; então Skadi disse que, dali em diante, os homens deveriam chamar aquela

acumulação de neve de Monte de Neve de Bredi; e, desde então, o povo seguiu esse costume, chamando assim toda acumulação de neve muito grande.

5 Assim ficou bem claro que Sigi havia matado o escravo, assassinando-o; por isso foi declarado um lobo em lugares sagrados, [1] e não pôde mais permanecer na terra com seu pai; então Odin o acompanhou para fora daquela terra, por um caminho muito, muito longo, e não parou até levá-lo a certos navios de guerra.

5.2 Assim Sigi passou a navegar e guerrear com as forças que seu pai lhe havia dado antes de se separarem; e teve sorte em suas guerras, e sempre venceu, até que, por fim, conquistou com elas terras e domínio; então tomou para si uma esposa nobre, tornou-se um rei grande e poderoso, governou a terra dos hunos e foi o maior dos guerreiros.

5.3 Teve com sua esposa um filho chamado Refir, que cresceu na casa de seu pai e logo se tornou alto e bem-feito.

6 [1] "Lobo em lugares sagrados", um homem excluído da sociedade por seus crimes, um fora da lei.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. DO NASCIMENTO DE VOLSUNG, FILHO DE RERIR, QUE ERA FILHO DE SIGI

✦

1 Ora, Sigi envelheceu e tinha muitos que o invejavam, de modo que, por fim, aqueles em quem mais confiava se voltaram contra ele; sim, até mesmo os irmãos de sua esposa; pois o atacaram quando ele estava mais desprevenido, quando poucos estavam com ele para resistir, e trouxeram tantos contra ele que o venceram, e ali caiu Sigi, e todos os seus homens com ele.

1.2 Mas Rerir, seu filho, não estava nessa desgraça, e reuniu entre seus amigos e os grandes homens da terra uma força tão poderosa que tomou para si tanto as terras quanto o reino de Sigi, seu pai; e agora, quando julgou estar firmemente estabelecido no governo, lembrou-se do que tinha contra os irmãos de sua mãe, que haviam matado seu pai.

1.3 Então o rei reuniu um exército poderoso e com ele atacou seus parentes, considerando que, embora desse pouca importância ao parentesco entre eles, ainda assim haviam sido eles os primeiros a lhe fazer mal. Assim cumpriu sua vontade, pois não abandonou a luta antes de matar todos os assassinos de seu pai, embora o feito parecesse terrível sob todos os aspectos.

1.4 Agora, pois, possuía terras, domínio e riquezas, e havia se tornado um homem mais poderoso que seu pai antes dele.

2 Rerir conquistou para si muitas riquezas na guerra e também se casou com uma mulher que julgava adequada para ele, e por muito tempo viveram juntos, mas não tiveram filho que recebesse a herança depois deles; e

ambos estavam muito descontentes com isso e rezavam aos deuses de coração e alma para que pudessem ter um filho.

2.2 E assim se conta que Odin ouviu sua prece, e Freyia também escutou o que lhe pediam: então ela, a quem nunca faltavam bons conselhos, chamou a jovem que carregava seu cofre, [1] filha do gigante Hrimnir, colocou uma maçã em sua mão e mandou que a levasse ao rei.

2.3 Ela tomou a maçã, vestiu a forma de uma gralha e saiu voando até chegar ao lugar onde o rei estava sentado sobre um monte, e ali deixou cair a maçã no colo do rei; ele tomou a maçã e julgou saber para que serviria; então voltou do monte para casa, para junto dos seus, foi até a rainha, e ela comeu uma parte daquela maçã.

3 Assim, como conta a história, a rainha logo soube que estava grávida, mas passou muito tempo sem que pudesse dar à luz a criança: então aconteceu que o rei precisou ir à guerra, segundo o costume dos reis, para manter sua própria terra em paz; e nessa viagem Rerir adoeceu e morreu, disposto a ir para a morada de Odin, coisa muito desejada por muitas pessoas naqueles dias.

4 Ora, o sofrimento da rainha continuou como antes, e ela não conseguia dar à luz, e seis invernos se passaram, com o sofrimento ainda pesando sobre ela; por fim, sentiu que não viveria muito; por isso mandou que lhe abrissem o ventre e tirassem a criança; e fizeram exatamente como ela ordenou; era um menino, grande desde o nascimento, como bem se podia esperar; e dizem que o pequeno beijou sua mãe antes que ela morresse; deram-lhe um nome, e ele foi chamado Volsung; e foi rei da terra dos hunos no lu-

gar de seu pai. Desde os primeiros anos era grande e forte, e cheio de ousadia em todos os feitos e provas de valor, e tornou-se o maior dos guerreiros, com boa sorte em todas as batalhas de suas guerras.

5 Quando ele chegou à idade adulta, o gigante Hrimnir lhe enviou sua filha Ljod; aquela de quem a história contou que levara a maçã a Rerir, pai de Volsung. Então Volsung se casou com ela; e por muito tempo viveram juntos com boa sorte e grande amor.

5.2 Tiveram dez filhos e uma filha, e o filho mais velho se chamava Sigmund, e a filha, Signy; esses dois eram gêmeos e, em tudo, os mais destacados e os mais belos entre os filhos do rei Volsung, e poderosos, como todos os seus descendentes; assim como há muito se conta desde os tempos antigos, nas histórias de outrora, com a maior fama entre todos os homens, que os Volsungs eram homens grandiosos e de espírito nobre, muito acima da maioria dos homens tanto em habilidade quanto em valentia e em todas as coisas elevadas e poderosas.

6 Conta a história que o rei Volsung mandou construir um salão magnífico de tal maneira que um grande carvalho ficava dentro dele, e os ramos da árvore floresciam belamente acima do telhado do salão, enquanto, embaixo, o tronco ficava em seu interior, e a esse tronco os homens chamavam Branstock.

7 [1] May (anglo-saxão "maeg"), uma donzela.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. DA ESPADA QUE SIGMUND, FILHO DE VOLSUNG, TIROU DO BRANSTOCK

✦

1 Havia um rei chamado Siggeir, que governava a terra dos godos, um rei poderoso e de muitos súditos; ele foi ao encontro do rei Volsung e lhe pediu sua filha Signy em casamento; o rei recebeu bem sua proposta, assim como seus filhos, mas ela não queria aceitá-la; ainda assim, pediu que seu pai decidisse isso, como decidia todas as outras coisas que lhe diziam respeito; então o rei tomou a decisão [1] de dá-la a ele, e ela ficou prometida ao rei Siggeir; e, para a realização da festa e do casamento, o rei Siggeir deveria ir à casa do rei Volsung. O rei preparou a festa da melhor maneira que pôde, e, quando tudo estava pronto, chegaram os convidados do rei, assim como o rei Siggeir, no dia marcado, e Siggeir trazia consigo muitos homens de grande importância.

2 Conta a história que grandes fogueiras foram acesas ao longo do salão, e a grande árvore já mencionada ficava bem no meio dele; ademais, dizem que, quando os homens estavam sentados junto às fogueiras à noite, entrou no salão um homem cujo rosto ninguém conhecia; e assim estava vestido: trazia sobre si um manto malhado, estava descalço e usava calças de linho bem justas às pernas, e tinha uma espada na mão enquanto se aproximava do Branstock, e um chapéu de aba caída na cabeça: era enorme, parecia muito velho e tinha um só olho. [2] Então desembainhou a espada e a cravou no tronco da árvore, de modo que ela entrou até o punho; e todos se abstiveram de saudar o homem. Então ele tomou a palavra e disse:

3 "Quem tirar esta espada deste tronco a receberá como presente meu, e verá de fato que nunca teve nas mãos espada melhor que esta."

4 Então o velho saiu do salão, e ninguém soube quem ele era nem para onde foi.

5 Então os homens se levantaram, e ninguém queria ser o último a pôr a mão na espada, pois julgavam que levaria vantagem quem primeiro a tocasse; assim, os mais nobres foram primeiro, e depois os demais, um após outro; mas nenhum dos que se aproximaram conseguiu tirá-la, pois ela não saía de modo algum, por mais que a puxassem; então se aproximou Sigmund, filho do rei Volsung, pôs a mão na espada e a tirou do tronco, como se ela estivesse solta diante dele; aquela arma pareceu tão boa a todos que ninguém julgava ter visto antes uma espada igual, e Siggeir quis comprá-la dele por três vezes seu peso em ouro, mas Sigmund disse:

6 "Você poderia ter tirado a espada de onde estava tanto quanto eu, se lhe tivesse cabido carregá-la; mas agora, como ela veio primeiro às minhas mãos, você nunca a terá, mesmo que ofereça por ela todo o ouro que possui."

7 O rei Siggeir ficou furioso com essas palavras e julgou que Sigmund lhe havia respondido com desprezo; mas, como era um homem cauteloso e dissimulado, fingiu não dar nenhuma importância ao assunto; porém, naquela mesma noite, pensou em como poderia retribuir aquilo, como bem se viu depois.

8 [1] Rede (anglo-saxão raed), conselho, orientação, um relato ou profecia.

[9] [2] O homem é Odin, que sempre é representado assim porque deu seu olho como penhor por um gole da fonte de Mimir, a origem de toda a sabedoria.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. COMO O REI SIGGEIR SE CASOU COM SIGNY E CONVIDOU O REI VOLSUNG E SEU FILHO PARA A TERRA DOS GODOS

✦

1 Conta-se agora que Siggeir se deitou com Signy naquela noite, e, na manhã seguinte, o tempo estava bom; então o rei Siggeir disse que não ficaria, para que o vento não se tornasse mais forte nem o mar ficasse intransponível; e não se diz que Volsung ou seus filhos o impediram nisso, ainda menos porque viam que ele estava ansioso para sair da festa. Mas então Signy disse a seu pai:

2 "Não tenho vontade de partir com Seggeir; meu coração tampouco se alegra com ele, e sei, por meu pressentimento e pelo espírito protetor [1] de nossa família, que desta decisão nos virá um grande mal, se este casamento não for desfeito depressa."

3 "Não fale assim, filha!", disse ele, "pois será uma grande vergonha para ele, e também para nós, quebrar o compromisso com ele, sendo ele inocente; [2] e em nada poderemos confiar nele, nem teremos sua amizade, se rompermos esse acordo; ele nos retribuirá da pior maneira que puder; pois só uma coisa é digna: cumprir fielmente a palavra dada."

4 Então o rei Siggeir se preparou para voltar para casa e, antes de sair da festa, convidou o rei Volsung, seu sogro, a visitá-lo na terra dos godos, com todos os seus filhos, quando se passassem três meses, e a trazer consigo a comitiva que desejasse e julgasse adequada à sua honra; e com isso o rei Sig-

geir queria compensar as falhas da festa de casamento, pois só quisera permanecer ali por uma noite, coisa contrária ao costume dos homens. Então o rei Volsung deu sua palavra de que viria no dia marcado, e os parentes por casamento se despediram, e Siggeir voltou para casa com sua esposa.

[5] [1] Fetch: aparição ou espírito familiar.

[6] [2] Sackless (anglo-saxão "sacu", islandês "sok"), inocente.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. DA MORTE DO REI VOLSUNG

✦

1 Conta agora a história do rei Volsung e de seus filhos que, no tempo marcado, eles foram à Terra dos Godos a convite do rei Siggeir, e partiram em três navios, todos bem tripulados, tiveram uma boa viagem e chegaram à Terra dos Godos ao cair da noite.

2 Mas, naquela mesma noite, Signy veio e chamou seu pai e seus irmãos para uma conversa em particular, e lhes contou o que julgava que o rei Siggeir pretendia fazer, e como ele havia reunido um exército que ninguém poderia enfrentar.

2.2 "E", disse ela, "ele pretende agir traiçoeiramente contra vocês; por isso, peço que voltem à sua terra, reúnam a maior força que puderem e então retornem aqui para se vingar. Não caminhem agora para a própria ruína, pois certamente cairão nas armadilhas dele se não se voltarem contra ele como lhes aconselho."

3 Então falou o rei Volsung: "Todos os povos e nações contarão as palavras que pronunciei ainda antes de nascer, quando fiz o voto de que não fugiria por medo nem do fogo nem da espada. Assim tenho agido até agora, e me afastaria desse voto agora que estou velho? Ademais, jamais as moças zombarão destes meus filhos nos jogos, gritando que eles temem a morte.

3.2 Todos os homens devem morrer uma única vez, e ninguém escapará dessa hora. Por isso, meu conselho é que não fujamos para lugar algum, mas façamos o trabalho de nossas mãos com toda a coragem de que formos capazes. Travei cem combates, ora com mais homens, ora com menos, e sempre obtive a vitória; jamais se ouvirá dizer que fugi ou pedi paz."

4 Então Signy chorou amargamente e pediu que não precisasse voltar para o rei Siggeir, mas o rei Volsung respondeu:

5 "Você certamente voltará para seu marido e ficará com ele, aconteça o que acontecer conosco."

6 Assim, Signy voltou para casa, e eles permaneceram ali naquela noite. Mas, pela manhã, assim que o dia nasceu, Volsung mandou seus homens se levantarem, desembarcarem e se prepararem para a batalha. Então todos desembarcaram, completamente armados, e não tiveram de esperar muito até que Siggeir os atacasse com todo o seu exército, e entre eles se travou um combate feroz.

6.2 Siggeir gritava com toda a força para que seus homens avançassem. E assim conta a história que, naquele dia, o rei Volsung e seus filhos atravessaram oito vezes as fileiras dos homens de Siggeir, golpeando e cortando para ambos os lados; mas, quando tentaram fazê-lo mais uma vez, o rei Volsung caiu entre os seus, e com ele todos os seus homens, salvo seus dez filhos, pois a força que os enfrentava era maior do que podiam resistir.

7 Mas agora todos os seus filhos foram capturados, amarrados e levados embora. E Signy soube que seu pai havia sido morto e seus irmãos capturados e condenados à morte; então chamou o rei Siggeir à parte para conversar e disse:

8 "Isto lhe peço: não mande matar meus irmãos às pressas, mas deixe que fiquem algum tempo presos no tronco, pois me vem à lembrança o ditado: 'Doce aos olhos enquanto se pode ver'. Mas não peço que lhes prolongue a vida, pois sei bem que meu pedido de nada adiantará."

9 Então Siggeir respondeu:

10 "Certamente você está louca e sem juízo, pedindo assim mais sofrimento para seus irmãos do que se fossem mortos agora. Mas concederei isso, pois quanto mais tiverem de suportar e quanto mais longa for sua dor antes que a morte lhes venha, mais isso me agrada."

11 Então ele mandou fazer como ela havia pedido, e uma grande viga foi trazida e presa aos pés daqueles dez irmãos, em certo lugar da floresta selvagem, e ali ficaram sentados o dia inteiro, até a noite. Mas, à meia-noite, enquanto estavam presos no tronco, uma loba saiu da floresta e veio até eles. Era velha, grande e de aspecto maligno; e a primeira coisa que fez foi morder um daqueles irmãos até matá-lo, e então o devorou e seguiu seu caminho.

12 Na manhã seguinte, Signy enviou aos irmãos um homem em quem muito confiava, para saber das notícias. Quando ele voltou, contou-lhe que um deles estava morto, e ela considerou terrível e doloroso que todos viessem a ter o mesmo destino, mas nada podia fazer por eles.

13 Pouco há que contar sobre isso: durante nove noites seguidas, a loba veio à meia-noite e, a cada noite, matou e devorou um dos irmãos, até que todos estavam mortos, salvo apenas Sigmund.

13.2 Então, antes que chegasse a décima noite, Signy enviou aquele homem de confiança a Sigmund, seu irmão, e lhe entregou mel, mandando que o espalhasse no rosto de Sigmund e pusesse um pouco em sua boca. Ele foi até Sigmund e fez o que lhe havia sido ordenado, depois voltou para casa.

13.3 Na noite seguinte, a loba veio como de costume, para matá-lo e devorá-lo como fizera com seus irmãos. Mas então farejou o cheiro que vinha dele, pois estava untado de mel, e lambeu todo o seu rosto com a língua,

depois enfiou a língua na boca dele. Sigmund não teve medo, mas prendeu a língua da loba entre os dentes.

13.4 Ela recuou com tanta força e puxou para se soltar com tamanho vigor, apoiando as patas no tronco, que ele se partiu por inteiro. Mas Sigmund continuou segurando com tanta firmeza que a língua foi arrancada pela raiz, e disso ela morreu.

14 Mas alguns dizem que essa mesma loba era a mãe do rei Siggeir, que havia assumido aquela forma por meio de saberes de trolls e feitiçaria.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. DE COMO SIGNY ENVIOU OS FILHOS DELA E DE SIGGEIR A SIGMUND

✦

1 Agora que Sigmund estava solto e o tronco quebrado, ele passou a viver na floresta e ali se manteve. Mas Signy enviou mais uma vez pessoas para saber das notícias, se Sigmund estava vivo ou não. Quando os enviados chegaram até ele, contou-lhes tudo o que havia acontecido e como se passara o encontro entre ele e a loba. Então voltaram para casa e deram as notícias a Signy.

1.2 Ela foi encontrar seu irmão, e os dois combinaram construir uma casa subterrânea na floresta selvagem. Assim as coisas seguiram por algum tempo, com Signy escondendo-o ali e enviando-lhe tudo de que precisava; mas o rei Siggeir julgava que todos os Volsungs estavam mortos.

2 Siggeir tinha dois filhos com sua esposa, e conta-se que, quando o mais velho tinha dez invernos de idade, Signy o enviou a Sigmund, para que pudesse ajudá-lo, caso ele tentasse de algum modo vingar seu pai. Assim, o menino foi à floresta e chegou ao abrigo subterrâneo de Sigmund no fim da tarde. Sigmund o recebeu de maneira cordial e disse que ele deveria preparar o pão dos dois. "Quanto a mim", disse ele, "irei buscar lenha."

3 Com isso, entregou-lhe o saco de farinha e foi buscar lenha. Mas, quando voltou, o menino não havia feito nada para preparar o pão. Então Sigmund perguntou se o pão estava pronto.

4 O menino respondeu: "Não ousei pôr a mão no saco de farinha, porque havia alguma coisa viva dentro dela."

5 Então Sigmund julgou perceber que o menino não tinha a coragem que ele desejava encontrar em um companheiro. E, quando se encontrou com sua irmã, Sigmund disse que a presença do menino não o deixava mais perto de contar com a ajuda de um homem.

6 Então Signy disse: "Pegue-o e mate-o, pois por que alguém assim deveria viver mais?" E foi isso que ele fez.

7 Assim passou aquele inverno, e no inverno seguinte Signy enviou seu outro filho a Sigmund. Não há necessidade de alongar o relato, pois tudo se passou da mesma maneira, e ele matou a criança a conselho de Signy.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. DO NASCIMENTO DE SINFJOTLI, FILHO DE SIGMUND

✦

1 Certa vez, quando Signy estava sentada em seu aposento, veio até ela uma feiticeira muito habilidosa, e Signy lhe disse: "Desejo que troquemos de aparência uma com a outra."

2 Ela respondeu: "Que seja como você deseja."

3 E assim, por suas artes, ela fez com que trocassem de aparência. A feiticeira ficou no lugar de Signy, conforme o plano dela, e naquela noite foi deitar-se ao lado do rei, que não percebeu que tinha consigo outra mulher além de Signy.

4 Mas a história conta que Signy foi ao abrigo subterrâneo de seu irmão e lhe pediu hospedagem por aquela noite. "Pois me perdi andando pela floresta e não sei para onde vou."

5 Ele disse que ela poderia ficar e que não recusaria abrigo a uma mulher sozinha, julgando que ela dificilmente retribuiria sua hospitalidade espalhando histórias a seu respeito. Assim, ela entrou na casa, e os dois se sentaram para comer. Os olhos dele se voltavam muitas vezes para ela, e ele a achou uma mulher bela e formosa. Quando terminaram de comer, ele lhe disse que desejava muito que compartilhassem uma única cama naquela noite. Ela não se opôs, e assim, por três noites seguidas, ele a deitou ao seu lado.

6 Depois disso, ela voltou para casa, encontrou a feiticeira e mandou que trocassem de aparência de novo, e assim ela fez.

7 Com o passar do tempo, Signy deu à luz um menino, que recebeu o nome de Sinfjotli. Ao crescer, ele se tornou grande e forte, de belo rosto e muito parecido com a família dos Volsungs. Mal tinha dez invernos de idade quando ela o enviou ao abrigo subterrâneo de Sigmund.

7.2 Mas, antes de enviar seus outros filhos a Sigmund, ela os havia submetido a esta prova: costurara luvas em suas mãos, atravessando a carne e a pele, e eles tinham suportado mal aquilo e gritado de dor. Ela fez o mesmo com Sinfjotli, e ele não alterou em nada a expressão do rosto.

7.3 Então ela arrancou a túnica, de modo que a pele saiu junto com as mangas, e disse que aquilo já seria tormento suficiente para ele. Mas ele disse:

8 "Bem pouco Volsung teria sentido uma dor como esta."

9 Assim, o menino chegou a Sigmund, e Sigmund mandou que ele amassasse a farinha dos dois enquanto ia buscar lenha. Entregou-lhe o saco de farinha e foi buscar a madeira; quando voltou, Sinfjotli já havia terminado de assar o pão. Então Sigmund perguntou se ele não havia encontrado nada na farinha.

10 "Desconfiei que havia alguma coisa viva na farinha quando comecei a amassá-la, mas amassei tudo junto, tanto a farinha quanto o que estava dentro dela, fosse o que fosse."

11 Então Sigmund riu alto e disse:

12 "Você não comerá nada deste pão esta noite, pois amassou com ele a mais mortal das serpentes [1]."

[13] Sigmund era um homem tão poderoso que podia comer veneno sem sofrer dano algum. Sinfjotli, contudo, podia suportar qualquer veneno que tocasse a parte externa de seu corpo, mas não podia comê-lo nem bebê-lo.

[14] [1] Serpentes.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. A MORTE DO REI SIGGEIR E DE SIGNY

✦

1 Conta a história que Sigmund achava Sinfjotli jovem demais para ajudá-lo em sua vingança e queria primeiro fortalecê-lo com feitos de coragem; assim, no verão, os dois percorrem longas distâncias pelas florestas e matam homens para tomar suas riquezas. Sigmund acha que ele se parece muito com a linhagem dos Volsungos, embora pense que seja filho de Siggeir, e julga que tenha o coração perverso do pai, junto com a força e a ousadia dos Volsungos; ainda assim, não pode considerá-lo de modo algum um homem dedicado à própria família, pois muitas vezes ele trazia à memória de Sigmund as injustiças que sofrera e o incitava a matar o rei Siggeir.

2 Certa vez, enquanto percorrem a floresta em busca de riquezas, encontram uma casa e, dentro dela, dois homens adormecidos, com grandes anéis de ouro. Esses dois eram homens que mudavam de pele, presos por um encantamento, [1] e havia peles de lobo penduradas sobre eles na casa; a cada décimo dia podiam sair daquelas peles, e eram filhos de reis.

2.2 Então Sigmund e Sinfjofli vestem as peles de lobo e já não conseguem sair delas de modo algum, embora conservem a mesma natureza de antes; uivavam como lobos, mas ambos entendiam o significado daqueles uivos.

2.3 Ficaram ao relento na floresta selvagem, e cada um seguiu seu caminho; fizeram entre si um acordo de que enfrentariam o ataque de sete homens, mas não mais, e que aquele que fosse atacado primeiro deveria uivar como um lobo.

2.4 "Não nos afastemos deste acordo", diz Sigmund, "pois és jovem e ousado demais, e os homens te considerarão uma boa presa quando te capturarem."

3 Então cada um segue seu caminho e, depois de se separarem, Sigmund encontra alguns homens e solta um uivo de lobo; ao ouvi-lo, Sinfjotli vai imediatamente até lá e mata todos eles, e mais uma vez os dois se separam. Mas, antes que Sinfjotli tenha andado muito pela floresta, onze homens o encontram, e ele luta de tal modo que mata todos eles; cansado com isso, arrasta-se para debaixo de um carvalho e ali descansa. Então Sigmund chega até lá e diz:

4 "Por que não me chamaste?"

5 Sinfjotli disse: "Não quis pedir tua ajuda para matar onze homens."

6 Então Sigmund se lançou contra ele com tanta força que ele cambaleou e caiu, e Sigmund o mordeu na garganta. Naquele dia, eles não podiam sair de suas peles de lobo; mas Sigmund põe o outro nas costas e o leva para a casa, amaldiçoa as vestes de lobo e as entrega aos trolls.

6.2 Certo dia, viu duas doninhas andando e observou como uma mordeu a outra na garganta, depois correu direto para o matagal, pegou uma folha e a colocou sobre a ferida; com isso, sua companheira se levantou de um salto, completamente curada.

6.3 Então Sigmund saiu e viu um corvo voando em sua direção com uma folha daquela mesma erva; ele a pegou e a passou sobre a ferida de Sinfjotli, que logo se levantou de um salto, tão são como se nunca tivesse sido ferido.

6.4 Depois disso, voltaram para sua morada subterrânea e ficaram ali até chegar o momento de abandonar as formas de lobo; então as queimaram no fogo e pediram que elas não tornassem a causar mal a ninguém. Mas, sob aquela estranha aparência, realizaram muitos feitos famosos no reino e nos domínios do rei Siggeir.

7 Quando Sinfjotli chegou à idade adulta, Sigmund julgou que já o havia posto suficientemente à prova e, pouco tempo depois, voltou seus pensamentos para a vingança de seu pai, caso fosse possível realizá-la.

7.2 Assim, certo dia, os dois saem de sua morada subterrânea e chegam à residência do rei Siggeir no fim da tarde; entram no pórtico diante do salão, onde havia tonéis de cerveja, e ali se escondem. A rainha percebe que eles estão ali e deseja encontrá-los; quando se encontram, deliberam juntos e concordam que Volsung deverá ser vingado naquela mesma noite.

8 Signy e o rei tinham dois filhos pequenos, que brincavam com um brinquedo de ouro no chão e o faziam rolar pelo piso do salão, correndo ao lado dele; mas um anel de ouro se solta do brinquedo e vai rolando até o lugar onde Sigmund e Sinfjotli estavam escondidos.

8.2 O pequeno corre para procurá-lo e vê dois homens sentados, grandes e de aparência feroz, com elmos que lhes avançavam sobre o rosto e cotas de malha brancas e reluzentes; [2] então corre pelo salão até seu pai e lhe conta o que viu, e o rei suspeita de alguma armadilha preparada contra ele.

8.3 Mas Signy ouviu a conversa, levantou-se, pegou as duas crianças e saiu até o pórtico, onde estavam os dois, e disse:

9 "Vejam! Estes pequenos denunciaram vocês; venham agora e matem os dois!"

10 Sigmund diz: "Jamais matarei teus filhos por contarem onde eu estava escondido."

11 Mas Sinfjotli deu pouca importância a isso, desembainhou a espada, matou os dois e os lançou para dentro do salão, aos pés do rei Siggeir.

12 Então o rei se levantou e gritou a seus homens que prendessem aqueles que haviam ficado escondidos no pórtico durante a noite. Eles correram até lá e tentaram agarrá-los, mas os dois se defenderam bem e com coragem, e quem chegou mais perto deles se lembrou disso por muito tempo; no fim, contudo, foram dominados por muitos homens e capturados, amarrados e postos em grilhões, nos quais ficaram a noite inteira.

13 Então o rei pensa na morte mais demorada e cruel que poderá lhes dar; quando chega a manhã, manda erguer um grande túmulo de pedras e torrões de relva. Depois de pronto, manda colocar bem no meio dele uma grande pedra achatada, com uma borda para cima e a outra para baixo; era tão grande que ia de uma parede à outra, de modo que ninguém podia passar por ela.

14 Então ordena que levem Sigmund e Sinfjotli e os coloquem no túmulo, um de cada lado da pedra, pois julgava que seria pior para eles se pudessem ouvir um ao outro falar, mas nenhum pudesse chegar até o outro. Enquanto cobriam o túmulo com placas de relva, Signy chegou trazendo palha, jogou-a para Sinfjotli e ordenou aos escravos que escondessem aquilo do rei; eles concordaram, e assim o túmulo foi fechado.

15 Mas, quando a noite caiu, Sinfjotli disse a Sigmund: "Parece que não nos faltará comida por algum tempo, pois a rainha lançou aqui no túmulo carne de porco envolta em palha."

16 Ao mexer na carne, ele descobre que a espada de Sigmund fora enfiada nela; reconheceu-a pelo punho, por mais escuro que estivesse o túmulo, e contou isso a Sigmund, o que muito alegrou os dois.

17 Então Sinfjotli cravou a ponta da espada na grande pedra e a puxou com força, e a espada cortou a pedra. Com isso, Sigmund segurou a espada pela ponta e, dessa maneira, os dois serraram a pedra entre eles, sem parar até terem serrado tudo o que era preciso, como diz a canção:

18 "Sinfjotli serrou
E Sigmund serrou,
Com toda a força, em duas
A pedra se partiu."

19 Agora os dois estão juntos e livres dentro do túmulo, e logo cortam a pedra e o ferro e conseguem sair. Então vão até o salão, enquanto todos dormem ali, levam madeira para junto dele e ateiam fogo; os que estão lá dentro acordam com a fumaça e com o salão ardendo sobre suas cabeças.

20 Então o rei grita: "Quem acendeu este fogo em que estou queimando?"

21 "Aqui estou eu", diz Sigmund, "com Sinfjotli, filho de minha irmã; e queremos que saibas muito bem que nem todos os Volsungos estão mortos."

22 Então ele chamou a irmã para sair e receber de suas mãos toda sorte de coisas boas e grandes honras, e assim uma justa compensação por todos os seus sofrimentos.

23 Mas ela respondeu: "Presta atenção agora e considera se mantive na memória o rei Siggeir e o assassinato do rei Volsung que ele cometeu! Deixei que matassem meus dois filhos, que julguei inúteis para vingar nosso pai, e fui até ti na floresta sob a aparência de uma feiticeira; e agora vê: Sinfjotli é filho de nós dois, de ti e de mim!

23.2 Por isso ele tem tamanha coragem e ferocidade, pois é filho tanto do filho de Volsung quanto da filha de Volsung; e foi por isso, e por nada mais, que agi assim, para que Siggeir encontrasse enfim sua morte.

23.3 Fiz todas essas coisas para que a vingança caísse sobre ele e para que eu também não vivesse muito; e agora morrerei alegremente com o rei Siggeir, embora nenhuma alegria tenha tido ao me casar com ele."

24 Então ela beijou Sigmund, seu irmão, e Sinfjotli, voltou para o fogo e ali morreu com o rei Siggeir e todos os seus bons homens.

25 Mas os dois parentes reuniram homens e navios, e Sigmund voltou à terra de seu pai e expulsou dali o rei que havia se instalado no lugar do rei Volsung.

26 Assim Sigmund se tornou um rei poderoso e de grande fama, sábio e de espírito nobre. Tinha por esposa uma mulher chamada Borghild, e os dois tiveram dois filhos, um chamado Helgi e o outro Hamund; quando Helgi nasceu, as Nornas vieram até ele, [3] pronunciaram palavras sobre ele e disseram que, no futuro, seria o mais célebre de todos os reis.

26.2 Nesse mesmo momento, Sigmund voltara das guerras e lhe deu o nome de Helgi, e estas coisas como sinais disso: Terra dos Anéis, Colina Iluminada pelo Sol e Espada de Corte Afiado; e pediu que ele crescesse com grande fama e semelhante à linhagem dos Volsungos.

27 E assim ele cresceu com espírito nobre, muito amado e superior a todos os outros homens em todas as proezas; e a história conta que foi para as guerras quando tinha quinze invernos de idade. Helgi era senhor e comandante do exército, mas Sinfjotli se tornou seu companheiro nessa função; assim, os dois o comandavam.

28 [1] Antigamente, acreditava-se por toda parte nos "homens que mudavam de pele", tanto na Islândia como em outros lugares, como se vê em várias passagens da história de Ari, especialmente no episódio de Dufthach e Storwolf de Whale.

28.2 Homens com o poder de se tornar lobos de tempos em tempos, obrigados a isso no presente caso, os lobisomens ou "loupsgarou", ocupam um grande espaço nas narrativas medievais, mas eram igualmente conhecidos na Antiguidade clássica. A crença neles ainda persiste em partes da Europa onde há lobos.

28.3 Heródoto fala dos neuros, que assumiam uma vez por ano a forma de lobos; Plínio diz que um membro da família de Anteu, escolhido por sorteio a cada ano, tornava-se lobo e assim permanecia por nove anos; Giraldo Cambrense afirma que os irlandeses podem se tornar lobos; e Nênio declara categoricamente que "os descendentes dos lobos ainda estão em Ossory"; eles se transformam de novo em lobos quando mordem.

28.4 Apuleio, Petrônio e Luciano têm histórias semelhantes. O imperador Sigismundo convocou no século XV um concílio de teólogos, que decidiram que os lobisomens existiam.

29 [2] Byrny (anglo-saxão "byrne"), cota de malha, couraça.

30 [3] "As Nornas vieram até ele." As Nornir são as divindades do destino na mitologia nórdica. São três: "Urd", o passado; "Verdandi", o presente; e "Skuld", o futuro. Elas se sentam ao lado da fonte de Urd ("Urdarbrunur"), que fica sob uma das raízes de "Yggdrasil", a árvore do mundo, e têm a tarefa de nutrir essa árvore, regando-a com as águas da fonte.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. COMO HELGI, FILHO DE SIGMUND, VENCEU O REI HODBROD E CONQUISTOU SEU REINO, E SE CASOU COM SIGRUN

✦

1 Conta a história que Helgi, em suas guerras, encontrou um rei chamado Hunding, um rei poderoso, senhor de muitos homens e muitas terras; os dois entraram em batalha, e Helgi avançou com grande força, e o combate terminou com a vitória de Helgi, enquanto o rei Hunding caiu, e muitos de seus homens com ele; e considera-se que a fama de Helgi cresceu muito por ter matado um rei tão poderoso.

2 Então os filhos de Hunding reúnem um grande exército para vingar seu pai. Dura foi a luta entre eles; mas Helgi atravessa as tropas dos irmãos até chegar ao estandarte deles, e ali mata esses filhos de Hunding, Alf e Eyolf, Herward e Hagbard, e conquista uma grande vitória.

3 Quando Helgi voltava da batalha, encontrou muitas mulheres muito belas e de aparência nobre, que cavalgavam em trajes de extraordinário esplendor; mas uma delas superava de longe todas as outras; então Helgi perguntou o nome daquela que era sua senhora e rainha, e ela disse que se chamava Sigrun e era filha do rei Hogni.

4 Então Helgi disse: "Venham conosco para casa: serão muito bem recebidas!"

5 Então a filha do rei disse: "Temos outra tarefa pela frente além de beber com você."

6 "Sim, e que tarefa é essa, filha de rei?", perguntou Helgi.

7 Ela responde: "O rei Hogni me prometeu a Hodbrod, filho do rei Granmar, mas fiz um juramento de que não o aceitarei como marido, assim como não aceitaria se ele fosse filho de um corvo, e não de um rei; ainda assim, isso acontecerá, a menos que você impeça, marche contra ele com um exército e me leve consigo; pois, na verdade, não há rei com quem eu prefira compartilhar o leito a você."

8 "Tenha coragem, filha de rei", diz ele, "pois certamente ele e eu resolveremos essa questão antes que você seja entregue a ele; sim, veremos qual de nós poderá vencer o outro; e nisso empenho minha vida."

9 Depois disso, Helgi enviou homens com dinheiro em mãos para convocar seu povo, e todas as suas forças foram reunidas em Red-Berg; e ali Helgi permaneceu até que uma grande tropa veio ao seu encontro de Hedinsey; junto com ela, chegaram forças poderosas do estreito de Norvi, a bordo de navios grandes e belos. Então o rei Helgi chamou o comandante de seus navios, que se chamava Leif, e perguntou se ele havia contado os homens de seu exército.

10 "Não é coisa fácil de contar, senhor", diz ele, "nos navios que vieram do estreito de Norvi há doze mil homens, e nos outros lugares há mais metade desse número."

11 Então o rei Helgi ordenou que entrassem no fiorde chamado fiorde de Varin, e assim fizeram; mas caiu sobre eles uma tempestade tão feroz, e o mar se tornou tão violento, que o estrondo das ondas contra os costados e

as proas soava como o choque de altas montanhas que se despedaçavam.

12 Mas Helgi ordenou aos homens que nada temessem, nem recolhessem vela alguma, e sim erguessem cada pano ainda mais alto do que antes; mas por pouco não naufragaram antes de alcançar a terra; então Sigrun, filha do rei Hogni, desceu à praia com um grande exército e os desviou dali para um bom porto chamado Gnipalund; mas os habitantes da terra veem o que aconteceu e descem à beira-mar.

12.2 O irmão do rei Hodbrod, senhor de uma terra chamada Túmulo de Swarin, gritou para eles e perguntou quem comandava aquele poderoso exército. Então Sinfjotli se levanta, com um elmo na cabeça, brilhante como vidro, e uma cota de malha branca como a neve; uma lança na mão, com um estandarte famoso preso a ela, e um escudo com borda de ouro pendurado à sua frente; e ele bem sabia com que palavras falar aos reis:

13 "Vá dizer, quando tiver terminado de alimentar seus porcos e seus cães, e quando tornar a ver sua mulher, que os Volsungos chegaram, e nesta companhia se pode encontrar o rei Helgi, se Hodbrod quiser encontrá-lo, pois seu divertimento e sua alegria são lutar e conquistar fama, enquanto você beija as criadas à beira do fogo."

14 Então Granmar respondeu: "Você não sabe dizer coisas decentes nem contar os acontecimentos lembrados desde os tempos antigos, pois lança mentiras contra chefes e senhores; é bem provável que tenha se alimentado por muito tempo de carne de lobo nas florestas selvagens e matado seus irmãos; e é espantoso ver que ousa se juntar à companhia de homens bons e leais, você, que sugou o sangue de tantos cadáveres frios."

15 Sinfjotli respondeu: "Parece que sua memória agora se apagou, e você já não lembra de quando era uma bruxa em Varinsey, desejava ter um homem e me escolheu, entre todos do mundo, para esse papel; nem de como depois foi uma valquíria [1] em Asgard, e por pouco não fez todos os homens lutarem por seu doce amor; e gerei em seu corpo nove filhotes de lobo em Lowness, e fui o pai de todos eles."

16 Granmar responde: "Você tem grande talento para mentir; mas é bem provável que não possa ser pai de coisa alguma, pois foi castrado pelas filhas do gigante de Thrasness; e veja, você é enteado do rei Siggeir, e costumava se deitar nos ermos e nas matas com a raça dos lobos; e maldita foi a mão com que matou seus irmãos, fazendo para si um nome terrivelmente mau."

17 Sinfjotli disse: "Então não se lembra de quando era a égua do garanhão Grani, e de como montei em você a passo de marcha em Bravoll, e de que depois foi pastor das cabras do gigante Golnir?"

18 Granmar diz: "Prefiro alimentar as aves com sua carne a continuar discutindo com você."

19 Então o rei Helgi falou: "Seria melhor para vocês, e um feito mais viril, lutar, em vez de dizer coisas que dão vergonha até de ouvir; os filhos de Granmar não são amigos meus nem dos meus, mas ainda assim são homens valentes."

20 Então Granmar partiu a cavalo ao encontro do rei Hodbrod, num lugar chamado Sunfells, e os cavalos dos dois se chamavam Sveipud e Sveggjud. Os irmãos se encontraram no pórtico do castelo, e Granmar contou a Hod-

brod as notícias da guerra. O rei Hodbrod vestia uma cota de malha e trazia o elmo na cabeça; ele perguntou:

21 "Que homens estão por perto, e por que vocês parecem tão furiosos?"

22 Granmar diz: "Os Volsungos chegaram, e doze mil de seus homens estão nos navios ao largo da costa, e sete mil estão na ilha chamada Sok, mas no lugar chamado Grindur está a maior tropa de todas, e agora também julgo que Helgi e seus companheiros têm muita vontade de travar batalha."

23 Então o rei disse: "Vamos enviar uma mensagem por todo o nosso reino e marchar contra eles, e que nenhum homem disposto a lutar fique ocioso em casa; vamos mandar avisar os filhos de Ring, o rei Hogni e Alf, o Velho, pois são guerreiros poderosos."

24 Assim, os exércitos se encontraram em Wolfstone, e ali houve uma batalha feroz; Helgi avançou através das tropas inimigas, e muitos homens caíram ali; por fim, avistaram uma grande tropa de donzelas guerreiras, que pareciam chamas ardentes, e com elas chegara Sigrun, a filha do rei. Então o rei Helgi atacou o rei Hodbrod, golpeou-o e o matou bem debaixo de seu próprio estandarte; e Sigrun gritou:

25 "Receba meus agradecimentos por seu feito tão valente! Agora dividiremos a terra entre nós, e este é um dia de grande felicidade para mim, e por esse feito você receberá honra e fama, pois derrubou por terra um rei tão poderoso."

26 Assim Helgi tomou posse daquele reino e ali viveu por muito tempo, depois de se casar com Sigrun, e se tornou um rei de grande honra e fama, embora não tenha mais parte nesta história.

[27] [1] Valkyrja, "A que escolhe os eleitos". Assim eram chamadas as mulheres que Odin enviava para escolher os que morreriam em batalha e se juntariam aos "Einherjar" no salão dos eleitos, "Val-holl".

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. O FIM DE SINFJOTLI, FILHO DE SIGMUND

✦

1 Agora os Volsungos voltam para casa, tendo conquistado grande fama com esses feitos. Mas Sinfjotli voltou a se dedicar à guerra; e nessa ocasião viu uma mulher de extraordinária beleza e a desejou acima de todas as coisas; mas essa mesma mulher também era cortejada pelo irmão de Borghild, a esposa do rei; e os dois resolveram a questão em combate, e Sinfjotli matou aquele rei; depois disso, fez incursões por toda parte, travou muitas batalhas e saiu vitorioso; e assim se tornou mais honrado e famoso do que todos os homens; mas no outono voltou para casa com muitos navios e riquezas abundantes.

2 Então contou as novidades ao rei, seu pai, e este, por sua vez, à rainha, que mandou Sinfjotli sair do reino e deu a entender que de modo algum queria vê-lo. Mas Sigmund disse que não o expulsaria, e ofereceu a ela ouro e grandes riquezas como compensação pela vida de seu irmão, embora dissesse que nunca antes havia pago a ninguém uma indenização por morte [1] pelo assassinato de um homem, mas que não havia glória em defender uma injustiça contra uma mulher.

3 Assim, vendo que não conseguiria o que queria nessa questão, ela disse: "Que seja feita a sua vontade nisso, meu senhor, pois assim é adequado."

4 E então ela realiza o banquete fúnebre de seu irmão com a ajuda e o conselho do rei, prepara tudo da melhor maneira e convida muitos homens importantes.

5 Naquele banquete, a rainha Borghild servia a bebida aos convidados, e se aproximou de Sinfjofli com um grande chifre e disse:

6 "Vamos, beba, meu belo enteado!"

7 Então ele pegou o chifre, olhou dentro dele e disse:

8 "Não, pois esta bebida está enfeitiçada."

9 Então Sigmund disse: "Dê para mim, então"; e tomou o chifre e o esvaziou.

10 Mas a rainha disse a Sinfjotli: "Por que outros homens precisam beber sua cerveja por você?" E veio pela segunda vez com o chifre, dizendo: "Vamos, beba!", e o provocou com muitas palavras.

11 E ele pegou o chifre e disse:

12 "Há traição na bebida."

13 Então Sigmund exclamou:

14 "Dê para mim, então!"

15 Mais uma vez, pela terceira vez, ela se aproximou dele e mandou que esvaziasse a bebida, se tivesse o coração de um Volsungo; então ele pegou o chifre, mas disse:

16 "Há veneno aqui dentro."

17 "Ora, deixe que o lábio o filtre, meu filho", disse Sigmund; àquela altura estava muito embriagado, e por isso falou daquela maneira.

18 Assim Sinfjotli bebeu e imediatamente caiu morto no chão.

19 Sigmund se levantou e sofreu por ele uma dor que quase o matou; então tomou o cadáver nos braços e partiu para a mata, e caminhou até chegar a um fiorde; ali viu um homem num pequeno barco; e o homem perguntou se ele queria que o levasse para o outro lado do fiorde, e ele respondeu que sim; mas o barco era tão pequeno que não podiam ir todos de uma vez, de modo que primeiro colocaram o cadáver nele, enquanto Sigmund caminhava pela margem do fiorde. Mas então o barco e o homem que estava nele desapareceram diante dos olhos de Sigmund. [2]

20 Depois disso, Sigmund voltou para casa e expulsou a rainha, e pouco depois ela morreu. Mas o rei Sigmund continuou a governar seu reino e é sempre considerado o maior guerreiro e rei da antiga lei.

21 [1] Weregild, multa por matar um homem ("wer", homem, e "gild", pagamento).

22 [2] O homem no barco é Odin, sem dúvida.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. DA ÚLTIMA BATALHA DO REI SIGMUND E DE COMO ELE DEVE ENTREGAR SUA ESPADA OUTRA VEZ

✦

1 Havia um rei chamado Eylimi, poderoso e de grande fama, e sua filha se chamava Hjordis, a mais bela e sábia das mulheres; e Sigmund ouviu dizer que ela era digna de ser sua esposa, mesmo que nenhuma outra o fosse. Assim, foi à casa do rei Eylimi, que lhe daria uma grande festa, desde que ele não viesse como inimigo.

1.2 Então trocaram mensagens para dizer que aquela viagem era de paz, e não de guerra; assim, a festa foi preparada da melhor maneira, com muitos convidados; feiras foram estabelecidas por toda parte para o rei Sigmund, e tudo o mais foi feito para ajudar e tornar confortável sua viagem.

1.3 Assim, ele chegou à festa, e os dois reis ocuparam seus lugares de honra no mesmo salão; também havia chegado ali o rei Lyngi, filho do rei Hunding, que igualmente cortejava a filha do rei Eylimi.

2 Ora, o rei julgava saber que os dois tinham vindo com um único propósito, e também pensava que se poderiam esperar guerra e problemas daquele que não alcançasse seu objetivo; assim, falou com sua filha e disse:

3 "Você é uma mulher sábia, e eu disse que só você escolheria seu marido; escolha, por conseguinte, entre estes dois reis, e minha decisão será a mesma que a sua."

4 "É uma questão difícil e angustiante", disse ela; "ainda assim, escolherei como marido aquele que tem maior fama, o rei Sigmund, embora ele já esteja bastante avançado em anos."

5 Assim, ela foi prometida a ele, e o rei Lyngi foi embora. Então Sigmund se casou com Hjordis, e a cada dia a festa era melhor e mais gloriosa que no dia anterior. Depois disso, contudo, Sigmund voltou para sua casa em Hunland, e o rei Eylimi, seu sogro, foi com ele; e o rei Sigmund se dedicou ao devido governo de seu reino.

6 Mas o rei Lyngi e seus irmãos reuniram um exército para atacar Sigmund, pois, como em todas as coisas costumavam levar a pior, essa lhes doía mais que todas; e desejavam vencer o poder e o orgulho dos Volsungos. Assim, chegaram a Hunland e mandaram dizer ao rei Sigmund que não o atacariam às escondidas e que julgavam que ele dificilmente fugiria deles.

6.2 Então Sigmund disse que sairia ao encontro deles em batalha e reuniu suas forças; mas Hjordis foi levada para a floresta com uma escrava, e uma grande riqueza foi com elas; ali ela ficou enquanto eles lutavam.

7 Então os vikings desembarcaram de seus navios em número tão grande que não se podia resistir a eles, mas o rei Sigmund e Eylimi ergueram seus estandartes, e as trompas soaram chamando à batalha; o rei Sigmund mandou tocar a trompa que antes pertencera a seu pai e incentivou seus homens a lutar, mas seu exército era de longe o menor.

8 A batalha foi feroz e cruel, e, embora Sigmund fosse velho, lutou com enorme coragem e esteve sempre à frente de seus homens; nenhum escudo ou cota de malha podia resistir a ele, e naquele dia ele avançava sem parar pelas fileiras de seus inimigos, e ninguém podia prever qual seria o resul-

tado da luta entre eles; muitas flechas e muitas lanças voaram pelo ar naquele dia, e seus adivinhos agiram de tal modo em seu favor que ele não recebeu ferimento algum, e ninguém consegue contar quantos caíram diante dele, e seus dois braços estavam vermelhos de sangue até os ombros.

9 Mas, depois que a batalha já durava algum tempo, entrou na luta um homem vestido com um manto azul e com um chapéu de abas caídas na cabeça; tinha um olho só, [1] e carregava uma alabarda na mão; ele avançou contra o rei Sigmund e ergueu sua alabarda contra ele, e, quando Sigmund golpeou com força com a espada, ela atingiu a alabarda e se partiu ao meio. Daí em diante, a matança e o desânimo se voltaram contra seu lado, pois a boa sorte do rei Sigmund o havia abandonado, e seus homens caíam rapidamente ao seu redor; o rei não se poupou em nada, mas incentivou seus homens ainda mais; contudo, como diz o provérbio, "Não há força contra muitos", assim se comprovou naquele momento; e nessa luta caíram o rei Sigmund e o rei Eylimi, seu sogro, à frente de suas tropas, e com eles a maior parte de seus homens.

10 [1] Odin vindo mudar a posse da espada que havia dado a Sigmund. Veja o capítulo 3.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. DOS FRAGMENTOS DA ESPADA GRAM E DE COMO HJORDIS FOI ATÉ O REI ALF

✦

1 Então o rei Lyngi se dirigiu à morada do rei, pretendendo capturar ali a filha do rei, mas não conseguiu, pois não encontrou nem esposa nem riquezas; assim, percorreu todo o reino e entregou seu governo a seus homens, julgando agora ter matado toda a linhagem dos Volsungos e não precisar mais temê-los dali em diante.

2 Na noite da batalha, Hjordis caminhou entre os mortos e chegou ao lugar onde jazia o rei Sigmund, e perguntou se ele poderia ser curado; mas ele respondeu:

3 "Muitos homens continuam vivos depois que a esperança se torna pequena; mas minha boa sorte me abandonou, e não permitirei que me curem, nem Odin deseja que eu volte a empunhar uma espada, já que esta espada, minha e dele, está quebrada; veja, fiz guerra enquanto essa foi a vontade dele."

4 "Eu não acharia que as coisas estivessem mal", disse ela, "se você pudesse ser curado e vingar meu pai."

5 O rei disse: "Isso está destinado a outro homem; veja, você está grávida de um menino; crie-o bem e com muito cuidado, e a criança será a mais nobre e famosa de toda a nossa linhagem; e guarde também com cuidado os fragmentos da espada: deles será feita uma bela espada, que se chamará Gram, e nosso filho a empunhará e realizará com ela muitos grandes feitos, daque-

les que o passar do tempo jamais diminuirá; pois seu nome permanecerá e florescerá enquanto o mundo durar; e que isso lhe baste. Mas agora meus ferimentos me deixam cansado, e irei ver nossos parentes que partiram antes de mim."

6 Assim, Hjordis ficou sentada ao lado dele até que ele morreu ao amanhecer; então ela olhou e viu muitos navios navegando em direção à terra; e disse à criada:

7 "Vamos trocar de roupa agora, e você será chamada pelo meu nome e dirá que é a filha do rei."

8 E assim fizeram; mas então os vikings viram a grande matança que havia ali e avistaram duas mulheres que saíam daquele lugar em direção à floresta; julgaram que algo muito importante devia ter acontecido e saltaram de seus navios para a praia. O comandante daqueles homens era Alf, filho de Hjalprek, rei da Dinamarca, que navegava com suas forças ao longo da costa.

8.2 Assim, chegaram ao campo, entre os mortos, e viram quantos homens jaziam mortos ali; então o rei mandou que procurassem as mulheres e as trouxessem até lá, e assim fizeram.

8.3 Ele perguntou quem eram; e, por mais improvável que isso pareça, a escrava respondeu pelas duas, contando a morte do rei Sigmund e do rei Eylimi, e de muitos outros grandes homens, e também quem eram aqueles que haviam feito aquilo. Então o rei perguntou se elas sabiam onde as riquezas do rei estavam guardadas; e a escrava disse:

9 "Pode muito bem acreditar que sabemos disso com toda a certeza."

10 E então ela os guiou até o lugar onde estava o tesouro; e ali encontraram uma riqueza imensa, de modo que os homens julgaram nunca ter visto tantas coisas de valor reunidas num só lugar. Levaram tudo para os navios do rei Alf, e Hjordis e a escrava foram com eles. Então navegaram de volta ao seu próprio reino, comentando que certamente naquele campo havia caído o mais renomado dos reis.

11 O rei ficava sentado junto ao leme, enquanto as mulheres permaneciam no castelo de proa; mas ele conversava com elas e dava muito valor a seus conselhos.

12 Assim o rei chegou ao seu reino com grandes riquezas, e ele próprio era um homem de aparência muito bela. Mas, pouco tempo depois de sua chegada, a rainha, sua mãe, perguntou por que a mais bela das duas mulheres tinha menos anéis e roupas de menor valor.

13 "Acredito", disse ela, "que aquela a quem vocês deram menos importância é a mais nobre das duas."

14 Ele respondeu: "Eu também suspeitei disso, pois ela pouco se parece com uma escrava, e, quando nos encontramos pela primeira vez, cumprimentou os nobres de maneira apropriada. Pois bem, vamos pôr isso à prova."

15 Então, certa vez, enquanto os homens estavam reunidos para beber, o rei se sentou para conversar com as mulheres e disse:

16 "Como vocês percebem a passagem das horas, quando a noite já vai avançada, se não conseguem ver as luzes do céu?"

17 Então a escrava disse: "Tenho este sinal: como na minha juventude eu costumava beber muito ao amanhecer, agora, embora já não tenha esse hábito, ainda costumo acordar naquela mesma hora, e é por esse sinal que sei."

18 Então o rei riu e disse: "Maus hábitos para a filha de um rei!" Em seguida, voltou-se para Hjordis e lhe fez a mesma pergunta; mas ela respondeu:

19 "Meu pai me deu certa vez um pequeno anel de ouro que tem a propriedade de esfriar no meu dedo ao amanhecer; e esse é o sinal pelo qual sei."

20 O rei respondeu: "Havia ouro de sobra ali, onde até uma escrava o usava! Mas vamos, você já ficou escondida de mim por tempo suficiente; se tivesse me contado tudo desde o começo, eu a teria tratado como se nós dois fôssemos filhos do mesmo rei; mas eu a tratarei melhor do que seus atos merecem, pois você será minha esposa, e lhe darei a devida provisão para sua viuvez quando você me tiver dado um filho."

21 Então ela falou e contou toda a verdade a seu respeito; assim, foi tratada ali com grande honra e considerada a mais digna das mulheres.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. DO NASCIMENTO E CRESCIMENTO DE SIGURD, O MATADOR DE FAFNIR

✦

1 Conta a história que Hjordis deu à luz um menino, que foi levado imediatamente à presença do rei Hjalprek. O rei ficou contente ao ver os olhos vivos do menino e disse que poucos homens seriam iguais a ele ou se pareceriam com ele em qualquer aspecto.

1.2 Então ele foi aspergido com água e recebeu o nome de Sigurd, de quem todos falam em uma só voz, dizendo que nunca houve ninguém como ele em estatura e beleza. Foi criado na casa do rei Hjalprek com muito amor e honra; e assim é que, sempre que os homens mais nobres e os maiores reis são mencionados nas antigas histórias, Sigurd é colocado à frente de todos, por sua força e suas proezas, por sua nobreza de espírito e coragem, dons que possuía em muito maior medida do que qualquer homem das regiões do norte do vasto mundo.

2 Assim Sigurd cresceu na casa do rei Hjalprek, e não havia criança que não o amasse; por intermédio dele, Hjordis ficou prometida ao rei Alf e recebeu uma provisão de bens para seu sustento.

3 O pai de criação de Sigurd se chamava Regin, filho de Hreidmar; ele lhe ensinou toda espécie de artes, o jogo de xadrez, o saber das runas e a falar muitas línguas, como era costume entre os filhos dos reis naqueles dias.

Mas certo dia, quando estavam juntos, Regin perguntou a Sigurd se ele sabia quanta riqueza seu pai havia possuído e quem a guardava. Sigurd respondeu que os reis a guardavam.

4 Disse Regin: "Você confia completamente em todos eles?"

5 Sigurd disse: "É justo que a guardem até que eu possa fazer alguma coisa com ela, pois sabem melhor do que eu como protegê-la."

6 Em outra ocasião, Regin veio falar com Sigurd e disse:

7 "É realmente espantoso que você tenha de ser um cavalariço dos reis e andar de um lado para outro como um criado de recados."

8 "Não", disse Sigurd, "não é assim, pois em tudo faço a minha vontade, e tudo o que desejo me é concedido de bom grado."

9 "Pois bem", disse Regin, "peça a eles um cavalo."

10 "Sim", disse Sigurd, "e eu o terei quando precisar dele."

11 Depois disso, Sigurd foi ao rei, e o rei disse:

12 "O que deseja de nós?"

13 Então Sigurd disse: "Gostaria que me desse um cavalo para meu divertimento."

14 Então o rei disse: "Escolha um cavalo para você, e qualquer outra coisa que desejar entre os meus bens."

15 Assim, no dia seguinte, Sigurd foi ao bosque e encontrou no caminho um velho de barba comprida, que não conhecia e que lhe perguntou aonde ia.

16 Sigurd disse: "Estou pensando em escolher um cavalo; venha me aconselhar nisso."

17 "Pois bem", disse ele, "vamos conduzi-los ao rio chamado Busil-tarn."

18 Assim fizeram e levaram os cavalos até as águas profundas do rio. Todos nadaram de volta à margem, menos um; e foi esse cavalo que Sigurd escolheu para si. Era cinzento, jovem, de grande porte e belo de se ver, e nenhum homem ainda havia montado nele.

19 Então o velho de barba grisalha disse: "Este cavalo descende da linhagem de Sleipnir e deve ser criado com todo o cuidado, pois será o melhor de todos os cavalos"; e, com isso, desapareceu.

20 Assim Sigurd chamou o cavalo de Grani, o melhor de todos os cavalos do mundo; e o homem que encontrara era o próprio Odin.

21 Mais uma vez Regin falou a Sigurd e disse:

22 "Sua riqueza não é suficiente, e muito me entristece que você tenha de correr de um lado para outro como o filho de um camponês; mas posso lhe dizer onde há muita riqueza a conquistar, e grande fama e honra a alcançar ao obtê-la."

23 Sigurd perguntou onde seria isso e quem a vigiava e guardava.

24 Regin respondeu: "O nome dele é Fafnir, e ele fica a pouca distância daqui, na região desolada de Gnita-heath; e, quando chegar lá, você bem poderá dizer que nunca viu tanto ouro reunido em um só lugar, e que ninguém poderia desejar mais tesouros, mesmo que fosse o mais antigo e famoso de todos os reis."

25 "Sou jovem", diz Sigurd, "mas conheço a forma desse dragão e sei que ninguém ousa enfrentá-lo, de tão enorme e maligno que é."

26 Regin disse: "Não é assim; sua forma e seu tamanho são como os de outros dragões-serpentes, [1] e os homens exageram muito ao falar dele. Seus antepassados também teriam pensado assim; mas você, embora seja da linhagem dos Volsungos, mal deve ter a coragem e o espírito daqueles que são lembrados como os primeiros em todos os feitos de renome."

27 Sigurd disse: "Sim, talvez eu tenha pouco da ousadia e do valor deles, mas você não tem o direito de me chamar de covarde quando mal saí da infância. Por que insiste tanto em me instigar a isso?"

28 Regin disse: "Há nisso uma história que preciso lhe contar."

29 "Deixe-me ouvi-la", disse Sigurd.

30 [1] Dragão-serpente — serpente comprida, dragão.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. A HISTÓRIA DE REGIN SOBRE SEUS IRMÃOS E SOBRE O OURO CHAMADO TESOURO DE ANDVARI

✦

1 "A história começa assim", disse Regin. "Hreidmar era o nome de meu pai, um homem poderoso e rico. Seu primeiro filho se chamava Fafnir, o segundo, Otter, e eu era o terceiro e o menor de todos, tanto em valor quanto em boas qualidades; mas eu era habilidoso no trabalho com ferro, prata e ouro, com os quais podia fazer coisas de alguma utilidade.

1.2 Meu irmão Otter se dedicava a outra habilidade e também tinha outra natureza, pois era um grande pescador, superior aos outros homens nisso; de dia tinha a aparência de uma lontra e permanecia sempre no rio, levando peixes à margem na boca. Sempre trazia suas presas a nosso pai, o que lhe era de grande proveito.

1.3 Na maior parte do tempo, mantinha sua forma de lontra; depois voltava para casa e comia sozinho, sonolento, pois em terra firme não conseguia enxergar nada. Mas Fafnir era de longe o maior e o mais feroz e queria que tudo ao seu redor fosse chamado de seu.

2 "Ora", diz Regin, "havia um anão chamado Andvari, que vivia naquela cachoeira, [1] chamada Cachoeira de Andvari, na forma de um lúcio, e conseguia alimento para si, pois havia muitos peixes na cachoeira. Meu irmão Otter costumava entrar na cachoeira, trazer peixes para terra e colocá-los um a um na margem.

2.2 E aconteceu que Odin, Loki e Hoenir, em suas andanças, chegaram à Cachoeira de Andvari. Otter havia apanhado um salmão e o comia, sonolento, na margem do rio. Então Loki pegou uma pedra e a atirou em Otter, matando-o. Os deuses ficaram muito satisfeitos com sua presa e começaram a tirar a pele da lontra.

2.3 À noite, chegaram à casa de Hreidmar e lhe mostraram o que haviam apanhado. Então ele os prendeu e lhes impôs como resgate que enchessem a pele da lontra com ouro e a cobrissem por fora com ouro vermelho. Assim, enviaram Loki para reunir ouro para eles. Ele foi até Ran, [2] conseguiu a rede dela e com ela foi à Cachoeira de Andvari. Lançou a rede diante do lúcio, que entrou nela e foi capturado. Então Loki disse:

3 "'Que peixe, entre todos os peixes,
Nada com vigor na corrente,
Mas pouco aprendeu a se acautelar?
Sua cabeça deve resgatar,
Para não permanecer no inferno,
E encontrar para mim a chama das águas pálidas.'

4 Ele respondeu:

5 "'Andvari me chamam,
Oinn chamam a meu pai,
Por muitas cachoeiras passei;
Pois uma Norna de má sorte
Esta vida me impôs:
Sempre percorrer caminhos molhados.'

6 "Assim Loki viu o ouro de Andvari e, depois que este entregou o ouro, restou-lhe apenas um anel, que Loki também lhe tomou. Então o anão entrou numa cavidade das rochas e gritou que aquele anel de ouro, sim, e todo o ouro com ele, seria a ruína de todo homem que viesse a possuí-lo.

7 "Então os deuses cavalgaram com o tesouro até Hreidmar, encheram a pele da lontra e a puseram de pé, e tiveram de cobri-la completamente com ouro. Mas, quando terminaram, Hreidmar se aproximou, viu ainda um dos pelos do focinho e mandou que o cobrissem também. Então Odin tirou da mão o anel, obra de Andvari, e com ele cobriu o pelo. Então Loki cantou:

8 "'Ouro bastante, ouro bastante,
Uma grande indenização você tem,
Para que eu possa conservar minha cabeça em paz;
Mas você e seu filho
Não estão destinados a prosperar,
A ruína de ambos ele será.'

9 "Depois disso", diz Regin, "Fafnir matou seu pai, assassinando-o, e eu não recebi nada do tesouro. Ele se tornou tão maligno que passou a viver ao relento e não admitia que ninguém tivesse parte na riqueza. Assim se tornou o pior de todos os dragões e agora fica sempre deitado sobre aquele tesouro, guardando-o. Quanto a mim, fui para junto do rei e me tornei seu mestre ferreiro; e assim fica contada a história de como perdi a herança de meu pai e a indenização pela morte de meu irmão."

10 Assim falou Regin; e desde então o ouro é chamado de Indenização por Otter, e por nenhuma outra razão além dessa.

11 Mas Sigurd respondeu: "Muito você perdeu, e extremamente perversos foram seus parentes! Mas agora faça, com sua habilidade, uma espada, uma espada tal que nenhuma igual possa ser feita, para que eu realize grandes feitos com ela, se minha coragem for suficiente e se você deseja que eu mate esse poderoso dragão."

12 Regin diz: "Confie plenamente em mim nisso; e com essa mesma espada você matará Fafnir."

13 [1] Cachoeira (em islandês, "foss", "fors").

14 [2] Ran é a deusa do mar, esposa de Aegir. A lontra era considerada sagrada pelos povos nórdicos e também aparece nos mitos e nas lendas da maioria dos outros povos; até hoje, matá-la é considerado um grande crime entre os parses (Haug. "Religião dos parses", página 212). Compare a penalidade acima com a de matar o gato do rei galês ("Antigas leis e instituições do País de Gales". Ed., Aneurin Owen. Longman, Londres, 1841, 2 vols. em oitavo).

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XV. DA UNIÃO DOS FRAGMENTOS DA ESPADA GRAM PELA SOLDA

✦

1 Então Regin faz uma espada e a entrega nas mãos de Sigurd. Ele pegou a espada e disse:

2 "Veja o trabalho de sua forja, Regin!" Com isso, golpeou a bigorna com ela, e a espada se partiu. Então ele a jogou no chão e mandou que Regin forjasse uma melhor.

3 Então Regin forjou outra espada e a levou a Sigurd, que a examinou.

4 Então Regin disse: "Talvez esta lhe agrade, por mais exigente que você seja com o trabalho da forja."

5 Assim Sigurd pôs a espada à prova e a quebrou como a primeira; então disse a Regin:

6 "Ah, será você um traidor e mentiroso como aqueles seus parentes de antes?"

7 Com isso, foi até sua mãe, que o recebeu como convinha, e eles conversaram e beberam juntos.

8 Então Sigurd disse: "Ouvi corretamente que o rei Sigmund lhe deu a boa espada Gram em dois pedaços?"

9 "É verdade", disse ela.

10 Então Sigurd disse: "Entregue-os em minhas mãos, pois quero ficar com eles."

11 Ela disse que ele parecia destinado a conquistar grande fama e lhe deu a espada. Com ela, Sigurd foi até Regin e mandou que fizesse dos pedaços uma boa espada, da melhor maneira que pudesse. Regin se irritou com isso, mas entrou na ferraria com os pedaços da espada, pensando que Sigurd se intrometia demais nos assuntos da forja.

11.2 Assim fez uma espada e, quando a trouxe da forja, pareceu aos ferreiros que havia fogo ardendo ao longo de seus gumes. Então mandou Sigurd pegar a espada e disse que não sabia fazer uma espada se aquela falhasse. Sigurd golpeou a bigorna com ela e a partiu até a base, sem que a espada rachasse ou se quebrasse.

11.3 Então elogiou muito a espada e depois foi ao rio com um tufo de lã, que lançou contra a corrente; o tufo se dividiu ao encontrar a espada. Então Sigurd ficou contente e voltou para casa.

12 Mas Regin disse: "Agora que fiz a espada para você, talvez cumpra a palavra dada e vá enfrentar Fafnir?"

13 "Certamente a cumprirei", disse Sigurd, "mas primeiro preciso vingar meu pai."

14 E, quanto mais Sigurd crescia, mais era amado por todos, de modo que todas as crianças gostavam muito dele.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVI. A PROFECIA DE GRIFIR

✦

1 Havia um homem chamado Grifir,(1) que era irmão da mãe de Sigurd, e, pouco depois de a espada ser forjada, Sigurd foi até Grifir, pois ele era um homem que conhecia as coisas futuras e o destino dos homens.

1.2 Sigurd lhe perguntou com insistência como seria sua vida; mas Grifir demorou a falar e, por fim, diante dos pedidos tão insistentes de Sigurd, contou-lhe toda a sua vida e o destino que o aguardava, exatamente como depois aconteceu. Assim, quando Grifir lhe contou tudo o que ele desejava saber, Sigurd voltou para casa; e, pouco depois, ele e Regin se encontraram.

2 Então Regin disse: "Vá e mate Fafnir, como deu sua palavra."

3 Sigurd disse: "Essa tarefa será cumprida; mas há outra a fazer primeiro: vingar o rei Sigmund e os outros parentes meus que caíram naquela que foi sua última batalha."

4 [1] Chamado de "Gripir" na Edda.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVII. COMO SIGURD VINGOU SIGMUND, SEU PAI

✦

1 Então Sigurd foi até os reis e falou assim:

2 "Passei algum tempo aqui com vocês, e lhes devo gratidão e recompensa pelo grande afeto, pelos muitos presentes e por todas as honras devidas; mas agora deixarei esta terra e irei ao encontro dos filhos de Hunding, para lhes mostrar que os Volsungos não estão todos mortos; e gostaria de contar com sua força para me apoiar nisso."

3 Os reis disseram então que lhe dariam tudo o que desejasse, e com isso um grande exército foi preparado. Tudo foi feito com o maior cuidado, tanto os navios como todo o equipamento de guerra, para que sua expedição fosse a mais imponente possível. O próprio Sigurd, contudo, conduzia o navio-dragão, que era o maior e mais nobre; suas velas eram ricamente trabalhadas e magníficas de se ver.

4 Assim navegaram, com o vento a seu favor; mas, passados alguns dias, levantou-se uma grande tempestade no mar, e as ondas pareciam a espuma do sangue dos homens. Sigurd, contudo, ordenou que nenhuma vela fosse recolhida, por mais que se rasgassem, e que, pelo contrário, fossem içadas ainda mais alto.

4.2 Mas, enquanto passavam pelos rochedos de um promontório, certo homem chamou os navios e perguntou quem comandava aquela frota. Disseram-lhe então que o chefe e senhor era Sigurd, filho de Sigmund, o mais famoso de todos os jovens daquele tempo.

5 Então o homem disse: "De fato, todos dizem uma só coisa a respeito dele: que nenhum dos filhos de reis pode se comparar a ele. Agora eu gostaria que vocês recolhessem um pouco as velas de alguns navios e me levassem a bordo."

6 Então lhe perguntaram seu nome, e ele cantou:

7 "Hnikar era meu nome,
Quando alegrava Huginn
E ia à batalha,
Ilustre filho de Volsung;
Agora podem chamar
O velho no alto do penhasco
De Feng ou Fjolnir:
Gostaria de ir com vocês."

8 Com isso, dirigiram-se à terra e levaram aquele homem a bordo.

9 Então Sigurd disse,(1) como conta a canção:

10 "Diga-me isto, ó Hnikar,
Já que tão bem conhece
O destino dos deuses, o bem e o mal dos homens:
O que melhor anuncia nossa sorte,
Quando, em meio à batalha,
O fio da espada passa ao nosso redor?"

11 Hnikar respondeu:

12 "Muitos são os bons sinais,
Se os homens os soubessem reconhecer
Quando as espadas cortam o ar:
Bom companheiro considero
O corvo de asas escuras,
Na guerra, para quem empunha armas.

13 "A segunda coisa boa:
Quando sair
Bem equipado para a longa estrada,
É bom que veja
Dois homens de pé,
Ávidos por fama no pátio da frente.

14 "Uma terceira coisa:
É bom ouvir
O lobo uivando
Lá fora, sob os ramos do freixo;
Boa sorte terá
Ao enfrentar portadores de elmos,
Se os vir passar à sua frente.

15 "Nenhum homem em combate
Deve voltar o rosto
Para a irmã da lua,
Baixa, brilhando ao entardecer,
Pois vence a batalha

Quem melhor enxerga
Em meio ao embate das espadas
E melhor dispõe as fileiras inclinadas.

16 "Grande é o transtorno
De um passo em falso,
Quando se vai equipado para a luta,
Pois, de ambos os lados,
As Dísir [2] estão junto de você,
Ardilosas, desejando que seja ferido.

17 "Bem penteado, bem lavado,
Esteja cada guerreiro,
E não lhe falte comida pela manhã,
Pois quem pode determinar
O retorno da noite?
E é indigno cair diante do destino, rastejando."

18 Então a tempestade amainou, e eles seguiram até desembarcarem no reino dos filhos de Hunding; então Fjolnir desapareceu.

19 Então desencadearam o fogo e a espada, mataram homens, queimaram suas moradas e devastaram tudo à sua frente. Uma grande multidão fugiu deles e foi até o rei Lyngi, contando-lhe que havia guerreiros naquelas terras, avançando com uma raiva e uma fúria como nunca se ouvira falar; e que os filhos do rei Hunding tinham sido pouco previdentes ao dizer que nunca mais temeriam os Volsungos, pois ali chegara Sigurd, filho de Sigmund, no comando daquele exército.

20 Então o rei Lyngi mandou espalhar a convocação de guerra por todo o seu reino e, sem intenção de fugir, chamou a si todos os que quisessem ajudá-lo. Assim avançou contra Sigurd com um grande exército, acompanhado de seus irmãos, e travou-se uma luta feroz. Muitas lanças e muitas flechas podiam ser vistas erguidas no ar, machados golpeavam com força, escudos eram partidos e cotas de malha rasgadas, elmos se despedaçavam, crânios eram partidos ao meio e muitos homens caíam na terra fria.

21 E, depois de a luta se prolongar assim por muito tempo, Sigurd avança à frente dos estandartes, com a boa espada Gram na mão, e derruba homens e cavalos, abrindo caminho pelo meio da multidão mais cerrada, com os dois braços vermelhos de sangue até os ombros.

21.2 As pessoas recuavam diante dele por onde quer que passasse, e nem elmo nem cota de malha resistiam a ele, e ninguém julgava ter visto alguém semelhante. Assim a batalha durou muito tempo, muitos homens foram mortos e furioso foi o ataque; até que, por fim, aconteceu algo raro quando um exército em terra parte para o ataque: por mais que fizessem, nada conseguiam.

21.3 Mas tantos homens dos filhos de Hunding caíram que não se pode contar seu número. E, quando Sigurd estava entre os primeiros, os filhos de Hunding avançaram contra ele, e Sigurd golpeou o rei Lyngi, cortando de alto a baixo seu elmo, sua cabeça e seu corpo coberto de malha.

21.4 Depois partiu ao meio Hjorward, irmão dele, e então matou todos os outros filhos de Hunding que ainda estavam vivos, bem como a maior parte de seus homens.

22 Sigurd então volta para casa, tendo conquistado uma bela vitória, muitas riquezas e grande honra nessa expedição; e prepararam festas para recebê-lo quando retornasse ao reino.

23 Mas Sigurd estava em casa havia pouco tempo quando Regin veio falar com ele e disse:

24 "Talvez agora esteja disposto a abater a cabeça de Fafnir, conforme a palavra que empenhou, já que vingou seu pai e os outros de sua família."

25 Sigurd respondeu: "Cumpriremos isso, como prometemos, e nunca nos esquecemos dessa promessa."

26 [1] Esta estrofe e as seguintes foram inseridas pelos tradutores a partir do "Reginsmal".

27 [2] "Dísir", singular "Dís". São os seres guardiões que acompanham um homem desde o nascimento até a morte. A palavra significa originalmente irmã e é usada ao longo dos poemas da Edda como um sinônimo digno de mulher, senhora.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVIII. DA MORTE DA SERPENTE FAFNIR

✦

1 Então Sigurd e Regin sobem a charneca a cavalo pelo mesmo caminho por onde Fafnir costumava rastejar quando ia à água; e dizem que tinha trinta braças de altura o penhasco ao longo do qual ele se estendia quando bebia da água lá embaixo. Então Sigurd disse:

2 "Como foi que disseste, Regin, que este dragão [1] não era maior que outras serpentes? Parece-me que o rastro dele é extraordinariamente grande."

3 Então Regin disse: "Cava um buraco e senta-te nele; quando a serpente vier à água, golpeia-a no coração, e assim a matarás e conquistarás grande fama."

4 Mas Sigurd disse: "O que me acontecerá se eu ficar diante do sangue da serpente?"

5 Regin diz: "De que adianta te aconselhar se continuas com medo de tudo? Pouco te pareces com os teus em coragem."

6 Então Sigurd segue a cavalo pela charneca; mas Regin vai embora, cheio de medo.

7 Sigurd começou a cavar uma cova e, enquanto trabalhava, veio até ele um velho de barba comprida, que perguntou o que fazia ali; e ele lhe contou.

8 Então o velho respondeu: "Estás seguindo um mau conselho. Cava antes várias covas e deixa o sangue escorrer para dentro delas; mas senta-te em uma e assim atravessa o coração da serpente."

9 E, com isso, desapareceu; mas Sigurd fez as covas exatamente como lhe fora ensinado.

10 Então a serpente rastejou até o lugar onde bebia, e a terra tremeu ao seu redor; enquanto avançava, ela bufava veneno por todo o caminho à sua frente. Mas Sigurd não tremeu nem se assustou com seu rugido. Assim, quando a serpente passou sobre as covas, Sigurd enfiou a espada debaixo de seu ombro esquerdo, de modo que ela penetrou até o punho; então Sigurd saltou da cova e puxou a espada de volta, e seu braço ficou todo ensanguentado, até o ombro.

11 Quando a poderosa serpente percebeu que recebera uma ferida mortal, começou a açoitar com a cabeça e a cauda, de modo que tudo o que estava diante dela se despedaçou.

12 Então, tendo recebido sua ferida mortal, Fafnir perguntou: "Quem és tu? E quem é teu pai? E de que família vens, para seres tão ousado a ponto de levantar armas contra mim?"

13 Sigurd respondeu: "Minha família é desconhecida dos homens. Sou chamado de animal nobre: [2] não tenho pai nem mãe, e vim até aqui completamente sozinho."

14 Fafnir disse: "Já que não tens pai nem mãe, de que prodígio nasceste, então? Mas agora, embora não me digas teu nome neste dia de minha morte, sabes muito bem que estás mentindo para mim."

15 Ele respondeu: "Meu nome é Sigurd, e meu pai era Sigmund."

16 Fafnir diz: "Quem te instigou a este feito, e por que te deixaste levar a isso? Nunca ouviste dizer que todos tinham medo de mim e do terror de meu semblante? Mas tinhas um pai impetuoso, ó jovem de olhos brilhantes!"

17 Sigurd respondeu: "Um coração valente me impeliu a isso; e uma mão forte e esta espada afiada, que agora conheces bem, me ajudaram a realizar o feito. 'Raramente um velho valente teve uma juventude covarde.'"

18 Fafnir disse: "Bem sei que, se tivesses crescido entre os teus, poderias ter grande habilidade para matar pessoas em tua ira; mas é ainda mais espantoso que tu, um escravo capturado na guerra, tenhas coragem de me atacar, 'pois poucos entre os escravos têm ânimo para a luta'."

19 Sigurd disse: "Vais então me censurar por eu estar longe dos meus? Embora fosse escravo, nunca fui acorrentado. Deus sabe que me encontraste bastante livre."

20 Fafnir respondeu: "Recebes minhas palavras com raiva; mas escuta, pois esse mesmo ouro que possuí também será tua perdição."

21 Sigurd disse: "Bem gostaríamos de conservar toda a nossa riqueza até aquele dia dos dias; porém, cada homem morrerá de uma vez por todas."

22 Fafnir disse: "Poucas coisas farás seguindo meu conselho; mas fica atento, pois morrerás afogado se atravessares o mar sem cuidado. Permanece, por conseguinte, em terra firme, à espera da maré calma."

23 Então Sigurd disse: "Fala, Fafnir, e dize, se és tão sábio, quem são as Nornas que governam o destino dos filhos de todas as mães."

24 Fafnir responde: "São muitas e de origens bem diversas; pois algumas são da linhagem dos Aesir, outras da linhagem dos elfos, e há também as que são filhas de Dvalin."

25 Sigurd disse: "Como se chama a ilhota onde Surt [3] e os Aesir misturam e mesclam a água da espada?"

26 "Sem Forma é o nome dessa ilhota", disse Fafnir.

27 E tornou a dizer: "Regin, meu irmão, provocou meu fim, e alegra meu coração que também provoque o teu; pois assim tudo será conforme sua vontade."

28 E falou mais uma vez: "Um semblante de terror eu exibia diante de todos, depois que passei a guardar a herança de meu irmão, e por todos os lados expelia veneno, de modo que ninguém ousava se aproximar de mim. Não temia arma alguma, e nunca tive diante de mim tantos homens que não me julgasse mais forte que todos eles; pois todos tinham muito medo de mim."

29 Sigurd respondeu: "Poucos podem alcançar a vitória por meio desse mesmo semblante de terror, pois quem se encontra entre muitos descobrirá um dia que nenhum homem é, de longe, o mais poderoso de todos."

30 Então Fafnir diz: "Este conselho te dou: pega teu cavalo e parte o mais depressa que puderes, pois muitas vezes acontece que aquele que recebe uma ferida mortal ainda assim se vinga."

31 Sigurd respondeu: "Sejam quais forem teus conselhos, de modo algum os seguirei; vou agora cavalgar até teu covil e tomar para mim esse grande tesouro de tua família."

32 "Vai até lá, então", disse Fafnir, "e encontrarás ouro suficiente para todos os dias de tua vida; porém, esse ouro será tua perdição, e a perdição de todos os que o possuírem."

33 Então Sigurd se levantou e disse: "Eu voltaria para casa e abriria mão de toda essa riqueza se julgasse que, perdendo-a, nunca morreria; mas todo homem valente e leal deseja ter a mão sobre a riqueza até o último dia. Quanto a ti, Fafnir, contorce-te nas dores da morte até que a Morte e o Inferno te tomem."

34 E, com isso, Fafnir morreu.

35 [1] Do latim "draco", um dragão.

36 [2] "Minha família é desconhecida dos homens." A recusa de Sigurd em dizer seu nome deve ser relacionada à superstição de que um moribundo podia lançar uma maldição sobre seu inimigo.

37 [3] Surt: um gigante de fogo que destruirá o mundo no Ragnarok, ou destruição de todas as coisas. Aesir: os deuses.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIX. DA MORTE DE REGIN, FILHO DE HREIDMAR

✦

1 Depois disso, Regin veio até Sigurd e disse: "Salve, senhor e mestre! Conquistaste uma nobre vitória ao matar Fafnir, pois até agora ninguém ousava permanecer em seu caminho; e este feito glorioso será celebrado enquanto o mundo existir."

2 Então Regin ficou olhando para o chão por muito tempo e, pouco depois, falou com o coração pesado: "Mataste meu próprio irmão, e mal posso ser considerado inocente desse feito."

3 Então Sigurd pegou sua espada Gram, secou-a na terra e disse a Regin:

4 "Para longe foste quando realizei este feito e pus à prova esta espada afiada com minha mão e minha força; tive de lutar contra toda a força e o vigor de um dragão, enquanto tu ficavas deitado entre as urzes, sem saber se estavas na terra ou no céu."

5 Regin disse: "Por muito tempo essa serpente poderia ter ficado em seu covil se a espada afiada que forjei com minha mão não te tivesse servido na hora da necessidade; sem isso, nem tu nem homem algum teriam conseguido vencê-la desta vez."

6 Sigurd responde: "Quando os homens enfrentam inimigos em combate, um coração valente vale mais que uma espada afiada."

7 Então Regin disse, com grande pesar: "Mataste meu irmão, e mal posso ser inocente desse feito."

8 Com isso, Sigurd arrancou o coração da serpente com a espada chamada Ridil; mas Regin bebeu do sangue de Fafnir e disse: "Concede-me um favor e faz algo que pouco te custa. Leva o coração ao fogo, assa-o e dá-me dele para comer."

9 Então Sigurd foi assá-lo num espeto; quando o sangue começou a borbulhar, encostou o dedo no coração para verificar se já estava bem assado. Depois pôs o dedo na boca e eis que, quando o sangue do coração da serpente tocou sua língua, ele imediatamente passou a entender a voz de todas as aves e ouviu os pica-paus conversando no matagal ao seu lado:

10 "Aí estás sentado, Sigurd, assando para outro o coração de Fafnir, que tu mesmo deverias comer; assim te tornarias o mais sábio de todos os homens."

11 E outro disse: "Ali está deitado Regin, decidido a enganar o homem que confia nele."

12 Mas o terceiro disse: "Que ele então lhe corte a cabeça e seja o único senhor de todo esse ouro."

13 E o quarto falou mais uma vez: "Ah, mais sábio seria ele se seguisse esse bom conselho, depois cavalgasse até o covil de Fafnir e tomasse para si o imenso tesouro que ali está, e então seguisse por Hindfell, onde Brynhild dorme; pois ali obteria grande sabedoria. Ah, sábio seria se seguisse vossos conselhos e pensasse no próprio bem; 'pois onde há orelhas de lobo, os dentes do lobo estão perto'."

14 Então o quinto gritou: "Sim, sim, ele não é tão sábio quanto penso, se poupar aquele cujo irmão já matou."

15 Por fim, o sexto falou: "Conselho útil e bom é matá-lo e ser senhor do tesouro!"

16 Então Sigurd disse: "Ainda não nasceu o tempo em que Regin será minha perdição; pelo contrário, os dois irmãos seguirão pelo mesmo caminho."

17 E, com isso, desembainhou sua espada Gram e cortou a cabeça de Regin.

18 Então Sigurd ouviu os pica-paus cantando, tal como diz a canção. [1]

19 Pois o primeiro cantou:

20 "Reúne, Sigurd,
Os anéis de ouro vermelho reluzente!
Não convém
Temer tantas coisas.
Conheço uma bela donzela,
A mais bela entre todas,
Cingida de ouro,
Digna de tua conquista."

21 E o segundo:

22 "Verdes seguem os caminhos
Rumo ao salão de Giuki,
Que os destinos revelam
Aos que para lá viajam;
Ali o rico rei

Cria uma filha;
Haverás de negociar, Sigurd,
Com ouro por tua amada."

23 E o terceiro:

24 "Há um salão elevado
Erguido sobre Hindfell;
Por fora, ao seu redor,
Ergue-se a chama vermelha.
Homens sábios construíram
Essa maravilha de salão
Com o brilho descoberto
Da glória do ouro."

25 Então o quarto cantou:

26 "Serena sobre o monte
Dorme uma donzela do escudo,
A praga vermelha das tílias
Brincando ao seu redor:
O espinho do sono cravou Odin
Naquela donzela,
Por ela ter escolhido na guerra
Aquele que ele não queria.

27 "Vai, filho, contempla
A donzela sob o elmo,
Que da batalha
Vinskornir trouxe;

Dela não se pode afastar
O tormento do sono.
Querido descendente de reis,
Apesar das temíveis Nornas."

28 Então Sigurd comeu uma parte do coração de Fafnir e guardou o restante. Depois montou em seu cavalo e seguiu o rastro da serpente Fafnir até sua morada; encontrou-a aberta e viu que todas as portas e suas ferragens eram de ferro, assim como todas as vigas da casa; e ela fora escavada bem fundo na terra.

28.2 Ali Sigurd encontrou ouro em enorme quantidade e a espada Rotti; de lá tirou o Elmo do Terror, a Cota de Malha de Ouro e muitas coisas belas e boas. Tanto ouro encontrou ali que julgou que dois cavalos, ou talvez três, mal conseguiriam carregá-lo.

28.3 Então pegou todo o ouro, colocou-o em dois grandes baús, pôs os baús sobre o cavalo Grani e tomou suas rédeas, mas ele não queria se mover de modo algum, nem aceitava ser açoitado. Então Sigurd compreendeu o que o cavalo queria, saltou sobre seu dorso, açoitou-o e o esporeou; e o cavalo partiu como se não levasse carga alguma.

29 [1] As Canções dos Pássaros foram inseridas pelos tradutores a partir de "Reginsmal".

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XX. DO ENCONTRO DE SIGURD COM BRYNHILD NA MONTANHA

✦

1 Por longos caminhos cavalga Sigurd, até que por fim sobe a Hindfell e segue para o sul, rumo à terra dos francos; e vê diante de si, na montanha, uma grande luz, como de fogo ardendo e lançando chamas até os céus; e, quando chegou ali, eis que havia diante dele um castelo coberto de escudos, com uma bandeira no ponto mais alto.

1.2 Sigurd entrou no castelo e viu alguém deitado ali, dormindo, com toda a armadura. Então tira o elmo da cabeça daquela pessoa e vê que não é um homem, mas uma mulher; e ela vestia uma cota de malha tão ajustada ao corpo que parecia ter crescido junto à carne; assim, ele a cortou da gola para baixo, e depois cortou as mangas, e a espada a atravessava como se fosse tecido. Então Sigurd disse que ela dormira por tempo demais; mas ela perguntou:

2 "Que coisa de tamanho poder conseguiu rasgar minha cota de malha e me tirar do sono?"

3 Assim como diz a canção: [1]

4 "O que cortou a cota de malha,
Por que se desfaz meu sono,
Quem afastou de mim
Meu pálido tormento?"

5 "Ah, será que chegou aqui Sigurd, filho de Sigmund, trazendo na cabeça o elmo de Fafnir e na mão a perdição de Fafnir?"

6 Então Sigurd respondeu:

7 "O filho de Sigmund,
Com a espada de Sigurd,
Acaba de rasgar
A muralha do corvo."

8 "É da linhagem dos Volsung quem fez isso; mas ouvi dizer que és filha de um rei poderoso, e nos contaram que eras bela e cheia de saber, e agora quero comprovar isso."

9 Então Brynhild cantou:

10 "Por muito tempo dormi
E por muito tempo repousei,
Muitas e longas são as aflições da humanidade,
Pelo poder de Odin
Devo permanecer incapaz
De me livrar dos feitiços do sono.

11 "Salve o dia que voltou!
Salve, filhos da luz do dia!
Salve, noite escura, e tua filha!
Voltai vossos olhos bondosos
Para nós, sentados aqui a sós,
E dai-nos o proveito que tanto desejamos.

12 "Salve os Aesir,
E as doces Asyniur! [2]
Salve a bela terra cheia de fartura!

Belas palavras, corações sábios,
Queremos receber de vós,
E mãos que curem enquanto vivermos."

13 Então Brynhild torna a falar e diz: "Dois reis lutavam; um se chamava Helm Gunnar, um homem velho e o maior dos guerreiros, e Odin lhe prometera a vitória; mas seu inimigo era Agnar, ou o irmão de Audi; e assim derrubei Helm Gunnar na batalha; e Odin, por vingança contra esse ato, cravou em mim o espinho do sono e disse que eu nunca mais teria a vitória, mas seria dada em casamento; contra isso, contudo, fiz um juramento: jamais me casaria com alguém que conhecesse o nome do medo."

14 Então Sigurd disse: "Ensina-nos o saber das coisas poderosas!"

15 Ela disse: "Talvez saibas mais do que eu em todas as coisas; ainda assim, vou te ensinar, e com gratidão, se houver algo em meu conhecimento que possa de alguma forma te agradar, seja sobre runas, seja sobre outras questões que estão na raiz das coisas; mas agora bebamos juntos, e que os deuses deem a nós dois um bom dia, para que obtenhas boa ajuda e fama com minha sabedoria e para que, no futuro, te lembres do que nós dois conversamos."

16 Então Brynhild encheu uma taça, levou-a a Sigurd, deu-lhe a bebida do amor e disse:

17 "Cerveja te trago,
Belo fruto do choque das cotas de malha,
Preparada com grande poder,
Misturada com fama,
Transbordando de cantos brilhantes

E runas compassivas,
Palavras sábias, palavras doces,
Falas de grande alegria.

18 "Conhece as runas da guerra,
Se queres ser grande!
Grava-as no punho da espada de aço temperado,
Algumas no dorso da lâmina,
Algumas em seu lado brilhante,
E nelas nomeia Tyr duas vezes.

19 "Runas do mar, boas na necessidade,
Aprendidas para salvar o navio,
Para o bem-estar do cavalo que nada;
Grava-as na popa,
Grava-as na pá do leme
E ateia fogo ao remo raspado:
Por maiores que sejam as colinas do mar,
Por mais azul que seja a profundeza,
Do alto-mar voltarás então para casa são e salvo.

20 "Aprende bem as runas da palavra
Se queres que nenhum homem
Te devolva a dor que lhe causaste;
Enrola-as,
Entrelaça-as,
Espalha-as ao teu redor,

Na assembleia,
Onde o povo se reúne,
Ao te encaminhares para o julgamento final.

21 "Conhece a sabedoria das runas da cerveja
Se queres que a mulher de outro
Não traia teu coração confiante:
Grava-as no chifre de hidromel,
No dorso de cada mão,
E talha um N em tua unha.

22 "Cuida de marcar a cerveja
Com um sinal contra todo mal,
Põe alho-poró na bebida,
Então sei com certeza
Que nunca chegará a ti
Hidromel misturado com coisas nocivas.

23 "Runas de auxílio deves reunir
Se queres adquirir a habilidade
De libertar a criança da mãe deitada;
Que sejam gravadas nas palmas das mãos,
Envolvendo as articulações;
Invoca a ajuda benéfica da Boa Gente.

24 "Aprende a sabedoria das runas dos ramos
Se amas a arte da cura;
E queres saber examinar feridas,

Que sejam gravadas na casca;
Nos brotos das árvores
Cujos ramos sempre se voltam para o leste.

25 "Das runas do pensamento deves cuidar
Se queres ser, entre todos os homens,
Aquele de alma mais bela e mais sábio,
Estas interpretou,
Estas primeiro gravou,
Estas primeiro guardou no coração o elevado Hropt.

26 "No escudo foram gravadas,
O que fica diante do deus resplandecente,
Na orelha de Quem Cedo Desperta,
No casco de Quem Tudo Sabe,
Na roda que gira
Sob o carro de Rognir;
Nos dentes da mandíbula de Sleipnir,
Nas correias do trenó.

27 "Nas patas do urso de pelo áspero,
E na língua de Bragi,
Nas garras do lobo,
E no bico da águia,
Nas asas ensanguentadas,
E na extremidade da ponte;
Nas palmas que libertam,
E no caminho da compaixão:

28 "No vidro e no ouro,
E na bela prata,
No vinho e no mosto,
E no assento da feiticeira;
Na ponta de Gungnir,
E no peito de Grani;
Na unha da Norna,
E no bico da coruja noturna.

29 "Todas essas, assim gravadas,
Foram raspadas e cortadas,
E misturadas ao hidromel sagrado,
E enviadas por muitos e amplos caminhos;
Algumas permanecem com os elfos,
Algumas permanecem com os Aesir,
Ou com os sábios Vanir,
Algumas ainda guardam os filhos da humanidade.

30 "Estas são as runas dos livros,
E as runas de bom auxílio,
E todas as runas da cerveja,
E as runas de grande poder;
Para todos a quem possam servir,
Sem confusão nem corrupção;
É benéfico possuí-las:
Prospera, então, com elas,
Depois de aprenderes seu saber,
Até que os deuses encerrem os dias de tua vida.

31 "Agora deves escolher,
Como te é oferecida a escolha,
Raiz e tronco do aço afiado,
Escolhe o canto ou o silêncio;
Examina cada um em teu coração,
Todo mal foi considerado."

32 Então Sigurd respondeu:

33 "Jamais fugirei,
Ainda que saibas que estou destinado a morrer;
Nunca nasci para recuar,
Teu amado conselho
Guardarei bem no coração
Por todo o tempo em que eu viver."

34 [1] As estrofes das duas páginas seguintes foram inseridas aqui pelos tradutores a partir de "Sigrdrifasmal".

35 [2] Deusas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXI. MAIS PALAVRAS SÁBIAS DE BRYNHILD

✦

1 Sigurd disse então: "Certamente não se pode encontrar em todo o vasto mundo mulher mais sábia do que tu; sim, sim, ensina-me ainda mais de tua sabedoria!"

2 Ela responde: "É justo que eu faça tua vontade e te apresente mais conselhos de grande proveito, por teu pedido e por tua sabedoria"; e acrescentou:

3 "Sê bondoso com amigos e parentes e não retribuas as ofensas que te fizerem; suporta e tem paciência, e assim conquistarás para ti o louvor duradouro dos homens.

4 "Toma muito cuidado com coisas ruins: o amor de uma donzela e a esposa de um homem; muitas vezes disso vem o mal!

5 "Não deixes que homens insensatos perturbem demais tua mente nas reuniões cheias de gente; pois muitas vezes eles dizem coisas piores do que percebem; para que não te chamem de covarde e te inclines a pensar que és mesmo como dizem, mata tal homem em outro dia e assim retribui suas palavras torpes.

6 "Se viajares por um caminho onde habitam coisas malignas, cuida bem de ti; não te abrigues perto da estrada, mesmo que a noite te surpreenda, pois muitas vezes ali ficam seres perversos para desorientar os homens.

7 "Não deixes que belas mulheres, como as que podes encontrar num banquete, te seduzam, de modo que pensar nelas tome o lugar do sono e da tranquilidade; sim, não as atraias com beijos ou outras doçuras do amor.

8 "Se ouvires palavras tolas de um homem bêbado, não discutas com ele enquanto estiver embriagado e sem juízo; muitas aflições, e até a própria morte, nascem dessas coisas.

9 "Combate teus inimigos em campo aberto e não sejas queimado dentro de tua casa.

10 'Nunca faças um juramento injusto; grande e terrível é a recompensa por quebrar a palavra empenhada.

11 "Cuida com bondade dos mortos, dos que morreram de doença e dos que morreram no mar; trata seus cadáveres com cuidado.

12 "Nunca confies naquele de quem mataste o pai, o irmão ou qualquer parente próximo, mesmo que ele seja jovem; pois 'muitas vezes o lobo cresce no filhote'.

13 "Presta muita atenção às artimanhas de teus amigos; mas pouca habilidade me foi dada para prever os caminhos de tua vida; ainda assim, seria bom que não viesse contra ti o ódio dos da casa de tua esposa."

14 Sigurd disse: "Entre os filhos dos homens não se pode encontrar ninguém mais sábio do que tu; e por isso juro que te terei como minha, pois estás junto ao meu coração."

15 Ela responde: "A ti eu escolheria com a maior alegria, mesmo que pudesse escolher entre todos os filhos dos homens."

16 E assim os dois deram sua palavra um ao outro.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXII. DA APARÊNCIA E DOS TRAJES DE SIGURD, MATADOR DE FAFNIR

✦

1 Agora Sigurd parte a cavalo; seu escudo tem muitas camadas e reluz com ouro vermelho, e nele está desenhada a imagem de um dragão; essa imagem era castanho-escura na parte de cima e vermelho-viva na parte de baixo; e com uma imagem semelhante estavam enfeitados o elmo, a sela e a sobreveste de armas; ele vestia a cota de malha dourada, e todas as suas armas eram trabalhadas em ouro.

2 O dragão estava desenhado em todas as suas armas para que, quando os homens o vissem, todos soubessem quem passava por ali; sim, todos aqueles que tinham ouvido falar de como ele matara o grande dragão que os Voerings chamam de Fafnir; e por esse motivo suas armas eram trabalhadas em ouro e de tom castanho, e porque ele superava de longe os outros homens em cortesia e boas maneiras, e em quase tudo mais; e, quando as pessoas falam de todos os campeões mais poderosos e dos chefes mais nobres, ele é sempre citado em primeiro lugar, e seu nome corre por toda parte, em todas as línguas ao norte do mar das terras gregas, e assim será enquanto o mundo durar.

3 Os cabelos desse Sigurd eram de um ruivo dourado, de bela forma, e caíam em grandes cachos; sua barba era espessa e curta, e da mesma cor; tinha o nariz alto e o rosto largo, de ossos salientes; seus olhos eram tão penetrantes que poucos ousavam encará-lo sob as sobrancelhas; seus ombros pa-

reciam tão largos quanto os de dois homens; seu corpo era muito bem proporcionado entre a altura e a largura, da maneira mais bela; e este é o sinal que se conta de sua altura: quando trazia à cintura sua espada Gram, que tinha sete palmos de comprimento, e atravessava os campos de centeio já crescido, a ponteira da bainha dessa espada batia nas espigas ainda em pé; e, apesar disso, sua força era maior que sua estatura. Sabia manejar a espada, lançar a lança, disparar a flecha, empunhar o escudo, retesar o arco, montar a cavalo e realizar todas as belas proezas que aprendera nos dias de sua juventude.

4 Tinha sabedoria para conhecer coisas que ainda não tinham acontecido; e entendia a voz de todas as aves, por isso poucas coisas o pegavam de surpresa.

5 Era homem de muitas palavras e falava tão bem que, sempre que se dedicava a falar, nunca encerrava seu discurso antes que todos estivessem completamente convencidos de que a questão só podia ser como ele dizia.

6 Sua diversão e seu prazer eram ajudar os seus e pôr-se à prova em grandes feitos, tomar riquezas de seus inimigos e dá-las a seus amigos.

7 Nunca perdia a coragem e não temia coisa alguma.

8 [1] Este capítulo é quase literalmente igual ao capítulo 166 da "Wilkina-saga"; ed.: Perinskiold, Estocolmo, 1715.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIII. SIGURD CHEGA A HLYMDALE

✦

1 Sigurd segue cavalgando até chegar a uma grande e bela morada, cujo senhor era um poderoso chefe chamado Heimir; ele tinha por esposa uma irmã de Brynhild, chamada Bekkhild, porque havia ficado em casa e aprendido trabalhos manuais, enquanto Brynhild ia para as guerras de elmo e cota de malha, razão pela qual era chamada Brynhild.

2 Heimir e Bekkhild tinham um filho chamado Alswid, o mais cortês dos homens.

3 Naquele lugar, os homens se divertiam ao ar livre, mas, quando veem o homem se aproximar a cavalo, deixam suas brincadeiras para admirá-lo, pois nunca tinham visto alguém como ele; foram então ao seu encontro e lhe deram boas-vindas; Alswid o convidou a ficar e a receber dele tudo o que desejasse; e ele aceita o convite com alegria; também providenciaram que fosse devidamente servido; quatro homens tiraram o tesouro de ouro de cima do cavalo, e o quinto o levou consigo para guardá-lo; ali havia muitas coisas para se contemplar, objetos de grande valor e raramente vistos; e os homens se divertiam e se alegravam muito ao olhar as cotas de malha e os elmos, os grandes anéis, as espantosas e enormes jarras de ouro e toda espécie de armas de guerra.

4 Assim Sigurd viveu ali por muito tempo, cercado de grande honra; e a notícia daquele feito célebre se espalhou por todas as terras: como ele havia matado aquele dragão medonho e terrível. Viviam ali juntos com grande

alegria, e eram leais uns aos outros; e sua diversão era pôr em ordem as armas, preparar as hastes das flechas e fazer voar seus falcões.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIV. SIGURD VÊ BRYNHILD EM HLYMDALE

✦

1 Naqueles dias, Brynhild, filha de criação de Heimir, voltou à casa dele, e ficava sentada em seu aposento com suas donzelas, sendo mais hábil nos trabalhos manuais do que as outras mulheres; ali se sentava, cobrindo um tecido com ouro e bordando nele os grandes feitos de Sigurd: a morte da Serpente, a conquista de suas riquezas e também a morte de Regin.

2 Conta a história que, certo dia, Sigurd cavalgou pela floresta com seu falcão, seu cão de caça e muitos homens; e, quando voltou para casa, seu falcão voou até uma torre alta e pousou numa janela. Sigurd foi então atrás de seu falcão e viu uma bela mulher sentada ali, e reconheceu que era Brynhild; e julgou que tudo o que via ali era digno de estar junto, tanto a beleza dela quanto as belas coisas que fazia; depois entrou no salão, mas já não encontrava alegria nas diversões dos homens.

3 Então Alswid disse: "Por que estás tão sem alegria? Esse teu jeito entristece a nós, teus amigos; por que não voltas aos teus modos alegres? Olha, teus falcões agora definham, e teu cavalo Grani anda abatido; quanto tempo ainda levará para vermos isso melhorar?"

4 Sigurd respondeu: "Bom amigo, escuta o que me ocupa a mente; meu falcão voou até uma torre; e, quando fui até lá e o apanhei, vi uma bela mulher sentada junto a um bordado de ouro, no qual representava meus feitos passados e os que ainda estão por vir."

5 Então Alswid disse: "Viste Brynhild, filha de Budli, a maior entre as grandes mulheres."

6 "Sim, de fato", disse Sigurd; "mas como ela veio parar aqui?"

7 Aswid respondeu: "Pouco tempo separou a chegada de vocês dois aqui."

8 Sigurd diz: "Sim, mas há poucos dias eu a conheci como a melhor das mulheres do mundo."

9 Alswid disse: "Não dediques toda a tua atenção a uma só mulher, sendo o homem que és; é uma vida ruim ficar lamentando o que não podemos ter."

10 "Irei encontrá-la", diz Sigurd, "e conseguirei dela um amor igual ao meu, e lhe darei um anel de ouro como sinal disso."

11 Alswid respondeu: "Nunca se soube de alguém a quem ela permitisse sentar ao seu lado ou a quem oferecesse bebida; pois ela sempre se dedicará à guerra e à conquista de toda espécie de fama."

12 Sigurd disse: "Não sabemos ao certo se ela nos dará resposta ou não, nem se nos concederá um lugar ao seu lado."

13 Assim, no dia seguinte, Sigurd foi ao aposento, enquanto Alswid ficou do lado de fora da porta, ajustando hastes às suas flechas.

14 Então Sigurd disse: "Salve, bela e vigorosa senhora, como vais?"

15 Ela respondeu: "Vou bem; meus parentes e meus amigos ainda vivem; mas quem pode dizer que boa sorte as pessoas conservarão até o fim da vida?"

16 Ele se sentou ao lado dela, e entraram quatro donzelas com grandes taças de ouro cheias do melhor vinho; elas se puseram diante dos dois.

17 Então Brynhild disse: "Este lugar é para poucos, a não ser que meu pai venha."

18 Ele respondeu: "Ainda assim, foi concedido a alguém que muito me agrada."

19 Aquele aposento estava enfeitado com as melhores e mais belas tapeçarias, e seu chão estava todo coberto de tecido.

20 Sigurd disse: "Agora aconteceu exatamente como prometeste."

21 "Oh, sê bem-vindo aqui!", disse ela, e com isso se levantou, junto com as quatro donzelas, levou-lhe a taça de ouro e o convidou a beber; ele estendeu a mão para a taça e a tomou, junto com a mão dela, e a puxou para que se sentasse ao seu lado; então passou os braços ao redor do pescoço dela, beijou-a e disse:

22 "És a mais bela que já nasceu!"

23 Mas Brynhild disse: "Ah, é mais sábio não pôr a confiança e a fidelidade nas mãos de uma mulher, pois elas sempre quebrarão o que prometeram."

24 Ele disse: "O dia em que fizéssemos um ao outro feliz amanheceria sobre nossas cabeças como o melhor dos dias."

25 Brynhild respondeu: "Não está destinado que vivamos juntos; sou uma donzela do escudo e uso elmo na cabeça, assim como os reis guerreiros, e muitas vezes os ajudo, e a batalha ainda não se tornou odiosa para mim."

26 Sigurd respondeu: "Que fruto terá nossa vida, se não vivermos juntos? Mais difícil de suportar é esta dor que trago aqui dentro do que o golpe de uma espada afiada."

27 Brynhild responde: "Contemplarei os exércitos dos reis guerreiros, mas tu te casarás com Gudrun, filha de Giuki."

28 Sigurd respondeu: "Que filha de rei existe para me seduzir? Meu coração não está dividido nisso; e agora juro pelos Deuses que terei a ti como minha esposa, ou a nenhuma outra mulher."

29 E ela falou da mesma maneira.

30 Sigurd lhe agradeceu por suas palavras e lhe deu um anel de ouro; então renovaram seus juramentos, e ele voltou para junto de seus homens e ficou com eles por algum tempo, em grande felicidade.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXV. DO SONHO DE GUDRUN, FILHA DE GIUKI

✦

1 Havia um rei chamado Giuki, que governava um reino ao sul do Reno; tinha três filhos, assim chamados: Gunnar, Hogni e Guttorm, e Gudrun era o nome de sua filha, a mais bela das donzelas; e todos esses filhos superavam de longe os filhos dos outros reis em toda espécie de valor, bem como em beleza e estatura; seus filhos estavam sempre nas guerras e realizavam muitos feitos célebres. Giuki havia se casado com Grimhild, a Sábia.

2 Budli era o nome de um rei mais poderoso que Giuki, embora ambos fossem poderosos; e Atli era irmão de Brynhild: Atli era um homem feroz e severo, grande e de aparência sombria, mas também de porte nobre, e o maior dos guerreiros. Grimhild era uma mulher de coração feroz.

3 Naqueles dias, a família de Giuki prosperava, principalmente por causa daqueles filhos, tão superiores aos demais seres humanos.

4 Certo dia, Gudrun diz às suas donzelas que não consegue sentir alegria no coração; então uma mulher lhe perguntou por que sua alegria havia desaparecido.

5 Ela respondeu: "A aflição me veio em meus sonhos, por isso há tristeza em meu coração, já que precisas perguntar."

6 "Conta-me então teu sonho", disse a mulher, "pois muitas vezes os sonhos só anunciam o tempo que fará."

7 Gudrun responde: "Não, não, isso nada tem a ver com o tempo; sonhei que tinha um belo falcão no pulso, coberto de penas de ouro."

8 A mulher diz: "Muitos ouviram falar de tua beleza, de tua sabedoria e de tua cortesia; algum filho de rei te espera, então."

9 Gudrun responde: "Sonhei que nada me era tão querido quanto esse falcão, e que eu abriria mão de toda a minha riqueza antes de abrir mão dele."

10 A mulher disse: "Bem, então o homem que terás será um dos mais belos, e muito o amarás."

11 Gudrun respondeu: "Entristece-me não saber quem ele será; vamos procurar Brynhild, pois talvez ela saiba."

12 Então se enfeitaram com ouro e muitas coisas belas, e ela partiu com suas donzelas até chegarem ao salão de Brynhild, que era adornado de ouro e ficava sobre uma colina alta; e, quando avistaram sua chegada, disseram a Brynhild que um grupo de mulheres se aproximava da fortaleza em carros dourados.

13 "Deve ser Gudrun, filha de Giuki", diz ela; "sonhei com ela na noite passada; vamos ao seu encontro! Nenhuma mulher mais bela poderia vir à nossa casa."

14 Então saíram para recebê-las e lhes deram boas-vindas, e entraram juntas no belo salão; seu interior era lindamente pintado e bem adornado com vasos de prata; tecidos foram estendidos sob seus pés, e todos as serviam, e elas se divertiram de muitas maneiras.

15 Mas Gudrun estava um tanto calada.

16 Então Brynhild disse: "É ruim tirar a alegria das pessoas; peço-te que não faças isso; conversemos, para nos divertir, sobre reis poderosos e seus grandes feitos."

17 "Boa conversa", diz Gudrun, "façamos assim; que reis julgas terem sido os primeiros entre todos os homens?"

18 Brynhild diz: "Os filhos de Haki, e também Hagbard; realizaram muitos feitos célebres na guerra."

19 Gudrun responde: "Certamente eram grandes homens, de nobre fama! Mas Sigar tomou uma das irmãs deles e queimou a outra junto com a casa; e pode-se dizer que demoraram a vingar esse feito; por que não mencionaste meus irmãos, que são considerados os primeiros entre os homens de nosso tempo?"

20 Brynhild diz: "Certamente são homens promissores, embora ainda pouco postos à prova; mas conheço um que os supera de longe: Sigurd, filho do rei Sigmund; era muito jovem quando matou os filhos de Hunding e vingou seu pai e Eylimi, pai de sua mãe."

21 Gudrun disse: "Com que prova afirmas isso?"

22 Brynhild respondeu: "Sua mãe caminhou entre os mortos e encontrou o rei Sigmund gravemente ferido, e quis tratar de suas feridas; mas ele disse que estava ficando velho demais para a guerra e lhe pediu que guardasse no coração este consolo: ela daria à luz o mais famoso dos filhos; e sábia foi nisso a palavra daquele homem sábio, pois, depois da morte do rei Sigmund, ela foi para junto do rei Alf, e ali Sigurd foi criado com grande honra, e a cada dia realizava algum feito célebre, e é o homem mais renomado de todo o vasto mundo."

23 Gudrun diz: "Foi por amor que obtiveste essas notícias dele; mas vim aqui por este motivo: contar-te meus sonhos, que me trouxeram grande aflição."

24 Brynhild diz: "Não deixes que essas coisas te entristeçam; fica com teus amigos, que todos desejam te ver alegre!"

25 "Foi isto que sonhei", disse Gudrun: "que saíamos do aposento, muitas de nós juntas, e vimos um cervo imenso, que superava de longe todos os outros cervos já vistos, e seu pelo era dourado; todas desejávamos capturá-lo, mas só eu o consegui; e ele me parecia melhor do que todas as outras coisas; mas depois tu, Byrnhild, atiraste e mataste meu cervo bem junto aos meus joelhos, e isso me causou uma dor tão grande que mal pude suportá-la; e depois me deste um filhote de lobo, que me salpicou com o sangue de meus irmãos."

26 Brynhild responde: "Interpretarei teu sonho, tal como as coisas acontecerão no futuro; pois Sigurd virá a ti, aquele mesmo que escolhi como meu amado; e Grimhild lhe dará hidromel misturado com substâncias nocivas, que lançará todos nós em grande conflito. Tu o terás e logo o perderás; e te casarás com o rei Atli; e perderás teus irmãos e, no fim, também matarás Atli."

27 Gudrun responde: "Que aflição e dor saber que essas coisas acontecerão!"

28 E com isso ela e suas acompanhantes voltam para casa, para junto do rei Giuki.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVI. SIGURD CHEGA AOS GIUKINGOS E SE CASA COM GUDRUN

✦

1 Então Sigurd segue seu caminho com todo aquele grande tesouro e se despede deles em amizade; monta Grani com todo o seu equipamento de guerra e também a carga; e assim cavalga até chegar ao salão do rei Giuki; entra a cavalo na cidadela, e um dos homens do rei o vê e diz:

2 "Certamente se pode pensar que chegou aqui um dos deuses, pois seus trajes são todos adornados de ouro, seu cavalo é muito mais poderoso que os outros cavalos, suas armas são de uma beleza extraordinária e, acima de tudo, o próprio homem supera de longe todos os outros homens que já se viram."

3 Então o rei sai com sua corte, cumprimenta o homem e pergunta:

4 "Quem é você, que entra assim a cavalo na minha cidadela, como ninguém até agora ousou fazer sem a permissão dos meus filhos?"

5 Ele respondeu: "Eu me chamo Sigurd, filho do rei Sigmund."

6 Então disse o rei Giuki: "Seja bem-vindo aqui e receba de nossas mãos tudo o que desejar."

7 Assim ele entrou no salão do rei, e todos os homens pareciam pequenos ao seu lado, e todos o serviam, e ali ele permaneceu em grande alegria.

8 Muitas vezes saem todos juntos a cavalo, Sigurd, Gunnar e Hogni, e Sigurd sempre se destaca muito entre eles, embora fossem homens de grande valor nas armas.

9 Mas Grimhild percebe quanto Sigurd amava Brynhild de todo o coração e quantas vezes falava dela; e começa a pensar como seria bom se ele permanecesse ali e se casasse com a filha do rei Giuki, pois via que ninguém podia se comparar à sua beleza, à lealdade e à disposição de ajudar que havia nele, e que possuía mais riquezas do que se podia dizer de qualquer homem; e o rei o tratava como aos próprios filhos, e estes, por sua vez, o consideravam de maior valor que eles mesmos.

10 Então, certa noite, enquanto estavam sentados bebendo, a rainha se levantou, foi até Sigurd e disse:

11 "Temos grande alegria em sua permanência aqui e poremos à sua disposição todas as coisas boas que temos para lhe dar; agora, tome este chifre e beba dele."

12 Ele o tomou e bebeu, e então ela disse: "Seu pai será o rei Giuki, e eu serei sua mãe, e Gunnar e Hogni serão seus irmãos, e tudo isso será confirmado por juramentos de uns aos outros; e então certamente nunca se encontrará na terra ninguém que se iguale a vocês."

13 Sigurd acolheu bem suas palavras, pois, ao beber aquela bebida, toda lembrança de Brynhild o abandonou. Assim, permaneceu ali por algum tempo.

14 E um dia Grimhild foi até o rei Giuki, passou os braços ao redor do pescoço dele e disse:

15 "Veja, agora veio até nós o mais nobre dos grandes corações que há no mundo; e certamente ele há de ser leal e de grande ajuda; dê-lhe, então, sua filha, com riquezas abundantes e tanto poder quanto ele desejar; talvez assim ele fique bem satisfeito em permanecer aqui para sempre."

16 O rei respondeu: "Raramente acontece de reis oferecerem suas filhas a alguém; porém, será mais honroso oferecê-la a este homem do que receber de outros humildes súplicas por ela."

17 Certa noite, Gudrun serve a bebida, e Sigurd observa como ela é bela e cheia de cortesia.

18 Por cinco estações Sigurd permaneceu ali, e eles sempre passavam seus dias juntos em grande honra e amizade.

19 E aconteceu que os reis conversaram entre si, e Giuki disse:

20 "Você nos faz um grande bem, Sigurd, e fortalece nosso reino com extraordinária força."

21 Então Gunnar disse: "Faremos por você tudo o que for possível, se permanecer aqui por muito tempo; terá tanto domínio quanto nossa irmã, oferecida de livre vontade e sem que a tenha pedido, a quem outro homem não conseguiria obter com todas as suas súplicas."

22 Sigurd diz: "Agradeço a vocês por esta honra que me concedem, e de bom grado a aceitarei."

23 Então juraram fraternidade entre si e prometeram ser como filhos de um mesmo pai e de uma mesma mãe; e realizou-se uma esplêndida festa, que durou muitos dias, e Sigurd bebeu na celebração de seu casamento com Gudrun; e ali se podiam ver toda espécie de jogos e divertimentos, e a cada dia a festa ficava melhor.

24 Agora eles viajam por muitas terras do mundo, realizam muitos grandes feitos e matam muitos filhos de reis, e nenhum homem jamais realizou proezas como as deles; depois voltam para casa com muitas riquezas con-

quistadas na guerra.

25 Sigurd deu a Gudrun um pedaço do coração da serpente, e ela o comeu e se tornou mais corajosa e mais sábia do que antes; e o filho dos dois recebeu o nome de Sigmund.

26 Certa vez, Grimhild foi até seu filho Gunnar e disse:

27 "Sua vida e sua fortuna florescem belamente, salvo por uma única coisa: você ainda não se casou; vá pedir Brynhild em casamento; este é um bom conselho, e Sigurd irá a cavalo com você."

28 Gunnar respondeu: "Ela é bela, sem dúvida, e tenho muita vontade de conquistá-la"; e então conta isso a seu pai, a seus irmãos e a Sigurd, e todos o incentivam a buscar esse casamento.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVII. O PEDIDO DE CASAMENTO A BRYNHILD

✦

1 Então eles se preparam com alegria para a viagem e cavalgam por colinas e vales até a casa do rei Budli, a quem pedem a mão de sua filha; ele acolheu bem o pedido, desde que ela própria não os recusasse; mas disse também que ela era tão altiva que apenas o homem que ela desejasse poderia se casar com ela.

2 Depois cavalgam até Hlymdale, e ali Heimir os recebe bem; então Gunnar conta o motivo de sua vinda; Heimir diz que ela só deve se casar com aquele que escolher livremente; e lhes conta que a morada dela ficava a pouca distância dali e que acreditava que ela só aceitaria aquele que atravessasse a cavalo o fogo ardente que cercava seu salão; assim eles partem e chegam ao salão e ao fogo, e veem ali um castelo com a cumeeira de ouro, e ao redor de tudo um fogo que se ergue rugindo.

3 Gunnar montava Goti, e Hogni, Holkvi, e Gunnar golpeou seu cavalo para que enfrentasse o fogo, mas ele recuou.

4 Então Sigurd disse: "Por que você recua, Gunnar?"

5 Ele respondeu: "O cavalo não quer pisar neste fogo; mas empreste-me seu cavalo Grani."

6 "Sim, de muito boa vontade", diz Sigurd.

7 Então Gunnar o conduz em direção ao fogo, mas ainda assim Gram não se move de modo algum, e Gunnar continua sem conseguir atravessar aquele fogo a cavalo. Então Gunnar e Sigurd trocam de aparência, assim como Grimhild lhes havia ensinado; depois Sigurd, com a aparência de Gunnar, monta e cavalga, com Gram na mão e esporas de ouro nos calcanhares; então Grani saltou para dentro do fogo ao sentir as esporas; e um poderoso rugido se ergueu enquanto o fogo ardia cada vez mais furioso, e a terra tremeu, e as chamas subiram até os céus, e ninguém teria ousado cavalgar como ele cavalgava, como se atravessasse a mais profunda escuridão.

8 Mas então o fogo baixou, e ele saltou do cavalo e entrou no salão, assim como diz a canção:

9 "A chama ardia em seu maior furor,
Os campos da terra tremiam
Enquanto a chama vermelha, no alto,
Lambia a parte mais baixa do céu.
Poucos teriam vontade,
Entre os governantes dos povos,
De cavalgar por aquela chama
Ou atravessá-la a pé.

10 "Então Sigurd golpeou
Grani com a espada,
E a chama se apagou
Diante do rei;
Baixas ficaram as chamas

Diante do ávido por fama;
Brilhante reluzia o equipamento
Que antes pertencera a Regin.

11 Depois que Sigurd atravessou o fogo, entrou numa bela morada, e ali estava sentada Brynhild.

12 Ela perguntou: "Quem é esse homem?"

13 Então ele se apresentou como Gunnar, filho de Giuki, e disse: "Você me foi concedida como esposa, pela boa vontade e pela palavra de seu pai e de seu pai de criação, e atravessei a cavalo as chamas do seu fogo, conforme a palavra que você declarou."

14 "Não sei ao certo", disse ela, "como devo lhe responder."

15 Sigurd estava de pé no salão, apoiado no punho de sua espada, e falou a Brynhild:

16 "Em retribuição, devo lhe dar um grande dote em ouro e belos objetos?"

17 Ela respondeu com tristeza de seu assento, onde estava sentada como um cisne sobre uma onda, com uma espada na mão, um elmo na cabeça e vestida com uma cota de malha: "Ó Gunnar", diz ela, "não me fale dessas coisas, a menos que seja o primeiro e o melhor de todos os homens; pois então deverá matar aqueles meus pretendentes, se tiver coragem para isso; estive em batalhas com o rei dos gregos, e nossas armas ficaram manchadas de sangue vermelho, e ainda anseio por essas coisas."

18 Ele respondeu: "Sim, certamente você realizou muitos grandes feitos; mas lembre-se de seu juramento acerca de atravessar este fogo a cavalo, no qual jurou que iria com o homem que realizasse esse feito."

19 Então ela reconheceu que ele dizia a verdade, deu ouvidos às suas palavras, levantou-se e o cumprimentou como convinha, e ele permaneceu ali por três noites, e os dois se deitaram juntos numa mesma cama; mas ele tomou a espada Gram e a colocou entre eles; então ela lhe perguntou por que a punha ali; e ele respondeu que precisava se casar com sua esposa daquela maneira, ou encontraria a morte.

20 Então ela tirou o anel Herança de Andvari, que ele lhe dera antes, e o entregou a ele, mas ele lhe deu outro anel do tesouro de Fafnir.

21 Depois ele partiu a cavalo através do mesmo fogo até seus companheiros, e ele e Gunnar trocaram de novo de aparência, cavalgaram até Hlymdale e contaram como tudo havia acontecido.

22 Naquele mesmo dia, Brynhild voltou para a casa de seu pai de criação e lhe contou, como a alguém em quem confiava, que um rei havia vindo até ela: "E ele atravessou a cavalo meu fogo ardente, disse que viera pedir minha mão e se apresentou como Gunnar; mas eu disse que só Sigurd poderia ter realizado tal feito, aquele a quem prometi casamento na montanha; e ele é o primeiro a quem fiz essa promessa e o meu bem-amado."

23 Heimir disse que as coisas precisavam permanecer como haviam acontecido.

24 Brynhild disse: "Aslaug, minha filha com Sigurd, será criada aqui com você."

25 Então os reis voltam para casa, mas Brynhild vai até seu pai; Grimhild recebe os reis como convém e agradece a Sigurd por sua companhia; e prepara-se uma grande festa, com muitos convidados; e para lá veio o rei Budli com sua filha Brynhild e seu filho Atli, e a festa durou muitos dias; e nessa

festa Gunnar se casou com Brynhild; mas, quando ela chegou ao fim, Sigurd voltou a se lembrar de todos os juramentos que fizera a Brynhild, e ainda assim deixou que tudo permanecesse em sossego e paz.

26 Brynhild e Gunnar sentaram-se juntos em meio a muitos jogos e divertimentos e beberam um bom vinho.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVIII. COMO AS RAINHAS TROCARAM PALAVRAS IRADAS DURANTE O BANHO

✦

1 Certo dia, quando as rainhas foram ao rio para se banhar, Brynhild entrou na água e avançou mais longe; então Gudrun perguntou o que aquele gesto significava.

2 Brynhild disse: "Sim, e por que eu deveria me igualar a você nisso mais do que em outras coisas? Creio que meu pai é mais poderoso que o seu, e meu verdadeiro amor realizou muitos feitos maravilhosos e famosos, e também atravessou a cavalo o fogo ardente, enquanto seu marido não passava de um escravo do rei Hjalprek."

3 Gudrun respondeu, cheia de ira: "Você faria bem em ficar calada em vez de insultar meu marido: veja, todos dizem que nunca viveu neste mundo alguém que se igualasse a ele em coisa alguma; e a você, mais do que a qualquer outra pessoa, não fica bem zombar daquele que foi seu primeiro amor. Foi ele quem matou Fafnir, sim, e quem atravessou a cavalo seu fogo ardente, enquanto você pensava que ele era o rei Gunnar; ele se deitou ao seu lado e tirou de sua mão o anel Tesouro de Andvari; aqui você pode vê-lo!"

4 Então Brynhild viu o anel e o reconheceu, e ficou pálida como uma morta; foi para casa e não disse uma palavra durante toda a noite.

5 Assim, quando Sigurd foi se deitar com Gudrun, ela lhe perguntou por que a alegria de Brynhild havia desaparecido tanto.

6 Ele respondeu: "Não sei, mas muito receio que logo saberemos disso até demais."

7 Gudrun disse: "Por que ela não pode amar a vida, tendo riqueza e felicidade, o louvor de todos e ainda o homem que desejava?"

8 "Ah, sim!", disse Sigurd. "E onde, em todo o mundo, ela estava então, quando disse que julgava ter o mais nobre de todos os homens, e o mais querido de todos ao seu coração?"

9 Gudrun responde: "Amanhã perguntarei a ela sobre isso, sobre quem, entre todos os homens, ela mais deseja como marido."

10 Sigurd disse: "Preciso proibir você de fazer isso, e com toda certeza você se arrependerá se o fizer."

11 Na manhã seguinte, elas estavam sentadas no aposento, e Brynhild permanecia calada; então Gudrun falou:

12 "Alegre-se, Brynhild! Você está triste por causa daquela nossa conversa, ou que outra coisa destrói sua felicidade?"

13 Brynhild responde: "Você só diz isso por maldade, pois tem um coração cruel."

14 "Não diga isso", disse Gudrun, "mas conte-me toda a história."

15 Brynhild responde: "Pergunte apenas o que lhe convém saber, assuntos próprios de damas poderosas. É bom amar as coisas boas quando tudo acontece conforme o desejo do coração!"

16 Gudrun diz: "Ainda é cedo para eu me orgulhar disso; mas essas suas palavras parecem indicar alguma previsão. Que mal você lança contra nós? Nada fiz para entristecer você."

17 Brynhild responde: "Você pagará por ter conquistado Sigurd para si; de modo algum suporto ver você vivendo na felicidade disso, tendo a ele, sua riqueza e seu poder."

18 Mas Gudrun respondeu: "Eu nada sabia das palavras e dos votos que vocês trocaram; e meu pai bem podia cuidar do meu casamento sem tratar primeiro com você."

19 "Não tivemos nenhuma conversa secreta", disse Brynhild, "embora tenhamos feito um juramento um ao outro; e você sabia muito bem que estava tratando de me enganar; certamente terá sua recompensa!"

20 Gudrun diz: "Você conseguiu um marido melhor do que merece; mas talvez seja difícil aplacar seu orgulho e sua raiva, e muitos homens pagarão por isso."

21 "Ah, eu ficaria bem satisfeita", disse Brynhild, "se você não tivesse o homem mais nobre!"

22 Gudrun responde: "Você tem um marido tão nobre que quem conhece um rei maior ou um senhor de mais riqueza e poder?"

23 Brynhild diz: "Sigurd matou Fafnir, e só esse feito vale mais do que todo o poder do rei Gunnar."

24 (Como diz a canção):

25 "Sigurd matou a serpente,
E jamais esse feito
Perderá seu valor com os anos
Enquanto o mundo viver:
Mas seu irmão, o rei,
Nunca ousou, nunca suportou
Vencer as chamas a cavalo,
Atravessar o fogo."

26 Gudrun responde: "Grani não enfrentava o fogo levando o rei Gunnar, mas Sigurd ousou realizar o feito, e seu coração bem pode se conter e deixar de zombar dele."

27 Brynhild responde: "De modo algum esconderei de você que não penso nada de bom de Grimhild."

28 Gudrun diz: "Não fale mal dela, pois em tudo ela trata você como à própria filha."

29 "Ah", diz Brynhild, "ela é a origem de todo este sofrimento que tanto atormenta; ela levou a Sigurd uma bebida maligna, de modo que ele já não se lembrava nem do meu nome."

30 "Tudo o que você diz está errado; isso é uma mentira sem tamanho", disse Gudrun.

31 Brynhild respondeu: "Que sua alegria com Sigurd seja da mesma medida dos artifícios com que vocês me enganaram! Vocês conspiraram contra mim de maneira indigna; que tudo lhes aconteça conforme meu coração deseja!"

32 Gudrun diz: "Terei com ele mais alegria do que seu desejo me concederia; mas ninguém jamais pensou que ele antes tivesse tido seu prazer comigo; não, nem uma única vez."

33 "Você diz palavras maldosas", diz Brynhild; "quando sua raiva passar, você se arrependerá; mas vamos, não lancemos mais palavras iradas uma contra a outra!"

34 Gudrun diz: "Você foi a primeira a me lançar essas palavras, e agora faz como se quisesse reparar o mal, mas por trás disso permanece um coração cruel e duro."

35 "Deixemos de lado essa conversa vã", diz Brynhild. "Por muito tempo fiquei calada sobre a tristeza do meu coração, e veja, agora só amo seu irmão; falemos de outras coisas."

36 Gudrun disse: "Seu coração olha muito além de tudo isso."

37 E assim uma terrível desgraça resultou daquela ida ao rio e do reconhecimento do anel, de onde surgiu toda a conversa entre elas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIX. DA GRANDE DOR E DO LUTO DE BRYNHILD

✦

1 Depois dessa conversa, Brynhild ficou de cama, e levaram ao rei Gunnar a notícia de que Brynhild estava doente; ele foi vê-la e perguntou o que a afligia; mas ela não lhe respondeu nada e ficou ali como morta. Quando ele insistiu muito por uma resposta, ela disse:

2 "O que você fez com aquele anel que eu lhe dei, o mesmo que o rei Budli me deu na nossa última despedida, quando você e o rei Giuki foram até ele e o ameaçaram com fogo e espada se ele não me desse a você como esposa?

2.2 Sim, naquele dia ele me levou à parte e perguntou qual dos que tinham vindo eu havia escolhido; mas eu lhe pedi que me deixasse ficar para defender a terra e comandar a terça parte de seus homens.

2.3 Então me restaram duas escolhas: casar com aquele que ele quisesse ou perder toda a prosperidade e amizade que ele me concedia; e ele disse ainda que sua amizade me seria melhor que sua ira. Então pensei se deveria ceder à sua vontade ou matar muitos homens; e julguei que de pouco adiantaria lutar contra ele.

2.4 Assim aconteceu que prometi me casar com quem montasse o cavalo Grani com o tesouro de Fafnir, atravessasse meu fogo ardente e matasse os homens que eu lhe mandasse matar. E aconteceu que ninguém ousou cavalgar, a não ser Sigurd, pois não lhe faltava coragem para isso; sim, e ele matou a Serpente, Regin e mais cinco reis.

2.5 Mas você, Gunnar, não ousou fazer nada; ficou pálido como um morto, e não é rei nem campeão. Eu havia feito um voto a meu pai de que amaria apenas o homem mais nobre que existisse, e esse homem é apenas Sigurd; veja, agora quebrei meu juramento e o reduzi a nada, pois ele não me pertence, e por essa razão tramarei a sua morte.

2.6 E tenho uma grande recompensa de males com que retribuir a Grimhild; nunca, que eu saiba, viveu mulher mais perversa ou de coração mais mesquinho que ela."

3 Gunnar respondeu de modo que poucos pudessem ouvi-lo: "Você disse muitas palavras vis e é uma mulher de coração perverso, pois insulta uma mulher muito melhor que você; ela nunca amaldiçoaria a própria vida como você faz; nem atormentou os mortos ou assassinou alguém, mas vive sua vida elogiada por todos."

4 Brynhild respondeu: "Nunca convivi em segredo com o mal nem cometi atos repugnantes; mas tenho muita vontade de matar você."

5 E, com isso, ela tentou matar o rei Gunnar, mas Hogni a acorrentou. Então Gunnar disse:

6 "Não, não quero que ela fique acorrentada."

7 Então ela disse: "Não se importe com isso! Pois nunca mais você me verá alegre em seu salão, nunca bebendo, nunca jogando xadrez, nunca dizendo palavras de bondade, nunca bordando de ouro os belos tecidos, nunca lhe dando bons conselhos. Ah, que dor sinto no coração por não ter conseguido ter Sigurd para mim!"

8 Então ela se sentou na cama, golpeou seu bordado e o rasgou em pedaços; mandou abrir as portas de seus aposentos para que os lamentos de sua dor pudessem ser ouvidos de longe. Houve então grande pranto e lamentação, e as pessoas os ouviram por toda aquela morada.

9 Então Gudrun perguntou às donzelas de seus aposentos por que estavam sentadas tão tristes e abatidas. "O que aconteceu com vocês, para se comportarem como mulheres sem juízo, ou que prodígios nunca ouvidos lhes sucederam?"

10 Uma dama de companhia chamada Swaflod respondeu: "Este é um dia funesto e mau, e nosso salão está cheio de lamentação."

11 Então Gudrun disse a uma de suas criadas: "Levante-se, pois dormimos muito; vá acordar Brynhild, e vamos nos dedicar ao bordado e nos alegrar."

12 "Não, não", disse ela, "de modo algum posso acordá-la ou falar com ela; há muitos dias ela não bebe hidromel nem vinho; certamente a ira dos deuses caiu sobre ela."

13 Então Gudrun disse a Gunnar: "Vá vê-la e diga a ela que sua dor também me entristece."

14 "Não", disse Gunnar, "estou proibido de ir vê-la ou de participar de sua felicidade."

15 Mesmo assim, ele foi até ela e tentou de muitas maneiras fazê-la falar, mas não conseguiu resposta alguma; por isso saiu, encontrou Hogni e lhe pediu que fosse vê-la. Ele disse que não tinha vontade de ir, mas foi e também nada conseguiu dela.

16 Então foram procurar Sigurd e lhe pediram que a visitasse; ele não respondeu nada, e assim ficaram as coisas naquela noite.

17 Mas, no dia seguinte, quando voltou da caça, Sigurd foi até Gudrun e disse:

18 "Pelo que vejo, parece que grandes males virão desta aflição e deste tumulto, e que Brynhild certamente morrerá."

19 Gudrun respondeu: "Ó meu senhor, grandes prodígios a cercam; há sete dias e sete noites ela dorme, e ninguém ousou acordá-la."

20 "Não, ela não dorme", disse Sigurd, "seu coração está ocupado com planos terríveis contra mim."

21 Então Gudrun disse, chorando: "Maldita seja a hora da sua morte! Vá vê-la e descubra se é possível aplacar sua fúria; dê ouro a ela e, com isso, sufoque sua dor e sua ira!"

22 Então Sigurd saiu e encontrou aberta a porta do quarto de Brynhild; pensou que ela dormia, tirou as cobertas de cima dela e disse:

23 "Acorde, Brynhild! O sol já brilha por toda a casa, e você já dormiu o suficiente; afaste a dor e acolha a alegria!"

24 Ela disse: "Como você ousou vir até mim? Nessa traição, ninguém foi pior para mim que você."

25 Sigurd disse: "Por que você não quer falar com as pessoas? Por que está sofrendo?"

26 Brynhild respondeu: "Ah, a você eu contarei a razão da minha ira!"

27 Sigurd disse: "Você parece estar sob um feitiço, se pensa que há alguma crueldade em meu coração contra você; mas tem por marido aquele que escolheu."

28 "Ah, não", disse ela, "Gunnar nunca atravessou o fogo a cavalo para chegar até mim, nem me deu como dote a multidão dos mortos. Estranhei o homem que entrou em meu salão, pois de fato me pareceu reconhecer os seus olhos; mas eu não conseguia ver com clareza nem distinguir o bem do mal, por causa do véu que pesava sobre o meu destino."

29 Sigurd disse: "Não há homens mais nobres que os filhos de Giuki; eles mataram o rei dos dinamarqueses e aquele grande chefe, o irmão do rei Budli."

30 Brynhild respondeu: "Certamente tenho de retribuir a eles muitas maldades; não me lembre das mágoas que tenho deles! Mas foi você, Sigurd, quem matou a Serpente e atravessou o fogo a cavalo; sim, e por minha causa, e não por algum dos filhos do rei Giuki."

31 Sigurd respondeu: "Não sou seu marido, e você não é minha esposa; porém, um rei de grande fama lhe pagou um dote."

32 Brynhild disse: "Nunca olhei para Gunnar de modo que meu coração lhe sorrisse; sou dura e cruel com ele, embora esconda isso dos outros."

33 "É espantoso", disse Sigurd, "não amar um rei assim; o que mais desperta sua ira? Pois certamente o amor dele deveria valer mais para você que o ouro."

34 "Esta é a minha dor mais profunda", disse ela, "que a espada cruel não esteja vermelha do seu sangue."

35 "Não tenha receio quanto a isso!", disse ele. "Não será preciso esperar muito até que a espada cruel esteja cravada fundo em meu coração; e você não precisa desejar coisa pior para si mesma, pois não viverá quando eu estiver morto. Poucos serão os dias de nossas duas vidas daqui em diante."

36 Brynhild respondeu: "Há desgraça de sobra em suas palavras, pois você me traiu e me separou [1] de toda felicidade; não me importo nem com minha vida nem com minha morte."

37 Sigurd respondeu: "Ah, viva e ame o rei Gunnar e a mim também! E eu lhe darei toda a minha riqueza se você não morrer."

38 Brynhild respondeu: "Você não me conhece, nem conhece o coração que tenho; pois você é o primeiro e o melhor de todos os homens, e eu me tornei a mais repugnante de todas as mulheres aos seus olhos."

39 "A verdade é esta", disse Sigurd, "que eu amava você mais que a mim mesmo, embora tenha caído nas artimanhas das quais nossas vidas não podem escapar; pois, sempre que meu próprio coração e minha mente me serviam, eu sofria muito por você não ser minha esposa. Mas, como podia, afastava de mim minha aflição, pois estava na morada de um rei; e, apesar de tudo, ficava muito contente por estarmos todos juntos. Bem pode ser que aconteça o que foi predito; e não temerei que isso se cumpra."

40 Brynhild respondeu: "Tarde demais você me diz que minha dor fazia você sofrer; pouca compaixão encontrarei agora."

41 Sigurd disse: "Meu coração deseja que você e eu nos deitemos juntos numa só cama; assim você seria minha esposa."

42 Brynhild disse: "De modo algum se podem dizer tais palavras, nem terei dois reis num só salão; prefiro entregar minha vida a enganar o rei Gunnar."

43 E então ela recordou como os dois se encontraram na montanha e fizeram juramentos um ao outro.

44 "Mas agora tudo mudou, e eu não quero viver."

45 "Eu não conseguia me lembrar do seu nome", disse Sigurd, "nem reconhecer você, antes da época do seu casamento; essa é a maior de todas as dores."

46 Então Brynhild disse: "Jurei me casar com o homem que atravessasse meu fogo ardente a cavalo, e cumprirei esse juramento ou morrerei."

47 "Para que você não morra, eu me casarei com você e repudiarei Gudrun", disse Sigurd.

48 Mas, com isso, seu coração se avolumou tanto dentro do peito que os anéis de sua cota de malha se romperam.

49 "Não quero você", disse Brynhild, "nem qualquer outro!"

50 Então Sigurd foi embora.

51 Assim diz a canção de Sigurd:

52 "Então saiu Sigurd,
Tão amado pelos grandes reis,
Da conversa e da dor,
Tão abatido, tão aflito,
Que a camisa que o envolvia,

Tecida de anéis de ferro,
Rompeu-se nas laterais
Daquele bravo na batalha."

53 Quando Sigurd entrou no salão, Gunnar perguntou se ele havia descoberto que grande dor pesava sobre ela, ou se ela conseguia falar; e Sigurd disse que isso não lhe faltava. Então Gunnar foi vê-la de novo e perguntou o que causava sua aflição, ou se havia alguma coisa que pudesse aliviá-la.

54 "Não quero viver", disse Brynhild, "pois Sigurd me traiu, sim, e você também, pois permitiu que ele entrasse em minha cama. Veja, não terei dois homens numa só morada; e isso será a morte de Sigurd, ou a sua morte, ou a minha morte; pois agora ele contou tudo a Gudrun, e ela está zombando de mim neste exato momento!"

55 [1] Apartar.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXX. DA MORTE DE SIGURD, MATADOR DE FAFNIR

✦

1 Depois disso, Brynhild saiu, sentou-se junto à parede de seus aposentos e disse muitas palavras de lamento, sem deixar de clamar que tudo lhe era odioso, tanto a terra como o poder, se não pudesse ter Sigurd.

2 Mas Gunnar tornou a procurá-la, e Brynhild disse: "Perderás o reino e a riqueza, a vida e a mim, pois voltarei para junto de meus parentes e ali viverei em tristeza, a menos que mates Sigurd e seu filho; nunca cries um filhote de lobo."

3 Gunnar ficou com o coração aflito ao ouvir isso e não conseguia perceber que coisa terrível havia por trás de tudo; estava ligado a Sigurd por um juramento, e seu coração oscilava de um lado para outro. Mas, por fim, pensou na vergonha sem medida que sofreria se a mulher o abandonasse e disse consigo: "Brynhild vale mais para mim do que todas as outras coisas, e é a mais bela de todas as mulheres; darei minha vida antes de perder seu amor." Então chamou o irmão e disse:

4 "Uma grande aflição pesa sobre mim", e lhe contou que precisava matar Sigurd, pois ele o havia traído naquilo em que confiara nele; "assim seremos senhores do ouro e também do reino".

5 Hogni respondeu: "Não nos convém romper nossos juramentos com violência e injustiça; ademais, ele nos é de grande auxílio. Nenhum rei será tão poderoso quanto nós, se o rei do povo dos hunos continuar vivo; nunca mais conseguiremos outro cunhado como ele. Pensa em como é bom ter

um cunhado assim, e filhos como os dele para nossa irmã! Mas vejo bem como estão as coisas, pois foi Brynhild quem te instigou a isso, e certamente seus conselhos nos arrastarão para uma enorme vergonha e desgraça."

6 Gunnar disse: "Ainda assim, isso será feito; e eis um plano: vamos incitar nosso irmão Guttorm a praticar o feito; ele é jovem, sabe pouco e, além disso, está completamente livre de todos os juramentos."

7 "Ah, isso começa mal", disse Hogni, "e, embora possa de fato ser realizado, receberemos a devida recompensa por trair um homem como Sigurd."

8 Gunnar disse: "Sigurd morrerá, ou eu morrerei."

9 Então mandou Brynhild se levantar e alegrar o coração; ela se levantou, mas continuou dizendo que Gunnar não voltaria à sua cama até que o feito estivesse consumado.

10 Os irmãos começaram então a conversar, e Gunnar disse que tirar a virgindade de Brynhild era um ato que bem merecia a morte; "vamos, pois, incitar Guttorm a fazer isso".

11 Então o chamaram e lhe ofereceram ouro e vastos domínios, como de fato tinham poder para fazer. E tomaram uma certa serpente e um pouco de carne de lobo, cozinharam tudo junto e lhe deram de comer, como canta o poeta:

12 "O peixe da mata,
A serpente que desliza,
Misturados à carne de lobo,

Picaram para Guttorm;
Depois, na taça,
No vinho que sua boca conhecia,
Puseram a mistura, fazendo ainda
Mais obras de feiticeiros.

13 Assim, ao comer aquela carne, ele se tornou tão feroz e ávido, por tudo o que o cercava e pelas palavras duras de Grimhild, que deu sua palavra de praticar o feito; e lhe prometeram grandes honras como recompensa.

14 Mas Sigurd nada sabia dessas tramas perversas, pois não podia mudar o destino que lhe fora traçado, nem a duração de seus dias, e tampouco julgava merecer tal tratamento da parte deles.

15 Na manhã seguinte, Guttorm foi até Sigurd, que estava deitado em sua cama, mas não ousou fazer nada contra ele e recuou, saindo dali; o mesmo aconteceu na segunda vez, pois os olhos de Sigurd eram tão brilhantes e penetrantes que poucos ousavam encará-lo.

15.2 Mas, na terceira vez em que entrou, Sigurd dormia; então Guttorm desembainhou a espada e atravessou Sigurd de tal maneira que a ponta atingiu a cama debaixo dele.

15.3 Sigurd acordou com o ferimento, e Guttorm correu para a porta; mas Sigurd agarrou a espada Gram e a arremessou atrás dele, atingindo-o nas costas e cortando-o ao meio, de modo que os pés caíram para um lado, e a cabeça e as mãos, para dentro do quarto.

16 Gudrun dormia sobre o peito de Sigurd, mas despertou para uma dor que não se pode contar, toda banhada no sangue dele; e se lamentou com tanto choro e tantas palavras de tristeza que Sigurd se ergueu sobre o tra-

vesseiro e falou.

17 "Não chores", disse ele, "pois teus irmãos vivem para tua alegria; mas tenho um filho pequeno, jovem demais para reconhecer seus inimigos. E eles agiram contra a própria sorte, pois nunca terão um cunhado mais poderoso para cavalgar ao seu lado, nem um filho melhor para sua irmã do que este, se lhe for permitido chegar à idade adulta.

17.2 Agora se cumpriu o que me foi predito há muito tempo, mas que ficou oculto aos meus olhos, pois ninguém pode lutar contra seu destino e vencer. Foi Brynhild quem causou isso, ela que me ama acima de todos os homens; mas posso jurar que nunca fiz mal a Gunnar, antes sempre permaneci fiel ao juramento que lhe fiz, e nunca fui íntimo demais de sua mulher.

17.3 E, se eu tivesse sido avisado e estivesse de pé com minhas armas, muitos homens teriam perdido a vida antes que eu caísse, e todos aqueles irmãos teriam sido mortos; matar-me teria dado mais trabalho do que matar o touro mais poderoso ou o mais poderoso javali da mata."

18 E, naquele instante, a vida deixou o rei; Gudrun gemeu e soltou um suspiro cansado, e Brynhild a ouviu e riu ao ouvir seu gemido.

19 Então Gunnar disse: "Não ris porque teu coração está cheio de alegria, pois, se assim fosse, por que teu rosto fica tão pálido? És mesmo uma criatura perversa; é bem provável que estejas perto da morte! Como seria justo que visses teu irmão Atli morto diante de teus olhos e que ficasses de pé junto ao seu cadáver, já que agora temos de ficar assim junto ao nosso cunhado, nosso cunhado que matou nosso irmão."

20 Ela respondeu: "Ninguém precisa zombar porque a medida da matança ainda não se completou; mas Atli não se importa com vossa ira nem com vossas ameaças; ele viverá mais do que vós e será um homem mais poderoso."

21 Hogni falou e disse: "Agora se cumpriu a profecia de Brynhild: uma obra perversa que não pode ser reparada."

22 E Gudrun disse: "Meus parentes mataram meu marido; mas, quando voltardes a cavalgar para a guerra e entrardes na batalha, olhareis ao redor e vereis que Sigurd não está nem à direita nem à esquerda, e sabereis que ele era vossa boa sorte e vossa força; e, se ele tivesse vivido e tido filhos, seus descendentes e seus parentes vos teriam fortalecido."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXI. DO LAMENTO DE GUDRUN POR SIGURD MORTO, COMO SE CONTA EM ANTIGOS CANTOS

✦

1 Gudrun, nos tempos antigos,
Esteve perto de morrer
Enquanto se sentava em tristeza
Junto a Sigurd;
Mas não suspirava
Nem batia uma mão na outra,
Nem soltava lamentos
Como as outras mulheres.

2 Então os condes foram até ela,
Cheios de toda sabedoria,
Desejosos de trazer auxílio
Ao seu coração aflito:
Gudrun permanecia sem
Lamentos nem choro,
Mas uma dor profunda
Lhe partia o coração.

3 Radiantes e belas,
Sentavam-se as esposas dos grandes condes,
Enfeitadas de ouro,
Diante de Gudrun;

Cada uma contava
Sua grande aflição,
A mais amarga dor
Que antes suportara.

4 Então falou Giaflaug,
Irmã de Giuki:
"Eis que sobre a terra
Vivo mais privada de amor,
Eu que de cinco companheiros
Tive de ver o fim,
De duas filhas
E três irmãs,
De oito irmãos,
E ficar para trás, sozinha."

5 Gudrun não conseguia
Lamentar nem chorar,
Tão grande era sua tristeza
Pelo marido morto,
Tão aflito seu coração
Pelo rei que ali jazia morto.

6 Então falou Herborg,
Rainha da terra dos hunos:
"Uma história mais cruel
Tenho para contar,
De meus sete filhos

Lá nas terras do sul,
E do oitavo homem, meu marido,
Caídos no campo da morte.

7 "Meu pai e minha mãe,
E quatro irmãos,
No vasto mar
Foram joguetes dos ventos e da morte;
As ondas batiam
Nas tábuas da amurada.

8 "Sozinha tive de cantar por eles,
Sozinha tive de prepará-los,
Sozinhas minhas mãos cuidaram
De sua partida;
E tudo isso aconteceu
No decorrer de uma estação,
E ninguém restou
Para dar amor ou consolo.

9 "Então fui acorrentada,
Como presa de guerra,
Quando aquela mesma estação
Chegava ao fim;
Como uma criada de quarto,
Tive de atar os sapatos
Da nobre esposa do duque,
Todos os dias ao amanhecer.

10 "Por seu ódio ciumento,
Sofri zombarias cruéis,
Chicotadas impiedosas
Ela me dava;
Nunca encontrei
Senhor melhor
Nem senhora pior
Em todo o vasto mundo."

11 Gudrun não conseguia
Lamentar nem chorar,
Tão grande era sua tristeza
Pelo marido morto,
Tão aflito seu coração
Pelo rei que ali jazia morto.

12 Então falou Gullrond,
Filha de Giuki:
"Ó mãe de criação,
Por mais sábia que sejas,
Em nada podes aliviar
A dor da jovem esposa."
E mandou descobrir
O corpo do rei morto.

13 Ela puxou o lençol
De cima de Sigurd
E virou seu rosto
Para os joelhos da esposa:

"Olha para teu amado,
Põe teus lábios nos dele,
Como quando te agarravas
Ao teu rei ainda vivo!"

14 Gudrun olhou uma vez,
Uma única vez,
E viu os cabelos de seu senhor
Todos ensanguentados,
Os olhos do grande homem
Vidrados e sem vida,
E a muralha de seu coração
Rompida pelo fio da espada.

15 Então Gudrun caiu para trás,
Para trás, sobre o travesseiro,
Soltou-se seu adorno de cabeça,
Suas faces ficaram vermelhas,
E as gotas de chuva correram
Sobre seus joelhos.

16 Então chorou Gudrun,
Filha de Giuki,
De tal modo que as lágrimas
Atravessaram o travesseiro;
E também os gansos
Que estavam no campo da casa,
As belas aves da jovem,
Começaram a gritar.

17 Então falou Gullrond,
Filha de Giuki:
"Certamente nunca conheci
Amor como o vosso
Entre todos os homens
Que vivem sobre a terra;
Nada te dava alegria,
Fora ou dentro de casa,
Ó minha irmã,
A não ser estar junto de Sigurd."

18 Então falou Gudrun,
Filha de Giuki:
"Assim era meu Sigurd
Entre os filhos de Giuki,
Como o alho-poró majestoso
Que cresce acima da relva baixa,
Ou uma pedra brilhante
Presa a uma fita,
Ou uma pérola preciosa
Na fronte de um príncipe.

19 "Antes eu era estimada
Pelos guerreiros do rei
Acima de qualquer uma
Das donzelas de Herjan;
Agora sou tão pequena

Quanto pode ser uma folha,
Na mata varrida pelo vento,
Agora que ele jaz morto.

20 Sinto falta, junto ao meu assento,
Sinto falta, em minha cama,
De meu amado de fala doce.
Os filhos de Giuki causaram,
Os filhos de Giuki causaram
Esta dor profunda,
Sim, para sua irmã,
A mais profunda dor.

21 "Que assim vossas terras
Fiquem devastadas por todos os lados,
Como quebrastes
Os juramentos que vos prendiam!
Nunca, Gunnar,
Terás alegria com o ouro;
Os anéis comprados a alto preço
Te arrastarão para a morte,
Sobre os quais fizeste
Teu juramento a Sigurd.

22 Ah, nos dias passados,
Grande era a alegria no campo da casa
Quando meu Sigurd
Pôs a sela em Grani,
E eles partiram

Para cortejar Brynhild!
Um dia ruim, uma mulher ruim,
E a pior das sortes!"

23 Então falou Brynhild,
Filha de Budli:
"Que faltem à mulher
Tanto amor como filhos,
Àquela que conseguiu arrancar
Teu choro, ó Gudrun!
Àquela que nesta manhã te dirigiu
Tantas palavras!"

24 Então falou Gullrond,
Filha de Giuki:
"Cala essas palavras,
Tu, odiada por todos!
A perdição dos homens valentes
Sempre foste,
Todas as ondas do mal
Inundam tua mente,
Para sete grandes reis
Foste uma dor profunda,
E a morte da boa vontade
Entre esposas e mulheres."

25 Então falou Brynhild,
Filha de Budli:
"Ninguém além de Atli

Trouxe a desgraça sobre nós,
Meu próprio irmão,
Nascido de Budli.

26 Quando vimos no salão
Do povo dos hunos
O ouro brilhando
Sobre os régios filhos de Giuki;
Paguei por aquela viagem
Muitas vezes e por inteiro,
E pela visão
Que então tive."

27 Junto a um pilar ela estava
E apertava sua madeira contra si;
Dos olhos de Brynhild,
Filha de Budli,
Saltavam chamas,
E ela bufava veneno,
Enquanto contemplava as feridas profundas
De Sigurd assassinado.

28 [1] Este capítulo é o poema édico chamado Primeiro Canto de Gudrun, inserido aqui pelos tradutores.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXII. DO FIM DE BRYNHILD

✦

1 E agora ninguém podia saber por que Brynhild havia de lamentar com lágrimas aquilo que pedira entre risos; mas ela disse:

2 "Tive um sonho, Gunnar, em que minha cama estava fria e tu cavalgavas para as mãos de teus inimigos. Agora, mal irá contigo e com todos os teus parentes, vós que quebrais juramentos; pois, no dia em que o mataste, mal te lembraste de como misturaste teu sangue ao sangue de Sigurd, e com uma má recompensa o recompensaste por todo o bem que te fez; pois ele te tornou o mais poderoso dos homens.

2.2 E ficou bem provado como se manteve firme ao juramento que fizera, quando veio a mim e pôs entre nós a espada de gume afiado, endurecida em veneno. Cedo demais começastes a fazer o mal contra ele e contra mim, quando eu vivia em casa com meu pai, tinha tudo o que desejava e não queria que nenhum de vós fosse meu, quando entrastes a cavalo em nosso pátio, os três reis juntos.

2.3 Mas então Atli me chamou à parte em segredo e perguntou se eu não queria aquele que montava Grani; sim, um homem em nada parecido convosco. Mas naqueles dias dei minha palavra ao filho do rei Sigmund, e a nenhum outro; e agora, com minha morte, vossa sorte não será melhor."

3 Então Gunnar se levantou, passou os braços ao redor do pescoço dela e lhe implorou que vivesse e aceitasse suas riquezas; e todos os outros também tentaram impedi-la de morrer. Mas ela afastou todos e disse que não cabia a ninguém impedi-la de fazer sua vontade.

4 Então Gunnar chamou Hogni, pediu-lhe conselho e mandou que fosse até ela para ver se, por acaso, conseguiria abrandar seu coração terrível, dizendo também que agora já tinham bastante com que se ocupar ao aliviar a dor dela, até que o tempo passasse.

5 Mas Hogni respondeu: "Não, que ninguém a impeça de morrer; pois ela não nos trará benefício algum, nem nos trouxe benefício desde que veio para cá!

6 Então ela mandou trazer muito ouro e chamou todos os que quisessem riquezas. Depois apanhou uma espada, cravou-a sob a axila, tombou de lado sobre as almofadas e disse: "Venha tomar ouro quem quiser!"

7 Mas todos ficaram em silêncio, e ela disse: "Tomai o ouro e alegrai-vos com ele!"

8 E então disse a Gunnar: "Agora, por um pouco de tempo, falarei do que acontecerá depois; pois logo fareis as pazes com Gudrun, pelo conselho de Grimhild, a Sábia; e a filha de Gudrun e Sigurd será chamada Swanhild, a mais bela de todas as mulheres que nasceram. Gudrun será dada a Atli, embora contra a vontade dela.

8.2 Tu desejarás ter Oddrun, mas Atli te proibirá; contudo vos encontrareis em segredo, e ela te amará muito. Atli te trairá e te lançará num recinto de serpentes; depois Atli e seus filhos serão mortos, e Gudrun será quem os matará. Mais tarde, as grandes ondas a levarão à fortaleza do rei Jonakr, a quem ela dará filhos de grande fama.

8.3 Swanhild será enviada para fora da terra e dada ao rei Jormunrek; e o conselho de Bikki lhe causará dano, e com isso toda a vossa linhagem desaparecerá; e mais dores virão para Gudrun.

9 "E agora te peço, Gunnar, um último favor. Manda fazer uma grande pira nos prados planos para todos nós: para mim, para Sigurd e para os que foram mortos com ele.

9.2 Que ela seja coberta com um tecido tingido de vermelho pelo povo dos gauleses, [1] e que eu seja queimada nela de um lado do rei dos hunos, e do outro aqueles meus homens, dois à cabeça e dois aos pés, e também dois falcões; e assim tudo estará dividido igualmente.

9.3 E põe entre nós uma espada desembainhada, como nos outros dias em que nós dois nos deitamos juntos numa mesma cama; e então poderemos ser chamados marido e mulher, e a porta não se fechará atrás dele quando eu o seguir.

9.4 E não será pequena a comitiva se o seguirem aquelas cinco escravas e oito escravos que meu pai me deu, e se também forem queimados ali os que foram mortos com Sigurd.

10 "Ainda diria mais, se não fossem minhas feridas, mas meu sopro de vida se esvai; as feridas se abrem, mas eu disse a verdade."

11 Então o corpo de Sigurd foi preparado segundo o costume antigo, e uma grande pira foi erguida. Quando ela já começava a arder, puseram sobre ela o corpo de Sigurd, o Matador de Fafnir, e seu filho de três anos, que Brynhild mandara matar, e também Guttorm. E quando a pira estava toda em chamas, Brynhild foi levada até ela, depois de falar com suas criadas e mandar que recebessem o ouro que desejava lhes dar. Então Brynhild morreu e foi queimada ali ao lado de Sigurd, e assim terminaram seus dias de vida.

12 [1] No original está "raudu manna blodi", tingido de vermelho no sangue de homens; erro do próprio autor da saga ao interpretar a palavra "Valaript" na passagem correspondente do breve canto de Sigurd. — Trad.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIII. GUDRUN SE CASA COM ATLI

✦

1 Ora, todos os que ouvem esses acontecimentos dizem que ninguém como Sigurd ficou no mundo depois dele, nem jamais nasceu homem semelhante, por todo o seu valor; e seu nome jamais perderá a grandeza com o passar dos anos na língua holandesa nem em todas as Terras do Norte, enquanto o mundo existir.

2 Conta a história que, certo dia, enquanto Gudrun estava sentada em seus aposentos, começou a dizer: "Melhor era a vida naqueles dias em que eu tinha Sigurd; ele estava muito acima dos outros homens, como o ouro está acima do ferro, ou o alho-poró acima das outras ervas do campo, ou o cervo acima dos outros animais selvagens; até que meus irmãos passaram a invejar que eu tivesse tal homem, o primeiro e melhor de todos; e assim não conseguiram dormir antes de matá-lo. Grani fez um grande clamor quando viu seu dono e senhor gravemente ferido, e então falei com ele como se falasse com um homem, mas ele se deixou abater até o chão, pois sabia que Sigurd fora morto."

3 Depois disso, Gudrun partiu para as florestas selvagens e ouviu por toda parte, ao seu redor, o uivo dos lobos, e julgou a morte mais alegre que a vida. Então seguiu até chegar ao salão do rei Alf e ficou ali na Dinamarca com Thora, filha de Hakon, por sete estações, e foi bem acolhida.

3.2 E estendeu diante de si seu bordado, no qual representou muitos feitos grandiosos e belos divertimentos à maneira daqueles dias, espadas e cotas de malha, todos os apetrechos dos reis e o navio do rei Sigmund navegando ao longo da costa; sim, e bordaram ali como Sigar e Siggeir lutaram ao sul, em Fion. Assim se distraíam; e agora Gudrun estava um pouco consolada de sua dor.

4 Então Grimhild soube onde Gudrun havia se estabelecido, chamou seus filhos para conversar e perguntou se dariam a Gudrun uma reparação por seu filho e seu marido, e disse que era justo e correto fazê-lo.

5 Então Gunnar falou e disse que repararia as dores dela com ouro.

6 Assim, mandaram chamar seus amigos e prepararam seus cavalos, seus elmos, seus escudos, suas cotas de malha e todo o seu equipamento de guerra; e sua viagem foi organizada da maneira mais nobre, e nenhum guerreiro entre os grandes homens pôde ficar em casa. Seus cavalos estavam cobertos de malha, e cada cavaleiro tinha seu elmo revestido de ouro ou de prata.

7 Grimhild foi com eles, pois disse que a missão nunca seria bem cumprida se ela ficasse em casa.

8 Havia bem quinhentos homens, e homens nobres cavalgavam com eles. Ali estavam Waldemar da Dinamarca, Eymod e também Jarisleif. Assim foram ao salão do rei Alf, onde os aguardavam os lombardos, os francos e os saxões. Seguiam com todo o seu equipamento de guerra e usavam por cima mantos de pele vermelhos. Assim diz a canção:

9 "Cotas de malha curtas,
Fortes elmos martelados,
Cingidos de boas espadas,
Cabelos ruivos reluzindo."

10 Desejavam escolher bons presentes para a irmã e falavam com ela com doçura, mas ela não confiava em nenhum deles. Então Gunnar lhe trouxe uma bebida misturada com coisas nocivas, e ela teve de bebê-la; e, depois de beber, já não se lembrava da culpa deles contra ela.

11 Mas naquela bebida estavam misturados o poder da terra e do mar e o sangue do filho dela; e naquele chifre estavam gravados todos os sinais, tingidos de vermelho com sangue, como se diz a seguir:

12 "Na face do chifre estavam
Todos os tipos de sinais,
Bem gravados e tingidos de vermelho;
Como poderia eu interpretá-los bem?
O longo peixe-lingue
Da terra de Hadding,
Espigas de trigo não cortadas,
E entranhas de animais selvagens.

13 Naquela cerveja estavam misturados
Muitos males juntos,
Sangue de toda a floresta
E bolotas tostadas até escurecer,
O orvalho negro da lareira,

As entranhas da fera morta por sentença divina,
E o fígado cozido do porco,
Pois isso amortece todas as ofensas.

14 E assim, quando seus corações se aproximaram uns dos outros, fizeram grande festa. Então Grimhild veio até Gudrun e disse:

15 "Salve, filha! Eu te dou ouro e toda espécie de coisas boas para receberes como herança de teu pai, anéis de alto preço e roupas de cama das donzelas dos hunos, as mais corteses e bem vestidas de todas as mulheres; e assim fica reparada a perda de teu marido. Depois serás dada a Atli, o poderoso rei, e serás senhora de todo o seu poder. Não afastes todos os teus amigos por causa de um só homem, mas faze conforme te mandamos."

16 Gudrun respondeu: "Nunca me casarei com o rei Atli; não convém que tenhamos filhos juntos."

17 Grimhild disse: "Não alimentes tua ira; quando tiveres filhos, será para ti como se Sigurd e Sigmund estivessem vivos."

18 Gudrun disse: "Não consigo afastar meu coração dos pensamentos nele, pois ele era o primeiro de todos os homens."

19 Grimhild disse: "Está destinado que tenhas este rei, e nenhum outro."

20 Gudrun disse: "Não me dês esse homem, pois um mal virá dele sobre tua família, e ele fará mal aos próprios filhos e depois receberá em troca uma vingança terrível."

21 Então Grimhild se enfureceu com aquelas palavras e disse: "Faze conforme te mandamos e recebe por isso grande honra, nossa amizade e também as propriedades chamadas Vinbjorg e Valbjorg."

22 E havia tanta força nas palavras dela que assim teve de acontecer.

23 Então Gudrun disse: "Assim terá de ser, por mais que seja contra minha vontade, e disso virá pouca alegria e grande dor."

24 Então os homens montaram em seus cavalos, e as mulheres foram acomodadas em carroças. Viajaram quatro dias a cavalo, outros quatro de navio e mais quatro por terra e estrada, até que por fim chegaram a um salão de construção elevada.

24.2 Então muita gente veio em multidão ao encontro de Gudrun; e ali se fez uma festa esplêndida, conforme o que fora combinado entre as duas famílias, e tudo transcorreu com grande pompa e majestade. E naquela festa Atli celebrou seu casamento com Gudrun; mas o coração dela nunca se alegrou com ele, e a vida dos dois juntos teve pouca doçura e afeto.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIV. ÁTLI CONVIDA OS GJÚKINGS

✦

1 Agora conta a história que, certa noite, o rei Átli acordou do sono e falou com Gudrun—

2 “Sonhei”, disse ele, “que tu me atravessavas com uma espada.”

3 Então Gudrun interpretou o sonho e disse que ele anunciava fogo, pois, quando as pessoas sonhavam com ferro, isso era sinal de fogo. “Talvez seja por causa do teu orgulho, já que te consideras o primeiro entre os homens.”

4 Átli disse: “Também sonhei que aqui cresciam duas mudas de sorveira [1], e eu queria muito que nada de mal lhes acontecesse por minha causa; então foram arrancadas pela raiz e ficaram vermelhas de sangue, levadas ao banco, e me mandaram comê-las.”

5 “E sonhei outra vez que dois falcões voavam da minha mão, famintos e sem alimento, e iam para o inferno. Parecia-me que seus corações estavam misturados com mel, e que eu os comia.”

6 “E ainda sonhei que dois belos cachorrinhos estavam diante de mim, ganindo alto, e que comi a carne deles, embora não quisesse fazê-lo.”

7 Gudrun diz: “Esses sonhos não são bons, mas vão se cumprir; certamente teus filhos estão perto da morte, e muitas coisas dolorosas cairão sobre nós.”

8 “Também sonhei”, disse ele, “que eu estava deitado num banho, e as pessoas tramavam me matar.”

9 Com o tempo, essas coisas foram passando, mas a vida deles juntos de modo algum era feliz.

10 Então Átli começou a pensar em como poderia obter todo aquele ouro que pertencera a Sigurd, mas que agora estava nas mãos do rei Gunnar e de seus irmãos.

11 Átli era um grande e poderoso rei, sábio e senhor de muitos homens. Então começou a consultar seu povo sobre seus planos. Sabia bem que Gunnar e seus irmãos tinham mais riquezas que qualquer outro, por isso decidiu mandar homens até eles, convidá-los para um grande banquete e honrá-los de várias maneiras. O principal desses mensageiros chamava-se Vingi.

12 A rainha ficou sabendo da conspiração e desconfiou que aquilo significasse algum engano contra seus irmãos. Então gravou runas, pegou um anel de ouro, amarrou nele um pelo de lobo e o entregou aos mensageiros do rei.

13 Depois eles partiram conforme as ordens do rei. Antes mesmo de chegarem a terra, Vingi examinou as runas e as alterou, como se Gudrun estivesse pedindo aos irmãos, por meio delas, que fossem encontrar o rei Átli.

14 Depois chegaram ao salão do rei Gunnar, onde foram bem recebidos. Acenderam grandes fogueiras, e eles beberam os melhores vinhos com muita alegria.

15 Então Vingi disse: “O rei Átli me envia até vocês e deseja que vão à sua casa, onde serão recebidos com toda a honra e receberão dele grandes honrarias: elmos e escudos, espadas e cotas de malha, ouro e belas roupas, cava-

los, exércitos e terras vastas e extensas. Pois, diz ele, acima de tudo deseja entregar seu reino e seu domínio a vocês."

16 Então Gunnar virou a cabeça para o lado e falou com Hogni—

17 "Como devemos entender esse convite? Ele nos oferece poder e riqueza, mas não conheço reis que tenham tanto ouro quanto nós, pois temos todo o tesouro que estava em Gnitaheath. Nossos salões são grandes e cheios de ouro, de armas de guerra e de todo tipo de vestimenta de batalha. Sei bem que, entre todos os homens, meu cavalo é o melhor, minha espada é a mais afiada e meu ouro é o mais magnífico."

18 Hogni responde: "Acho muito estranho esse convite, pois ele raramente agiu assim, e seria imprudente irmos até ele. Olhem, quando vi esses presentes preciosos que o rei nos manda, estranhei ver um pelo de lobo amarrado a certo anel de ouro. Talvez Gudrun ache que ele está com intenções de lobo contra nós e não queira que façamos essa viagem."

19 Mesmo assim, Vingi lhe mostra as runas que dizia terem sido enviadas por Gudrun.

20 A maioria das pessoas foi dormir, mas alguns continuaram bebendo. Kostbera, esposa de Hogni e a mais bela das mulheres, veio até eles e examinou as runas.

21 A esposa de Gunnar era Glaumvor, uma mulher de grande coragem.

22 Então os dois anfitriões serviram a bebida, e os reis beberam até ficarem muito embriagados. Vingi percebeu isso e disse—

23 “Não posso esconder que o rei Átli está com as pernas fracas e velho demais para proteger seu reino; mas seus filhos são jovens e não têm importância. Ele quer lhes dar o governo de seus reinos enquanto eles ainda são tão jovens e, acima de tudo, deseja que vocês desfrutem disso antes de todos os outros.”

24 Assim aconteceu que Gunnar estava bêbado e lhe ofereceram um grande domínio. Ele não podia lutar contra o destino que lhe estava reservado; por isso, prometeu ir e contou isso a seu irmão Hogni.

25 Mas ele respondeu: “Agora tua promessa deve ser cumprida. Não deixarei de te acompanhar, mas não quero de modo algum fazer essa viagem.”

26 [1] Sorveira-brava; “pyrus sorbus domestica” ou “p. s. tormentalis.”

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXV. OS SONHOS DAS ESPOSAS DOS GJÚKINGS

✦

1 Depois que todos beberam à vontade, foram dormir. Então Kostbera começou a examinar as runas e a decifrar as letras. Viu que havia outras coisas gravadas por baixo e que as runas eram enganosas; mas, por sua sabedoria, soube interpretá-las corretamente. Depois foi para a cama ao lado do marido; quando acordaram, ela falou com Hogni—

2 "Estás decidido a partir de casa, mas isso é imprudente; espera até outra ocasião! Não deves ser muito bom em ler runas se achas que viste nelas um pedido de tua irmã para fazer essa viagem. Eu li as runas e me espantei que uma mulher tão sábia como Gudrun pudesse tê-las gravado de maneira errada; mas o que está por baixo traz a tua ruína. Ou ela deixou faltar uma letra, ou alguém alterou as runas de propósito."

3 "Agora escuta meu sonho: parecia-me que um rio muito forte invadia este lugar e destruía as vigas do salão."

4 Ele respondeu: "Vocês, mulheres, muitas vezes ficam apreensivas, mas eu não sou de tratar mal quem não merece. Talvez ele nos receba bem."

5 Ela respondeu: "Vocês mesmos vão descobrir, mas esse convite não traz amizade. Também sonhei que outro rio invadia este lugar com grande e terrível violência, arrancava o estrado do salão e quebrava as pernas de vocês dois, irmãos. Isso certamente significa alguma coisa."

6 Ele responde: “São os prados ao longo do nosso caminho que viste como um rio; quando atravessamos os prados, as sementes do feno se prendem em abundância às nossas pernas.”

7 “Também sonhei”, diz ela, “que tua capa pegava fogo e que as chamas subiam acima do salão.”

8 Ele diz: “Sei o que isso significa: minhas belas roupas tingidas estão aqui e vão queimar e pegar fogo, como em teu sonho com a capa.”

9 “Parecia-me que um urso entrava”, diz ela, “e destruía o trono do rei. Sacudia as patas de tal modo que todos ficamos apavorados; depois nos juntou todos na boca, e não pudemos nos defender. Isso nos encheu de grande horror.”

10 Ele respondeu: “Vai acontecer alguma grande tempestade, já que imaginaste um urso branco.”

11 “Parecia-me que uma águia entrava”, diz ela, “e voava pelo salão, encharcando a mim e a todos nós de sangue. Isso deve significar algo ruim, pois me parecia ser a imagem do rei Átli.”

12 Ele respondeu: “Muitas vezes abatemos animais sem cerimônia e matamos grandes bois para nosso banquete. O sonho com a águia só tem a ver com bois. Átli está de coração aberto para nós.”

13 E assim encerraram a conversa.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVI. A VIAGEM DOS GJÚKINGS AO REI ÁTLI

✦

1 Agora conta a história de Gunnar: com ele aconteceu o mesmo. Quando acordaram, Glaumvor, sua esposa, contou-lhe muitos sonhos que, a seu ver, anunciavam que estavam prestes a ser enganados; mas Gunnar interpretou todos de outra maneira.

2 "Este foi um deles", disse ela: "parecia-me que traziam para este salão uma espada ensanguentada, com a qual te atravessavam; em cada ponta da espada uivavam lobos."

3 O rei respondeu: "Talvez cães raivosos me mordam; armas manchadas de sangue muitas vezes anunciam mordidas de cães."

4 Ela disse: "Também sonhei que entravam mulheres tristes e abatidas e te escolhiam como companheiro. Talvez fossem mulheres destinadas a trazer tua morte."

5 Ele respondeu: "É difícil interpretar isso, e ninguém pode mudar o tempo que lhe foi destinado. Não é impossível que me reste pouco tempo." [1]

6 Então, pela manhã, levantaram-se e se prepararam para a viagem, mas algumas pessoas tentaram impedi-los.

7 Então Gunnar gritou para o homem chamado Fjornir—

8 “Levanta-te e serve-nos bom vinho de grandes tonéis, pois talvez este seja o último de todos os nossos banquetes. Se morrermos, o velho lobo ficará com o ouro, e aquele urso não deixará de cravar as presas de guerra.”

9 Então todos os seus criados os acompanharam chorando.

10 O filho de Hogni disse—

11 “Vão em paz e que tenham bons ventos.”

12 A maior parte de seus homens ficou para trás. Solar e Snaevar, filhos de Hogni, foram com eles, assim como um grande guerreiro chamado Orkning, irmão de Kostbera.

13 As pessoas os acompanharam até os navios e tentaram impedi-los de partir, mas nada conseguiram.

14 Então Glaumvor falou e disse—

15 “Ó Vingi, parece muito provável que tua chegada traga grande desgraça, e coisas terríveis e malignas acontecerão em tua viagem.”

16 Ele respondeu: “Escutem minha resposta: não estou mentindo. Que a forca alta e tudo o que é terrível me levem, se eu disser uma só palavra falsa!”

17 Então Kostbera exclamou: “Vão em paz e tenham dias felizes.”

18 E Hogni respondeu: “Mantenham o ânimo, aconteça o que acontecer conosco!”

19 E assim se separaram, cada um seguindo seu próprio destino. Remaram para longe com tanta força e rapidez que quase metade da quilha se soltou do navio; remaram com tanta força que os toletes e a amurada se

quebraram.

20 Quando chegaram a terra, prenderam o navio e depois cavalgaram por algum tempo em seus nobres corcéis através da floresta escura e selvagem.

21 Então avistaram o exército do rei e ouviram um enorme tumulto e o clangor das armas. Viram ali uma multidão imensa de homens e suas diversas formações, enquanto se preparavam para a batalha; todos os portões da cidade estavam cheios de homens.

22 Cavalgaram até a cidade, mas seus portões estavam fechados. Então Hogni arrombou os portões, e eles entraram na cidade.

23 Então Vingi disse: "Bem que vocês poderiam ter deixado de fazer isso. Fiquem aqui enquanto vou procurar a árvore da forca de vocês! Convidei vocês para cá com palavras doces e suaves, mas por trás delas havia algo terrível; falta pouco para serem amarrados àquela árvore!"

24 Hogni respondeu: "Isso não nos fará hesitar. Acho que nunca recuamos quando os homens começaram a lutar; de nada adianta tentar nos assustar — e tu preparaste um destino terrível para ti mesmo."

25 Então o derrubaram no chão e o golpearam com seus machados de guerra até que morreu.

26 [1] Crenças semelhantes às mencionadas nos capítulos anteriores e em outras partes deste livro, sobre encantamentos, sonhos, bebidas e coisas do gênero entre os povos ingleses, podem ser encontradas em "Leechdoms, Wortcunning, and Starcraft of the Anglo-Saxons; being a collection of Do-

cuments illustrating the History of Science in this Country before the Norman Conquest". Ed.: Rev. T. O. Cockayne, M.A. (3 vols.) Longmans, Londres, 1864, 8vo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVII. A BATALHA NO SALÃO DO REI ÁTILA

✦

1 Então cavalgaram até o salão do rei, e o rei Átila organizou seu exército para a batalha. As fileiras foram dispostas de modo que havia uma parede entre eles e os irmãos.

2 “Sejam bem-vindos”, disse ele. “Entreguem-me o abundante ouro que é meu por direito: a riqueza que Sigurd possuía e que agora pertence a Gudrun por direito.”

3 Gunnar respondeu: “Nunca conseguirás essa riqueza; terás de enfrentar homens poderosos aqui, ou perderemos a vida antes de nos rendermos, se quiseres lutar conosco. Ah, talvez prepares este banquete como um grande homem, mas não conterias tua mão diante da águia e do lobo!”

4 “Há muito tempo eu pensava”, disse Átila, “em tirar a vida de vocês e ficar com o ouro, e em castigá-los por aquele ato vergonhoso em que enganaram o melhor de toda a sua família. Mas agora vou vingá-lo.”

5 Hogni respondeu: “De pouco adianta ficar remoendo esse plano por muito tempo e deixar o trabalho por fazer.”

6 E então começaram uma luta feroz, que de início foi travada com flechas.

7 Nesse momento, a notícia chegou a Gudrun. Quando soube do ocorrido, ficou furiosa, tirou o manto e correu para fora. Deu as boas-vindas aos recém-chegados, beijou os irmãos e demonstrou todo o seu afeto por eles. Aquele foi o último cumprimento que trocaram.

8 Então ela disse: “Pensei que tivesse dado conselhos para que vocês não viessem até aqui, mas ninguém pode escapar do destino que lhe foi traçado.” E acrescentou: “Adiantaria alguma coisa pedir paz?”

9 Mas eles responderam com firmeza e severidade que não. Então ela viu que a situação estava muito ruim para os irmãos, reuniu toda a sua coragem, vestiu uma cota de malha, pegou uma espada e lutou ao lado deles, avançando tanto quanto os homens mais corajosos. Todos diziam que nunca tinham visto defesa mais bela que a dela.

10 Os homens caíam às dezenas, e a luta daqueles irmãos superava a de todos os outros. A batalha durou muito tempo, até o meio-dia. Gunnar e Hogni atravessaram as tropas de Átila, e a história conta que todo o salão ficou vermelho de sangue. Os filhos de Hogni também atacaram com bravura.

11 Então o rei Átila disse: “Temos um exército belo e numeroso, e também campeões poderosos. Mesmo assim, muitos dos nossos caíram, e estou muito descontente por dezenove dos meus campeões terem sido mortos e só seis terem sobrevivido.”

12 Então houve uma pausa na batalha.

13 O rei Átila disse: “Éramos quatro irmãos, e agora fiquei sozinho. Casei-me com uma parentela numerosa e pensei que isso favoreceria minha sorte. Tive uma esposa bela e sábia, de espírito elevado e grande coragem. Mas não posso desfrutar de sua sabedoria, pois há pouca paz entre nós. E vocês mataram muitos dos meus parentes, tiraram de mim reino e riquezas e, de todas as minhas desgraças, a maior foi terem matado também minha irmã.”

14 Hogni respondeu: “Por que falas tanto? Foste tu o primeiro a romper a paz. Levaste minha parente e a deixaste morrer de fome; assassinaste-a e tomaste sua riqueza. Um ato terrível para um rei! Acho ridículo e digno de zombaria que precises contar longamente teus sofrimentos. Antes, agradeço aos deuses por tua desgraça.”

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVIII. DA MORTE DOS GIUKINGS

✦

1 O rei Átila incitou seus homens a atacar com violência, e eles lutaram com ardor. Mas os Giukings atacaram com tanta força que o rei Átila recuou para o salão. A luta continuou lá dentro, mais feroz que qualquer outra.

2 Muitos homens morreram naquela batalha. Seu desfecho foi a morte de todos os homens daqueles irmãos; só os dois permaneceram de pé, embora muitos outros ainda tivessem de ir para o inferno antes que as armas os alcançassem.

3 Então atacaram o rei Gunnar. Como tantos homens investiram contra ele, conseguiram dominá-lo e o acorrentaram. Hogni continuou lutando com a maior coragem e bravura: derrubou vinte dos mais poderosos campeões do rei Átila e lançou muitos deles no fogo que ardia no salão. Todos concordavam que era raro encontrar um homem como ele. No fim, contudo, muitos o venceram e o capturaram.

4 Então o rei Átila disse: "É espantoso quantos homens morreram antes dele! Arranquem-lhe o coração, e isso será sua ruína!"

5 Hogni disse: "Faz o que quiseres; enfrentarei de bom grado tudo o que fizeres contra mim. Verás que meu coração não teme, pois já passei por provas difíceis e, enquanto estava ileso, estava disposto a suportar tudo o que pode pôr um homem à prova. Agora estou gravemente ferido, e daqui em diante só tu terás poder em nossas relações."

6 Então um conselheiro do rei Átila disse: “Vejo uma solução melhor: peguemos o escravo Hjalli e deixemos Hogni em paz. Esse escravo está destinado a morrer, pois quanto mais vive, menos vale.”

7 O escravo ouviu aquilo e gritou bem alto, fugindo para qualquer lugar onde pudesse encontrar abrigo. Gritava que, por causa da briga e da violência deles, seu destino era cruel, e que aquele era um dia terrível para ser arrancado de sua vida feliz e de seu trabalho com os porcos, para morrer. Mas eles o agarraram, apontaram uma faca para ele, e ele berrou e gritou antes mesmo de sentir a ponta.

8 Então Hogni falou de um modo raro em alguém que passa por uma situação tão difícil: pediu que poupassem a vida do escravo. Disse que não suportava aqueles gritos e que preferia levar a provação até o fim. Assim, por enquanto, o escravo escapou da morte. Mas Gunnar e Hogni foram ambos acorrentados.

9 Então o rei Átila falou com o rei Gunnar e mandou que lhe dissesse onde estava o ouro, se quisesse continuar vivo.

10 Mas ele respondeu: “Antes quero ver o coração ensanguentado de Hogni, meu irmão.”

11 Então agarraram o escravo de novo, arrancaram-lhe o coração e o levaram ao rei Gunnar. Mas ele disse:

12 “Aqui podem ver o coração fraco de Hjalli, tão diferente do coração orgulhoso de Hogni. Ele treme agora, mas tremia ainda mais quando estava no peito dele.”

13 Então atacaram Hogni, como Átila havia ordenado, e arrancaram-lhe o coração. Mas a coragem dele era tão grande que riu enquanto suportava aquela tortura. Todos admiraram seu valor, e desde então sua lembrança é honrada para sempre. [1]

14 Então mostraram o coração a Gunnar, e ele disse:

15 "O poderoso coração de Hogni é tão diferente do coração fraco de Hjalli: se agora treme tão pouco, tremeu ainda menos quando estava em seu peito! Mas agora, Átila, assim como nós morremos, tu também morrerás. Só eu sei onde está o ouro, e Hogni já não poderá contá-lo. Enquanto nós dois vivíamos, o assunto ainda estava em aberto na minha mente; agora decidi por mim mesmo, e que o rio Reno fique com o ouro, em vez de os hunos o carregarem nas mãos."

16 Então o rei Átila disse: "Levem o prisioneiro embora." E assim fizeram.

17 Mas Gudrun chamou seus homens, foi até Átila e disse:

18 "Que te aconteça o mal, agora e daqui em diante, assim como quebraste tua palavra comigo!"

19 Então Gunnar foi lançado numa cova cheia de serpentes, e muitas serpentes estavam lá. Suas mãos foram amarradas com firmeza. Mas Gudrun mandou-lhe uma harpa, e ele mostrou sua habilidade tocando-a com os dedos dos pés. Tocou tão bem que poucos acreditariam ter ouvido alguém tocar assim, mesmo com as mãos.

19.2 Tocou com tanta força e talento que, por fim, todas as serpentes adormeceram, menos uma víbora, grande e de aspecto terrível, que rastejou até ele e cravou o ferrão em seu corpo, atingindo-lhe o coração. Assim, com grande coragem, ele chegou ao fim de seus dias.

20 [1] “Sidh” significa “depois”, e “dham”, “isso”.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIX. O FIM DE ATLI, DE SEUS PARENTES E DE SEU POVO

✦

1 Então o rei Atli pensou que havia conquistado uma grande vitória e falou com Gudrun como se zombasse muito dela, ou como se quisesse se engrandecer diante dela. «Gudrun», disse ele, «assim perdeste teus irmãos, e tu mesma causaste isso.»

2 Ela respondeu: «Vives satisfeito, enquanto me lanças na cara esses assassinatos, mas talvez venhas a lamentar quando provares o que ainda está por vir. De tudo o que tenho, a lembrança do teu coração cruel será o que mais durará, e nada te correrá bem enquanto eu viver.»

3 Ele respondeu: «Façamos as pazes. Vou compensar a perda de teus irmãos com ouro e coisas valiosas, como teu coração desejar.»

4 Ela respondeu: «Há muito tempo nossa convivência é difícil, e agora digo que, enquanto Hogni ainda vivia, poderias ter feito isso. Mas agora jamais conseguirás compensar no meu coração a perda de meus irmãos. Ainda assim, muitas vezes nós, mulheres, somos vencidas pela força de vocês, homens. Agora todos os meus parentes morreram, e só tu restas para me governar. Por isso, meu conselho é que façamos um grande banquete, no qual celebrarei o funeral de meu irmão e também de teus parentes.»

5 Assim ela amaciou e tornou gentis suas palavras, embora por baixo delas houvesse outras intenções. Ele, contudo, escutou-a de bom grado e confiou em suas palavras, pois ela falava com doçura.

6 Assim, Gudrun celebrou o banquete fúnebre de seus irmãos, e o rei Atli, o de seus homens. Foi um banquete grandioso e suntuoso.

7 Mas Gudrun não esqueceu sua dor; ficou pensando em como poderia infligir grande vergonha ao rei. Ao anoitecer, chamou para perto de si os filhos que tivera com o rei Atli, enquanto brincavam pelo salão. Os meninos ficaram abatidos e perguntaram o que ela queria fazer com eles.

8 «Não me perguntem», disse ela. «Vocês dois vão morrer!»

9 Eles responderam: «Podes fazer com teus filhos o que quiseres, e ninguém te impedirá, mas será uma vergonha para ti cometer esse ato.»

10 Apesar disso, ela cortou a garganta dos dois.

11 Então o rei perguntou onde estavam seus filhos, e Gudrun respondeu: «Vou te contar e alegrar teu coração com a notícia. Eis que causaste uma grande dor para mim ao matar meus irmãos. Agora escuta o que tenho a dizer e o que fiz: perdeste teus filhos; as cabeças deles viraram taças sobre esta mesa, e tu mesmo bebeste o sangue deles misturado com vinho. Quanto aos corações, eu os assei num espeto, e tu os comeste.»

12 O rei Atli respondeu: «És cruel por teres matado teus filhos e me dado sua carne para comer. Mal termina um ato terrível teu, e já vem outro.»

13 Gudrun disse: «Meu coração quer te infligir a maior vergonha possível. A medida do mal nunca será suficiente para um rei como tu.»

14 O rei disse: «Fizeste coisas piores do que se pode contar, e há grande insensatez em planos tão terríveis. Mereces ser queimada viva numa fogueira, depois de primeiro seres apedrejada até a morte, pois assim terias o que tanto te empenhaste em buscar.»

15 Ela respondeu: «Estás prevendo a tua própria morte, mas outro destino me aguarda.»

16 E muitas outras palavras disseram, tomados pela ira.

17 Hogni tinha deixado vivo um filho, chamado Niblung, que guardava grande rancor do rei Atli. Ele fez saber a Gudrun que vingaria o pai. Ela recebeu bem suas palavras, e os dois começaram a conversar sobre isso. Ela disse que seria uma grande felicidade se conseguissem levar o plano adiante.

18 Numa noite, quando o rei havia bebido, foi para a cama. Depois que adormeceu, Gudrun e o filho de Hogni foram até ele.

19 Gudrun pegou uma espada e a enfiou no peito do rei Atli. Os dois participaram do ato: ela e o filho de Hogni.

20 Então o rei Atli despertou com o ferimento e gritou: «Não adianta me amarrar nem me tratar! Quem fez isso?»

21 Gudrun disse: «Eu, Gudrun, tive parte nisso, e o filho de Hogni também.»

22 Atli disse: «Não te ficava bem fazer isso, embora houvesse alguma injustiça entre nós. Tu te casaste comigo por conselho de teus parentes, e paguei um dote por ti: trinta nobres cavaleiros, belas donzelas e muitos outros homens. Mesmo assim, não te contentaste, a menos que governasses as terras que pertenciam ao rei Budli. E muitas vezes deixaste tua sogra sentada a chorar.»

23 Gudrun disse: «Disseste muitas mentiras, e não dou valor a nenhuma delas. Muitas vezes fui dura de temperamento, mas tu contribuíste muito para isso. Nesta tua casa, muitas vezes houve brigas: parentes lutaram contra parentes, amigos contra amigos, e todos se enfrentaram. Eu vivia dias melhores quando estava com Sigurd: matávamos reis e tomávamos suas riquezas, mas dávamos paz a quem a desejasse. Os grandes se submetiam a nós, e dávamos poder a quem quisesse recebê-lo. Então o perdi.

23.2 Ser chamada de viúva foi pouca coisa; a maior das dores foi vir para junto de ti — eu, que antes tivera o mais nobre de todos os reis, enquanto tu nunca saíste de uma batalha com nada além da pior parte.»

24 O rei Atli respondeu: «Nada do que dizes é verdade, e esta conversa não vai melhorar a sorte de nenhum de nós, pois tudo já se perdeu. Agora, contudo, trata-me com dignidade e prepara meu cadáver com honras.»

25 «Sim, farei isso», disse ela. «Mandarei fazer para ti um belo túmulo e construir uma digna morada de pedra. Envolverei teu corpo em linho fino e cuidarei de tudo o que for necessário.»

26 Com isso, ele morreu, e ela cumpriu sua palavra. Depois, atearam fogo ao salão.

27 Quando os homens e os nobres despertaram em meio àquele terror e confusão, não esperaram pelo fogo: mataram uns aos outros e assim morreram. Desse modo, o rei Atli e todo o seu povo chegaram ao fim da vida. Gudrun não queria continuar vivendo depois de ter feito aquilo, mas sua hora ainda não havia chegado.

28 Como contam as histórias, os Volsungos e os Giukingos foram os homens mais corajosos e poderosos de todos, como bem se pode ver escrito nas antigas canções.

29 Mas, com as notícias que acabamos de contar, esses conflitos chegaram ao fim.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XL. COMO GUDRUN SE LANÇOU AO MAR, MAS FOI LEVADA DE VOLTA À PRAIA

✦

1 Gudrun teve com Sigurd uma filha chamada Swanhild. Ela era a mais bela de todas as mulheres e tinha os olhos vivos como os do pai, de modo que poucos ousavam olhar para ela sob as sobrancelhas. Sua beleza superava a de todas as outras mulheres tanto quanto o sol supera as demais luzes do céu.

2 Certo dia, Gudrun desceu até o mar, juntou pedras nos braços e entrou na água, pois queria pôr fim à própria vida. Mas ondas poderosas a empurraram mar adentro e a mantiveram à tona até que, por fim, chegou ao castelo do rei Jonakr, um rei poderoso e senhor de muitos povos. Ele tomou Gudrun como esposa, e os filhos dos dois foram Hamdir, Sorli e Erp. Swanhild também foi criada ali.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLI. DO CASAMENTO E DA MORTE DE SWANHILD

✦

1 Jormunrek era o nome de um rei poderoso daqueles tempos, e seu filho se chamava Randver. Certo dia, o rei chamou o filho para conversar e disse: «Vais numa missão minha ao rei Jonakr, junto com meu conselheiro Bikki, pois Swanhild, filha de Sigurd, o matador de Fafnir, está sendo criada junto ao rei Jonakr. Sei com certeza que ela é a donzela mais bela que vive sob o sol deste mundo. Quero tê-la como esposa acima de todas as outras, e tu irás pedi-la em casamento para mim.»

2 Randver respondeu: «É justo e apropriado, meu senhor, que eu vá cumprir tuas ordens.»

3 Assim o rei preparou a viagem como convinha, e eles partiram até chegar à morada do rei Jonakr. Lá viram Swanhild e ficaram maravilhados com tanta beleza e riqueza.

4 Certo dia, Randver chamou o rei para conversar e disse: «O rei Jormunrek deseja ser teu parente por casamento, pois ouviu falar de Swanhild e quer tê-la como esposa. Não se pode dizer que ela será dada a homem mais poderoso do que ele.»

5 O rei disse: «É uma aliança muito honrosa, pois ele é um homem famoso.»

6 Gudrun disse: «É incerta a confiança na sorte, pois ela pode mudar!»

7 Ainda assim, com o apoio do rei e depois de todas as providências necessárias, o pedido de casamento foi aceito. Swanhild foi para o navio acompanhada por uma bela comitiva e sentou-se na popa, ao lado do filho do rei.

8 Então Bikki disse a Randver: «Como seria bom e justo que tu mesmo te casasses com uma mulher tão linda, em vez daquele velho ali.»

9 Aquelas palavras agradaram ao filho do rei. Ele falou com ela em palavras doces, e ela respondeu da mesma maneira.

10 Assim chegaram à terra e foram até o rei. Bikki lhe disse: «É justo e apropriado, senhor, que saibas o que aconteceu, embora seja difícil contar. Trata-se da tua desonra: teu filho conquistou todo o amor de Swanhild, e ela não passa de amante dele. Não deixes esse ato sem vingança.»

11 Bikki já havia dado muitos conselhos ruins ao rei, mas nenhum o atingiu tão fundo quanto esse. Ainda assim, o rei continuava a dar ouvidos a todos os seus maus conselhos. Incapaz de conter a ira, ordenou aos gritos que prendessem Randver e o amarrassem à forca.

12 Quando o levavam para a forca, Randver pegou seu falcão, arrancou-lhe as penas e mandou que o mostrassem ao pai. Ao vê-lo, o rei disse: «Agora todos podem ver que ele considera minha honra perdida, assim como as penas deste falcão.» Então mandou tirá-lo da forca.

13 Mas, nesse meio-tempo, Bikki havia conseguido o que queria, e Randver já tinha sido morto.

14 Ademais, Bikki disse: «Não há ninguém de quem tenhas mais motivos para te vingar do que Swanhild. Deixa-a morrer de maneira vergonhosa.»

15 «Sim», disse o rei, «seguiremos teu conselho.»

16 Então ela foi amarrada à entrada do castelo, e soltaram cavalos contra ela para que a pisoteassem. Mas, quando abriu bem os olhos, os cavalos não ousaram pisoteá-la. Ao ver isso, Bikki mandou cobrir-lhe a cabeça com um saco. Fizeram isso, e assim ela perdeu a vida. [1]

17 [1] Na Edda em prosa, a morte de Swanhild é um ato repentino e espontâneo do rei. Certo dia, ao voltar da caça, ele encontrou Swanhild lavando suas roupas. Então se lembrou de que ela era a causa de toda a sua dor, e por isso ele e seus homens passaram a cavalo por cima dela e a mataram.— Tradutor

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLII. GUDRUN ENVIA OS FILHOS PARA VINGAR SWANHILD

✦

1 Então Gudrun soube da morte de Swanhild e disse aos filhos: "Por que ficam aqui em paz, entre palavras alegres, enquanto Jormunrek matou sua irmã e a pisoteou vergonhosamente com os cavalos? Não há em vocês um coração como o de Gunnar ou Hogni; eles certamente teriam vingado a parenta!"

2 Hamdir respondeu: "Pouco elogiaste Gunnar e Hogni quando mataram Sigurd, e tu te banhaste no sangue dele; e teus irmãos foram mal vingados quando mataste teus próprios filhos. Ainda assim, não seria tão mau feito matar o rei Jormunrek, e tanto nos incitas a isso que não podemos suportar tuas duras palavras."

3 Gudrun andou por ali rindo e lhes deu de beber em grandes taças. Depois, conseguiu para eles boas e grandes cotas de malha, além de todo o restante do equipamento de guerra.

4 Então Hamdir disse: "Eis que esta é nossa última despedida, pois ouvirás notícias nossas e beberás uma bebida fúnebre por nós e por Swanhild."

5 E assim partiram.

6 Mas Gudrun foi para seu quarto, com o coração cheio de tristeza, e disse:

7 "Fui casada com três homens: primeiro com Sigurd, o matador de Fafnir, que foi traído e morto; de todas as minhas dores, essa foi a maior. Depois fui dada ao rei Atli, e meu coração se voltou tanto contra ele que, no furor

da minha dor, matei os filhos dele e os meus. Então me entreguei ao mar, mas suas ondas me lançaram em terra, e depois fui dada a este rei.

7.2 Entreguei Swanhild para fora do país com grandes riquezas. Eis minha maior tristeza depois de Sigurd: ela foi pisoteada e morta sob os cascos dos cavalos. Mas o mais terrível e horrendo dos sofrimentos foi Gunnar ser lançado no covil das serpentes, e o mais cruel foi arrancarem o coração de Hogni."

8 "Ah, melhor seria se Sigurd viesse ao meu encontro, e eu partisse com ele, pois agora não tenho aqui filho nem filha que me console. Não te lembras, Sigurd, das palavras que dissemos quando nos deitamos juntos, de que virias me ver, sim, até mesmo da tua morada entre os mortos?"

9 E assim chegaram ao fim as palavras de sua tristeza.

10 [1] Vestimenta (do inglês antigo “weodo”), roupa.

11 [2] Bebida fúnebre, festa de sepultamento.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLIII. O FIM DE TODA A LINHAGEM DOS GIUKINGS

✦

1 Conta-se agora a história dos filhos de Gudrun: ela havia preparado suas armaduras de tal modo que nenhum aço as atravessasse, e os proibiu de brincar com pedras ou outras coisas pesadas, pois isso lhes faria mal.

2 Enquanto seguiam seu caminho, encontraram Erp, seu irmão, e perguntaram de que modo ele os ajudaria.

3 Ele respondeu: "Assim como a mão ajuda a mão, ou o pé ajuda o pé."

4 Mas eles não entenderam nada disso e o mataram ali mesmo. Então seguiram viagem, e não demorou até Hamdir tropeçar e estender a mão para se firmar; então disse:

5 "Erp só disse a verdade, pois eu teria caído agora se a mão não tivesse me sustentado."

6 Pouco depois, Sorli tropeçou, mas se firmou nos pés e ficou de pé. Então disse:

7 "Sim, eu teria caído, se não tivesse me firmado com os dois pés."

8 E disseram que haviam feito mal ao irmão Erp.

9 Mas continuaram até chegarem à morada do rei Jormunrek. Aproximaram-se dele e o atacaram de imediato. Hamdir cortou as duas mãos dele, e Sorli, os dois pés. Então Hamdir disse:

10 "A cabeça teria sido cortada se Erp estivesse vivo, nosso irmão, que matamos no caminho e cujo valor só percebemos tarde demais." Assim diz a canção:

11 "A cabeça teria sido cortada
Se Erp ainda estivesse vivo,
Nosso irmão corajoso,
Que matamos pelo caminho,
Famoso na batalha."

12 Nisso, tiveram de desobedecer às palavras da mãe, pois precisaram enfrentar pedras. Então os homens avançaram contra eles, e eles se defenderam com bravura e nobreza, causando a morte de muitos; o ferro não os feria.

13 Mas chegou ali um certo homem, de aparência velha e caolho, [1] e disse:

14 "Vocês não são sábios, pois não conseguem acabar com esses homens."

15 Então o rei disse: "Dá-nos um conselho, se puderes."

16 Ele disse: "Matem-nos a pedradas."

17 Assim foi feito, pois as pedras voaram grossas e rápidas de todos os lados, e esse foi o fim de seus dias.

18 E agora chega ao fim toda a raiz e o tronco dos Giukings. [2]

19 AGORA, QUE TODOS OS NOBRES
TENHAM A MENTE MELHORADA,
QUE A DOR DE TODAS AS DONZELAS

SEJA SEMPRE DIMINUÍDA,
POIS ESTA HISTÓRIA DE AFLIÇÃO
CHEGOU ASSIM AO FIM.

20 [1] Odin; ele encerra a história como a iniciou.

21 [2] "E agora" etc. foi acrescentado pelos tradutores a partir da Edda Poética; a estrofe final vem de "O Desafio de Gudrun".

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0